



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS  
PÓS- GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE - PPGCOM

**MÁRCIO TELLES DE SOUZA MALTA**

**A PRESENÇA DA MULHER INDÍGENA NO INSTAGRAM: UM ESTUDO SOBRE  
AS POSTAGENS DE CÉLIA XAKRIABÁ E SÔNIA GUAJAJARA NA CAMPANHA  
ELEITORAL DE 2022**

Palmas/TO  
2024

MÁRCIO TELLES DE SOUZA MALTA

**A PRESENÇA DA MULHER INDÍGENA NO INSTAGRAM: UM ESTUDO SOBRE  
AS POSTAGENS DE CÉLIA XAKRIABÁ E SÔNIA GUAJAJARA NA CAMPANHA  
ELEITORAL DE 2022**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM) da Universidade Federal do Tocantins para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Edna de Mello Silva

Palmas/TO  
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- M261p Malta, Márcio Telles de Souza.  
A presença da mulher indígena no Instagram: um estudo sobre as postagens de Célia Xakriabá e Sônia Guajajara na campanha eleitoral de 2022. / Márcio Telles de Souza Malta. – Palmas, TO, 2024.  
110 f.  
Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Comunicação e Sociedade, 2024.  
Orientadora : Edna de Mello Silva  
1. Mulheres Indígenas. 2. Ativistas Digitais. 3. Ciberativismo. 4. Protagonismo Feminino. I. Título

**CDD 302.2**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**  
**MÁRCIO TELLES DE SOUZA MALTA**

**“A presença da mulher indígena no Instagram: um estudo sobre as postagens de Célia  
Xakriabá e Sônia Guajajara na campanha eleitoral de 2022”**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 27/03/2024.

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Edna de Mello Silva  
Universidade Federal do Tocantins

---

Dra. Claudia de Albuquerque Thomé  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Profa. Dra. Cynthia Mara Miranda  
Universidade Federal do Tocantins

*Àqueles que foram e são o início de tudo, que me ensinaram os primeiros passos e o conceito de respeito e ética, as primeiras palavras, a ler o mundo, o valor da solidariedade, do amor, da partilha, e me incentivaram a ir mais além: minha mãe, rainha e raio deluz – Rita Alves de Souza, meu avô José Alves de Souza e minhas tias Maria José Alves de Sousa e Josefa Alves de Souza (in memoriam). E ao meu irmão Marcos Augusto de Souza que sempre me apoiou nos meus sonhos e devaneios.*

## **AGRADECIMENTOS**

Nenhuma produção pessoal profissional ou acadêmica se faz isoladamente, mas de muitas “mãos e pensamentos conjuntos” que se envolvem na tecelagem do construir. Por essa razão, agradeço: A Deus, pelo dom da vida e pela família com que me presenteou em memória; à minha amada e querida tia Maria José Alves de Souza, tia Josélia e meu memorável avô José Alves de Souza.

Aos guias superiores, que tantas vezes ouviram as minhas preces, concedendo-me a graça de ter concluído a escrita deste trabalho;

À minha mãe Rita Alves de Souza, que mesmo estando em outra cidade sempre esteve preocupado com minha produção escrita, esteve presente em todos os momentos sendo companheira nas várias noites compartilhada por conversas via chamadas de ligações longas, hoje, está ao lado do pai celestial. Ao meu irmão Marcos Augusto de Souza que me ajudou a rememorar a minha infância e ter fôlego pra seguir diante.

À Universidade Federal do Tocantins (UFT), aos funcionários; aos professores do curso pelo apoio, colaborações e aprendizagens, em especial a Professora Dr<sup>a</sup>. Edna de Mello Silva, pela sua competência, persistência e fortaleza e que mesmo nos momentos mais críticos estava comigo, me tranquilizando, além de me motivar a não desistir do meu sonho: “Ser Mestre”. Quero deixar meu agradecimento a minha amada professora do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins, Renata Patrícia da Silva, um verdadeiro anjo na minha vida. Também deixo minha profunda gratidão à secretária do (PPGCOM) - Rosana Moya Beltrão, pelo seu auxílio e apoio na trajetória do mestrado, sua assistência foi inestimável durante todo processo. Por fim, agradeço os momentos compartilhados com meus colegas de turma, em especial; Ana Claudia e Lorena pelo o apoio e carinho de sempre.

A todos, MUITO OBRIGADO!

## RESUMO

Esta pesquisa examina o papel das mulheres indígenas ativistas digitais na disseminação de suas práticas territoriais, identitárias e culturais das comunidades indígenas. Utilizando uma abordagem qualitativa, focada nas postagens do *Feed* do Instagram, analisa as produções de @celia.xakriaba e @guajajarasonia durante suas campanhas para deputadas federais entre 01 de setembro e 01 de outubro de 2022, por meio da Análise de Conteúdo. Os resultados revelam a ocupação das mulheres indígenas no ciberespaço, fortalecendo suas agendas por meio de narrativas independentes e questionamentos críticos. Essa participação singular nas redes consolida conexões e interações, contribuindo para o posicionamento midiático das mulheres indígenas ativistas digitais como agentes de sua cultura, identidade e território, ampliando suas vozes. Assim, a presente pesquisa evidencia que as postagens de Sônia Guajajara e Célia Xakriaba têm muitos elementos em comum como a valorização da tradição de seu povo, a descrição de elementos da natureza, a defesa do território, da identidade e cultura da paz.

**Palavras-chaves:** Mulheres Indígenas; Ativistas Digitais; Ciberativismo; Instagram; Protagonismo Feminino.

## **ABSTRACT**

This research examines the role of Indigenous women digital activists in the dissemination of their territorial, identity, and cultural practices of Indigenous communities. Using a qualitative approach, focused on Instagram Feed posts, it analyzes the productions of @celia.xakriaba and @guajajarasonia during their campaigns for federal deputies between September 1 and October 1, 2022, through Content Analysis. The results reveal the occupation of indigenous women in cyberspace, strengthening their agendas through independent narratives and critical questioning. This unique participation in the networks consolidates connections and interactions, contributing to the media positioning of indigenous women digital activists as agents of their culture, identity and territory, amplifying their voices. Thus, the present research shows that the posts of Sônia Guajajara and Célia Xakriaba have many elements in common, such as the appreciation of the tradition of their people, the description of elements of nature, the defense of the territory, the identity and culture of peace.

**Key words:** Indigenous Women; Digital Activists; Cyberactivism; Instagram; Female Protagonism..



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Carta de Pero Vaz .....	27
Figura 2 - Célia Xacriabá em Brasília .....	39
Figura 3 - Foto do Instagram oficial de Sônia Guajajara .....	43
Figura 4 - Foto retirada do Instagram de Guajajara.....	45
Figura 5 - Foto retirada do Instagram de Xakriabá .....	46
Figura 6 - manifestação sobre a importância dos povos indígenas .....	51
Figura 7 - Manifestação em prol e defesa do direito das minorias.....	51
Figura 8 - Dia da pose de Sônia como Ministra do MPI .....	54
Figura 9 - Mosaico contempla as publicações coletadas no Insta de Célia.....	60
Figura 10- Mosaico contempla as postagens coletadas no insta de Sônia.....	61
Figura 11- Print do perfil evidenciando o feed do Instagram de Célia.....	65
Figura 12 - Print do perfil evidenciando o feed do Instagram da Sônia Guajajara .....	66
Figura 13 - Exemplo de narrativa de imagens com edição gráfica com texto-legenda (C) .....	67
Figura 14 - Narrativa de imagem formato card somente texto + texto-legenda (C+t) .....	68
Figura 15 - Narrativa de imagens com foto cotidiana sem edição gráfica (f) .....	69
Figura 16 - Narrativa com conteúdo de vídeo: vídeo com foto e live postada após finalizar a transmissão + legenda (v).....	70
Figura 17 - Narativa formato print com imagem, imagem e texto + legenda (p).....	71
Figura 18 - Mosaico com as imagens do feed do Instagram de Célia Xakriabá que serão analisadas.....	73
Figura 19 - Mosaico com as imagens do feed do Instagram de Sônia Xakriabá que serão analisadas.....	73
Figura 20 - Publicação de Célia na primeira semana de setembro (01/09/2022). .....	76
Figura 21 - Publicação de Sônia na primeira semana de setembro (02/09/2022). .....	76
Figura 22 - Publicação de Célia Xakriabá em (13/09/2022). .....	77
Figura 23 - Publicação de Sônia Guajajara em (12/09/2022).....	77
Figura 24 - Postagem da 3ª semana (20/09/2022). .....	78
Figura 25 - Postagem de Sônia na 3ª semana (22/09/2022). .....	79
Figura 26 - Postagem de Célia na terceira semana de setembro (22/09/2022).....	79
Figura 27 - Publicação de Sônia entre a última semana de setembro e início de outubro	

(28/09/2022). .....	80
Figura 28 - Publicação de Célia Xakriabá (11/09/2022). .....	81
Figura 29 - Publicação de Sônia (01/09/2022). .....	81
Figura 30 - Publicação de Sônia (14/09/2022). .....	82
Figura 31 - Publicação de Célia (22/09/2022). .....	83
Figura 32 - Postagem de Sônia (18/09/2022). .....	83
Figura 33 - Publicação de Célia Xakriabá (01/10/2022). .....	84
Figura 34 - Postagem de Célia em (01/09/2022). .....	85
Figura 35 - Postagem de Sônia (05/09/2022). .....	85
Figura 36 - Publicação de Célia (15/09/2022). .....	86
Figura 37 - Postagem de Sônia (12/09/2022). .....	86
Figura 38 - Postagem de Célia com Gilberto Gil, (22/09/2022). .....	87
Figura 39 - Postagem de Sônia (24/09/2022). .....	87
Figura 40 - Postagem e Célia (26/09/2022). .....	88
Figura 41 - Postagem de Sônia (29/09/2022) .....	88
Figura 42 - Postagem de Célia (04/09/2022). .....	89
Figura 43 - Postagem de Sônia (04/09/2022). .....	90
Figura 44 - Postagem de Célia (13/09/2022). .....	90
Figura 45 - Postagem de Sônia (15/09/2022). .....	91
Figura 46 - Postagem de Célia (19/09/2022). .....	92
Figura 47 - Postagem de Sônia (21/09/2022). .....	92
Figura 48 - Postagem de Célia (29/09/2022). .....	93
Figura 49 - Postagem de Sônia (29/09/2022). .....	93
Figura 50 - Postagem de Célia (08/09/2022). .....	94
Figura 51 - Postagem de Sônia (06/09/2022). .....	95
Figura 52 - Postagem de Célia (16/09/2022). .....	95
Figura 53 - Postagem de Sônia (12/09/2022). .....	96
Figura 54 - Postagem de Célia (19/09/2022). .....	96
Figura 55 - Postagem de Sônia (21/09/2022). .....	97
Figura 56 - Postagem de Célia (30/09/2022). .....	97
Figura 57 - Postagem de Sônia (30/09/2022). .....	98

## **LISTA DE TABELA**

Tabela 1 - Evolução dos direitos dos povos indígenas no Brasil. ....	29
Tabela 2 - Postagens de Célia Xakriabá no feed do Instagram dias 01/09/22 a 01/10/2022. ..	64
Tabela 3 - Postagens de Sônia Guajajara no feed do Instagram dias 01/09/22 a 01/10/2022..	64

## LISTA GRÁFICOS

Gráfico 1 - Composição da Câmara dos Deputados (2019-2022).....	47
Gráfico 2 - Publicação e Imagens com edições gráficas com texto-legenda de Célia e Sônia entre 01 de setembro a 1 de outubro de 2022 .....	68
Gráfico 3 - Publicações de imagem formato card somente texto + texto-legenda (c+t) de Célia e Sônia entre 1 de setembro à 1 de outubro de 2022.....	69
Gráfico 4 - Publicações imagens com foto cotidiana sem edição gráfica (f). .....	70
Gráfico 5 - Publicações vídeo com foto e live postada após finalizar a transmissão + legenda (v). .....	71
Gráfico 6 - Narrativa formato print com imagem, imagem e texto + legenda (p).....	72

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Etapas da pesquisa segundo metodologias de Bardin (2009) .....	58
Quadro 2 - Narrativa de Imagens com Edição Gráfica com Texto-legenda (c).....	75
Quadro 3 - Narrativas de Imagens formato Card entre 01 de setembro à 01 de outubro 2022	80
Quadro 4 - Narrativa de imagens com foto cotidiana sem edição gráfica (f).....	84
Quadro 5 - Narrativa com conteúdo de vídeo: vídeo com foto e live postada após finalizar a transmissão + legenda (v).....	89
Quadro 6 - Narrativa formato print com imagem e texto + legenda (p).....	94

## ABREVIATURAS E SIGLAS

ABR	Abril
ADM	Administração
AGO	Agosto
APIB	Articulação Dos Povos Indígenas Do Brasil
AVA	Ambiente Virtual Do Aluno
CD	Câmara Dos Deputados
COP	Conferência Das Nações Unidas Sobre Mudanças Climáticas
COVID	(Co)rona (Vi)rus (d)isease
DEZ	Dezembro
FEV	Fevereiro
FUNAI	Fundação Nacional Dos Povos Indígenas
IBGE	Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística
INSTA	Instagram
JAN	Janeiro
JUL	Julho
JUN	Junho
MAI	Mai
MA	Maranhão
MAR	Março
MPI	Ministério Dos Povos Indígenas
NOV	Novembro
OIT	Organização Das nações Unidas
ONU	Organização Das Nações Unidas
OUT	Outubro
PEC	Proposta De Emenda Constitucional
PSOL	Partido Socialismo E Liberdade
SET	Setembro
UFT	Universidade Federal Do Tocantins
UICN	União Internacional Para Conservação da Natureza
UNAMA	Universidade da Amazônia

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>POVOS INDÍGENAS: DA PERSPECTIVA EUROCENTRISTA À DECOLONIAL.....</b>	<b>22</b>
2.1	As vozes da floresta: a visão decolonial.....	23
2.2	Carta escrita por Pero Vaz de Caminha.....	26
2.3	Ordem cronológica em prol dos direitos dos povos originários.....	28
<b>3</b>	<b>ATIVISMO DIGITAL E CIBERFEMINISMO NA PRÁTICA.....</b>	<b>34</b>
3.1	<i>Cyberfeminism</i> .....	35
3.2	Antes de apresentar Sônia e Célia, vamos conhecer o <i>app</i> Instagram.....	36
3.3	Mulheres indígenas que ocupam redes sociais evidenciando território, identidade e cultura.....	38
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: DAS LEITURAS FLUTUANTES ÀS INFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>
4.1	Sobre o percurso do Método.....	54
4.2	Percurso metodológico.....	57
4.2.1	Definição do objeto.....	58
4.2.2	Pré-análise.....	59
4.2.3	Feed do Instagram.....	62
4.2.4	Compreendendo os tipos de narrativas.....	66
4.2.5	Exploração o material.....	72
4.2.6	Exemplo de análise de conteúdo.....	73
4.2.7	Tratamento dos dados obtidos e interpretados.....	72
<b>5</b>	<b>RESULTADOS.....</b>	<b>75</b>
5.1	Narrativa de Imagens com Edição Gráfica com Texto-legenda (c).....	75
5.2	Narrativa de Imagens formato Card somente texto+texto-legenda(c+t).....	80
5.3	Narrativa de Imagens do cotidiano sem edição gráfica.....	84
5.4	Narrativa com conteúdo de vídeo, foto e <i>live</i> .....	89
5.5	Narrativa formato <i>print</i> com texto legenda.....	94
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>99</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>103</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação discute a jornada dos povos originários iniciada muito antes de 1500, passando por diferentes épocas até chegarmos nos dias atuais da história a partir de dados do IBGE (2007, 2008) das contribuições de (Oliveira, 2006; Freire 2006), Sousa (2021) e Schröder (2022). Resgata os primeiros registros realizados pelos povos portugueses por meio das escrituras do escrivão Pero Vaz de Caminha que revelam as terras boas e de beleza natural intocável, além de colocar em pauta os diferentes contrastes identitários e culturais entre os povos portugueses e os povos originários das terras da América do Sul. No primeiro contato, tiveram os portugueses uma visão de que as formas de civilização que existiam no Brasil eram de povos selvagens, ao ponto de os portugueses imporem os ensinamentos cristãos aos povos indígenas (Araújo, 2019; Florestan, 1989; Matos, 2006; Schwartz, 1988;).

No segundo capítulo são apresentados os conceitos de ciberfeminismo e ativismo digital. De modo geral, propomos uma leitura sobre o termo e o movimento do ciberfeminismo e compreendemos como é que as mulheres se expõem num universo dominado pelas novas tecnologias e como são afetadas por elas, pela tecnociência e a dominação assustadora do mundo capitalista das redes globais, a partir das contribuições de Fernandes (2003) e Santaella (2003). O estudo versa ainda sobre o movimento do ativismo digital como um fenômeno que se fortalece e cria sua identidade pelo uso da navegação da Internet por organizações não-governamentais e outras entidades civis diante as contribuições de Moraes (2001).

Com o avanço da tecnologia surge a internet e com ela as redes sociais<sup>1</sup>, mídias sociais e as mídias digitais, tão presentes na vida cotidiana, tornando-se um dos principais recursos dessa nova era de consumo de notícias e informações, nos territórios indígenas esses meios modificaram a maneira como os povos originários se interagem atualmente, dando agilidade e ampliando a dimensão da comunicação e informação.

É importante ressaltar que essas mídias sociais também são usadas na realização da propagação de diversas notícias de todas as esferas, quer sejam elas falsas ou verdadeiras. Essa nova forma de comunicação e interação gera pautas com temas factuais, desde a imagem de figuras públicas, propagação da desinformação, além de organizar motins e greves em

---

<sup>1</sup> As **Redes Sociais** estão ligadas diretamente a relacionamento, e sempre estiveram presentes na sociedade desde que o mundo é mundo, tendo como principal objetivo aproximar pessoas com interesses em comum. Dentro do Ciberespaço, isso não é diferente, as **Mídias Sociais Digitais** exercem a mesma função, são um espaço online onde pessoas interagem, expõem suas ideias e partilham de interesses em comum. Já as **Mídias Sociais** são definidas como um canal de descentralização e veiculação de informações. (MARTELETO, Análise de Redes Sociais, 2001)



diferentes níveis. É também espaço seguro de acolhimento de grupos vulneráveis, de geração cidadã de dados, de luta, além de possibilitar um espaço em constante construção de diversos discursos imagéticos e textuais com cunho político por direitos de diferentes vieses, a exemplo de direitos territoriais e culturais dos povos originários.

O ambiente midiático torna-se meio e gera recursos e ferramentas para grupos tão distintos no Brasil ao ponto de mudarem os processos de produções textuais, audiovisuais, e claro, a forma de circulação e consumo dessas informações e mensagens dos tradicionais veículos de comunicação a ponto de influenciar os debates no ambiente político do país.

O ciberativismo é, conseqüentemente, uma forma de ativismo realizado por grupos que são politicamente motivados e que fazem o uso das mídias sociais digitais para realizarem a mobilização e divulgação de causas que podem ser políticas, sociais, culturais, dentre outros, segundo Silveira (2010), Ugarte (2008) e Araújo (2012).

Para Silveira (2010), existem três características importantes de se ressaltar nessa nova forma de se consumir conteúdo digital, por meio do chamado ciberespaço. São elas: a multimídia, a interatividade e a hipertextualidade.

Levy (1999) nos dá a definição do que é ciberespaço e cibercultura como novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. Ao compreender o termo específico, não somente da infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto à cibercultura, o autor especifica o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

A cultura digital, ou cibercultura, possui alguns suportes que determinam comportamentos e resultados dessa tecnologia. O ciberespaço, segundo Levy (1999), trata-se de um novo meio de comunicação que se dá por uma interconexão mundial entre computadores. Dessa forma, esse espaço possibilita a comunicação digital entre pessoas de várias partes do mundo.

Neste contexto, essa pesquisa nos possibilitou compreender o processo de criação e produção das mensagens imagéticas e textuais veiculadas por mulheres ativistas digitais indígenas na rede social, especificamente o Instagram, além de evidenciar, por meio dos signos presentes em cada postagem analisada, as informações que revelam a potência de seus territórios, identidade e cultura.

Ainda no segundo capítulo destaca-se a discussão sobre identidade também presente em estudos de cibercultura, que analisam como as tecnologias digitais influenciam a forma como

as pessoas se percebem e se relacionam com o mundo. Segundo Lemos (2019). Nesse sentido, o estudo debruça sobre a problemática de como a cibercultura tem se mostrado uma ferramenta importante para a valorização da identidade indígena. Como destaca Melo (2017), citaremos ainda, Carvalho (2020), Capp (2019), Pankararu (2020), Silva (2018), Freire (2018), Ferreira (2021), Leal (2021), Teles (2020), Puppi (2008), por fim, a pesquisadora Débora Danowski (2019) que destaca que as mulheres indígenas ativistas digitais estão desafiando a lógica da dominação colonial, que se baseia na hierarquização entre os povos e na submissão das culturas e dos saberes indígenas aos valores ocidentais.

Redes sociais na Internet são integrados de representações dos indivíduos sociais e de suas conexões (Recuero, 2009). Essas representações são, geralmente, individualizadas e personalizadas.

Redes sociais é uma metáfora estrutural para que se observem grupos de indivíduos, compreendendo os atores e suas relações. Ou seja, observam-se os atores e suas interações, que por sua vez, vão constituir relações e laços sociais que originam o “tecido” dos grupos. Essas interações proporcionam aos atores posições no grupo social que podem ser mais ou menos vantajosas e lhes dar acesso a valores diferentes (RECUERO, 2009, p.23).

Para Santos (1999) o Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é onde a história do homem e da mulher plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. Uma dessas manifestações parte dos movimentos feministas que vislumbram ganhar território e lugar de fala para as mulheres. Porém, as mulheres indígenas que ocupam esses territórios foram por muito tempo invalidadas pelas pessoas e por parte do país, territórios e vidas indígenas são ameaçadas cotidianamente, apesar de seus saberes e grandes contribuições à sociedade como um todo (TELES et al, 2018).

Vale lembrar que o movimento e o termo “Feminista” surgem durante a Revolução Francesa (1789) a partir da “*Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*”, escrito no ano da Revolução, e contestada pela “*Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*”, escrito pela feminista francesa Olympe de Gouges em 1791.

No referido documento, Gouges contestava a Declaração da Revolução, uma vez que contemplava somente aos homens. Além disso, pontuava para a autoridade masculina, a importância das mulheres e da igualdade de direitos. Assim, a revolucionária foi executada na Europa, pontualmente em Paris, em novembro de 1793. Sua morte é considerada um marco do feminismo no mundo, dando origem a movimentos feministas posteriores. No entanto, foi no século XIX que os movimentos ganharam força. A partir da Revolução Industrial, as mulheres

passaram a atuar nas fábricas de forma mais interna, tornando-se parte da força econômica (THOMPSON, 1987).

Para as mulheres indígenas as reivindicações são outras. Não podemos tratar de um movimento feminista indígena. O termo tem sua origem na Europa e apesar das pautas indígenas possuírem pontos em comum, como a luta pela liderança de mulheres, na prática as causas são diferentes. A pauta pela defesa dos direitos humanos e pela demarcação de territórios podem ser semelhantes, mas o alcance das ações é diferente. Embora as vozes das mulheres indígenas tenham sido silenciadas no período da pós-colonização, nos dias de hoje elas ocupam espaço nas mais diferentes redes e mídias sociais, em diferentes cargos nas esferas públicas, buscando o bem-estar, a garantia da sobrevivência e a manutenção de seu povo (PEDROSO e MONT'AVÃO, 2017, p. 75 - 81).

É evidente que as redes sociais são extensamente utilizadas pelos usuários de internet em todo planeta. Informações disponibilizadas pelo site Data Reportal (2022), que faz uma descrição digital em todo planeta em 2022, indicam que globalmente tenham 4,95 bilhões de usuários de internet, o que equivale a 62,5% da população global e, deste total, 4,62 bilhões (93,3%) são usuários de redes sociais, com contingente de 10% a mais que em 2021. Os brasileiros ocupam a sexta colocação no ranking de países com maior permanência de uso das redes sociais em 24h, com média de 3h41min, a média no mundo é de 2h27min. O Brasil agora ocupa o primeiro colocado em número de plataformas de redes sociais ativas utilizadas mensalmente, com média de 8,6 (usuários entre 16 e 64 anos).

Em nível mundial, a rede social, *Instagram* selecionada para a coleta de dados nesta pesquisa, é o segundo *app* mais utilizado entre os usuários, com 1,48 bilhões de usuários. Já no Brasil o *app* ocupa o quarto lugar no *ranking* de horas uso via *smartphone* por 30 dias mês, com média de 15,6 horas. A penetração da audiência totalizada por ações de *marketing nos stories* é de 1,07 bilhões e no *reels* é de 675,3 milhões (DATA REPORTAL, 2022).

A narrativa difundida nos ambientes escolares, familiares e demais formas de socialização propaga a história do Brasil uma imagem estereotipada do índio genérico:

Os povos indígenas são oportunamente lembrados nas aulas de História que tratam da 'descoberta do Brasil', da montagem do sistema colonial e, eventualmente, em momentos pontuais da recente história brasileira [...]. A escola nacional criou historicamente o mito do índio genérico, que fala o tupi, adora Tupã, vive nu nas florestas etc., representado nas escolas repleto de estereótipos, sobretudo por ocasião do dia 19 de abril, data comemorativa do dia do índio. Tal situação vem sendo questionada nas últimas décadas e as propostas curriculares sobre a temática indígena vêm sendo repensadas. (KAYAPÓ, 2019, p. 58).

No entanto, é importante destacar que a participação das mulheres indígenas nas

plataformas digitais não se dá em um vácuo social, mas em um contexto de desigualdades e preconceitos. Por isso, a participação das mulheres indígenas nas plataformas digitais deve ser vista como parte de um processo mais amplo de luta por direitos e reconhecimento.

Hoje, mulheres têm assumido os principais cargos dos movimentos indígenas estaduais e regionais. “Uma vitória nossa, mas que contou também com o entendimento e os votos de muitos homens para acontecer. Para a gente, esse é o nosso feminismo: se empoderar e assumir o protagonismo” (GUAJAJARA, 2017 *apud* HOLLANDA, 2018, p. 302).

Ferreira (2005, p. 718), ao ressaltar o conceito de Castells (1999) para as novas mídias como uma “caixa de ressonância estimulante para as suas lutas”, realiza uma reflexão em torno das novas mídias e uma nova base da identidade na contemporaneidade, sendo que a última não é algo que se obtém e acontece sozinho, mas é dialógica: “É definida sempre em diálogo sobre, e muitas vezes contra, o que os outros significam simbolicamente para nós – e nós para eles”. A identidade tem um perfil intersubjetivo e são nas relações individuais que há o reconhecimento desta identidade.

A internet oportuniza cada vez mais que sociedades em lugares remotos, periféricos, tenham acesso a todo o conteúdo disponível *on-line*. “Quanto mais a vida social se torna mediada pelos sistemas de comunicação interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas de tempos, lugares e tradições” (OLIVEIRA, 2018, p. 47). E os indígenas, neste contexto, apropriam-se deste ciberespaço para protagonizar suas próprias histórias, buscando reverter o imaginário embasado na colonialidade e dialogando com a sociedade para a construção identitária nos dias atuais.

No terceiro capítulo o foco está direcionado para a análise de conteúdo das publicações imagéticas e textuais produzidas por duas mulheres indígenas ativistas digitais no *feed* do Instagram: Célia Xakriabá e Sônia Guajajara, a fim de compreender os conteúdos produzidos por elas, a partir do lançamento oficial de suas candidaturas ao pleito eleitoral ao decorrer do mês de setembro, mês que antecede as eleições brasileiras de 2022.

Assim, a dissertação levanta o seguinte problema de pesquisa: “Quais os modelos e formatos de narrativa adotadas pelos perfis de @celia,xakriaba e @guajajasonia no *feed* do Instagram?”

Os enunciados selecionados para a análise de conteúdo foram produzidos pelas referidas influenciadoras digitais: Sônia Guajajara, Célia Xakriabá, em um momento histórico em que estavam concorrendo ao cargo de deputadas federais no pleito eleitoral da ocasião, ou seja, 04 de outubro de 2022. Foi realizado um acompanhamento e coleta dos conteúdos digitais publicados nas redes sociais destas mulheres indígenas ativistas digitais, a fim de compreender

quais elementos imagéticos e textuais foram utilizados na construção do conteúdo a partir do lançamento oficial de suas respectivas campanhas eleitorais a partir das ações dessas mulheres ativistas digitais nas suas redes sociais, especificamente no *feed* do Instagram, no período de 01 de setembro à 01 de outubro de 2022.

Sonia Bone de Sousa Silva Santos, nasceu no Maranhão, na terra indígena de Araribóia, no povo Guajajara, daí o nome público: Sonia Guajajara. Ao longo da sua trajetória de militância tem se destacado como uma das maiores vozes do movimento indígena brasileiro no uso das redes sociais. Desde o dia 1º de janeiro de 2023 ocupa a função de Ministra dos Povos Indígenas (MPI).

Célia Xakriabá, professora e ativista indígena do povo Xakriabá em Minas Gerais, presente nos movimentos sociais digitais. Desde o dia 1º de janeiro de 2023 ocupa a função de deputada federal pelo PSOL.

As produções imagéticas estáticas e não estáticas e textuais das referidas ativistas indígenas se articulam no ambiente midiático dinamizando debates que perpassam ambientes políticos, evidenciando a realidade de diferentes comunidades indígenas, fortalecendo e mantendo suas origens identitárias, culturais e territoriais, afim de compreender como elas vem se reportando a partir do momento que lançaram suas candidaturas ao pleito eleitoral.

Sendo assim, compreender a dinâmica do Ciberativismo, Cibercultura, e os movimentos fomentados por essas Mulheres Indígenas Ativistas Digitais no Instagram se faz necessário para compreender as vozes dessas mulheres indígenas.

A dissertação, nessa direção, buscar dar reconhecimento à atuação das mulheres indígenas ativistas digitais, potencializando sua *performance* como influenciadoras e representantes nas diferentes comunidades indígenas. Suas publicações no ambiente digital a partir de seus corpos vem contribuindo para execução e fomentação de novas políticas públicas, transformando suas respectivas realidades e territórios, fortalecendo suas identidades.

## 2 POVOS INDÍGENAS: DA PERSPECTIVA EUROCENTRISTA À DECOLONIAL

Sabemos que a história dos povos originários se iniciou muito antes dos portugueses se apossarem dos territórios brasileiros. O conteúdo que evidenciaremos aqui traça uma jornada contrapondo a perspectiva histórica eurocentrada da presença do indígena no país à epistemologia decolonial. É importante refletir que durante anos a perspectiva histórica foi construída a partir da visão eurocentrista do colonizador e nos últimos anos tem ganhado espaço a discussão que coloca a população indígena como sujeito de seu próprio discurso.

No contexto formal das narrativas eurocêntricas, as sociedades não europeias foram invalidadas em suas formas de organização e de conhecimento, enquanto o discurso do dominador ganhou destaque, alçando a Europa ao centro do mundo como os “conquistadores das Américas”. Para Quijano (2005) quando os colonizadores invadiram os territórios encontraram muitos povos, com sua própria história, linguagem e cultura. No entanto, todos esses povos foram reduzidos a uma única nomenclatura: índios. Essa descaracterização e deslegitimação de cada população fez parte do processo colonizador reduzindo o povo colonizado às suas características raciais do ponto de vista colonial. Lander (2005, p. 13) complementa:

Esta é uma construção eurocêntrica, que pensa e organiza a totalidade do tempo e do espaço para toda a humanidade do ponto de vista de sua própria experiência, colocando sua especificidade histórico-cultural como padrão de referência superior e universal. Mas é ainda mais que isso. Este metarrelato da modernidade é um dispositivo de conhecimento colonial e imperial em que se articula essa totalidade de povos, tempo e espaço como parte da organização colonial/imperial do mundo. Uma forma de organização e de ser da sociedade transforma-se mediante este dispositivo colonizador do conhecimento na forma “normal” do ser humano e da sociedade. As outras formas de ser, as outras formas de organização da sociedade, as outras formas de conhecimento, são transformadas não só em diferentes, mas em carentes, arcaicas, primitivas, tradicionais, pré-modernas.

Na trajetória e marcos históricos do Brasil, a presença dos indígenas no território nacional antecede a conquista de suas terras pelos invasores europeus. Segundo algumas estimativas do último censo populacional (2022) realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com a contribuição de dados da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), o estudo situa a população nacional dos povos indígenas em 1.693.535 pessoas, comparado a 0,83% da população. Segundo o IBGE, maior parte da comunidade indígena são residentes do território da Amazônia Legal, correspondendo (51,2%). Diante a diversidade das comunidades originárias em diferentes regiões do país, observamos que a situação é de muita pobreza, os direitos são ceifados no que compete as leis, por outro lado, o desenvolvimento dos grupos sociais que possuem natureza desigual entre as quais podemos

citar são variados, ao exemplo dos povos Tupi, Xavantes, Caraíbas, Tupis, Jês e Gxuaranis.

Nos primeiros tempos do colonialismo havia pouco acesso à informação sobre estas populações e ao decorrer da história apenas foram feitas estimativas sobre os povos indígenas sem prestar atenção às suas características. Sem os registros documentais por escrito contribuiu no processo de desaparecimento destas culturas contribuíram por limitar as oportunidades de investigação sobre a cultura e identidades destes povos. Maior parte dos acervos bibliográficos que registra essa vergonhosa passagem histórica do país evidência que os maiores contatos entre as comunidades indígenas e os europeus fundiram na costa litorânea, onde as comunidades indígenas Tupi-Guarani eram maioria. Apesar do receio, registros do século XVI mostram alguns costumes, crenças e valores das relações sociais de diferentes povos originários (IBGE, 2007).

Sobre as primeiras evidências de como as Américas foram “civilizadas”, podemos destacar o que se apresenta no livro do IBGE de 2007:

Da origem dos povos ameríndios, sabe-se hoje que foi proveniente da Ásia, entre 14 mil e 12 mil anos atrás, sendo corrente a hipótese de se ter processado por via terrestre através de um “subcontinente” chamado Beringia, na região do estreito de Bering, no extremo nordeste da Ásia.” (IBGE, 2007, p. 39).

Segundo registros escritos, os Tupi-Guarani estabeleceram aldeias com estimativas de aproximadamente 1.000 habitantes no século XVI. As aldeias tiveram vida curta e foram divididas em poucas dezenas de casas, o tamanho e o comprimento de cada casa variam de acordo com as necessidades materiais e costumes de cada comunidade indígena, como conhecemos nos dias atuais. Para o povo Tupi viver da coleta, da caça, da pesca e de algumas atividades oriundas do plantio e da colheita (SOUSA, 2021).

## **2.1 As vozes da floresta: a visão decolonial**

Para entender a perspectiva decolonial é fundamental a imersão na leitura de algumas obras de autores indígenas brasileiros como Ailton Krenak (2014) e Davi Kopenawa (2010). Esses autores apresentam suas cosmovisões específicas, abordando questões como a relação entre os povos indígenas e o Estado, a importância da preservação ambiental, a luta pela autonomia e os direitos indígenas que foram ceifados das comunidades originárias desde os primeiros relatos e ensinamentos no ceio das escolas de todo país.

A obra “A queda do Céu” (Albert, 2015; Kopenawa 2010) tem como ponto de partida os registros que mantém viva as memórias de Davi Kopenawa e xamã Yanomami, escrito pelo pesquisador da área da antropologia Bruce Albert. A obra contém registros pessoais desse líder indígena e sua visão sobre as relações predatórias entre seu povo e os brancos privilegiados em

meados do século XX. Ele escreve suas memórias do desenrolar dessas intervenções por meio de experiências muito pessoais e comoventes que fragmenta a real dimensão da opressão cometida para com os povos originários. Garimpeiros de diferentes partes do Brasil, invasores de terras, além dos grupos missionários, construíam verdadeiras ações contidas de ódio, violência e destruição, sem se preocuparem com o respeito à cultura e identidade e os territórios daqueles que eram e são os donos daquelas terras, atacaram a floresta e exploraram o território dos povos indígenas em busca dos demais minérios, bens e serviços ambientais.

Feita a leitura dos escritos, observaremos o discurso acadêmico sobre práticas culturais e formação de identidade; os relatos com tons de políticas em prol do conhecimento tradicional diante as diferentes vertentes universais espirituais são fortemente reprimidos na sociedade contemporânea. A conclusão desta interpretação e análise, é próxima a de uma leitura imaginária. Onde pondera: “quando a Amazônia sucumbir à devastação desenfreada e o último xamã morrer, o céu cairá sobre todos e será o fim do mundo” (ALBERT, KOPENAWA, 2010, p. 489);

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar de calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos *xapiri*, que descem da montanha para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os malefícios, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar (ALBERT, KOPENAWA, 2010, p. 6)

Esta história é baseada na perspectiva cultural liderada por Davi Kopenawa, que afirma que o equilíbrio do mundo está diretamente ligado à proteção das florestas e da vida de seus povos originários, a individualidade que cada integrantes dos povos indígenas carregam entre si. Um momento que, "quando os xamãs andarem vivos em seus territórios, eles evitarão a queda do céu, mesmo que ele fique muito doente" (ALBERT, KOPENAWA, 2010, p. 479).

Do ponto de vista político, essas comunidades indígenas não são como esses mitos, baseados na visão cultural liderada por Davi Kopenawa, de que a vida do mundo está diretamente ligada à proteção das florestas e da vida dos seus povos, estão essencialmente conectados a dos povos originários. Uma vez que, "enquanto os xamãs ainda estiverem vivos, eles poderão evitar a queda do céu, mesmo que ele fique muito doente" (ALBERT, KOPENAWA, 2010, p. 489).

Para fortalecer o movimento da decolonialidade no pensamento pós-colonial se faz necessário o reconhecimento de abordagens, estudos e concepções com multidisciplinaridade



que rompam com o pensamento de dogmatização centralizada numa única vertente teórica de saber entre as diferentes formas de culturas e sociedades.

De acordo com Ailton Krenak (2020), o novo governo empurrou estas pessoas para fora do campo e das florestas, para as aldeias e campos, e para os trabalhadores nas grandes cidades. Os indígenas foram separados de seus grupos e locais de origem, dos seus territórios e forçadas a se deslocarem aos médios e grandes centros urbanos. Valores e razões de grupos sociais de comunidades tradicionais foram e continuam sendo indefinidamente negados enfraquecendo suas formas de vidas culturais e identitárias. Por fim, "a promessa da riqueza e da fraternidade, torna-se concretamente a indignação, o desenraizamento, o abandono, e isto não a título provisório, mas de maneira cada vez mais definitiva" (LATOUCHE, 1996, p. 78).

Com base nessas informações, o antropólogo Curt Nimuendaju (1982), em seu trabalho como cartógrafo sócio-registrador, registrou a presença de 1.400 indígenas em área igual à do Brasil, descoberta publicada em diferentes livros didáticos utilizados como fonte de informação ao decorrer de muitos anos no ensino fundamental e médio brasileiro. No Manual dos Índios Sul-Americanos, Julian Steward examinou a população maior de 1.500.000 indígenas que vivem em território brasileiro e gerenciavam suas comunidades com suas respectivas culturas, para finalizar essa analogia, a estimativa de William Denevan sobre o número de aborígenes na Amazônia foi mais robusta, sugerindo 5.000.000, embora esta estimativa tenha sido reduzida para cerca de 3.600.000 (SCHRÖDER, 2022 apud DENEVAN e STEWARD, 1948, p. 207-241).

Conforme avançamos nas pesquisas em torno do percurso histórico das comunidades indígenas no território nacional, as evidências sobre os grupos indígenas que povoaram as terras brasileiras são grandes, porém sem precisão. No entanto, são muitos os vestígios que praticamente em toda parte do território que conhecemos como o Brasil teve a presença dos povos indígenas. Podemos citar como exemplo a expansão dos Tupinambá se deu do Baixo Amazonas ao litoral nordestino, chegando até São Paulo, paralelo os Guaranis que seguiriam para o sul até a foz do Rio da Prata. Os povos Tupi ocupavam toda a costa e do vale amazônico, onde compartilhavam o território com grupos da família Aruák (nos Rios Negro e Madeira) e Karib (nas Guianas e no Baixo Amazonas).

A cultura, a identidade e os marcadores territoriais dos povos indígenas antes e depois da chegada dos europeus ao Brasil eram claros e distintos, E através deste sinal de divisão histórica, fica claro como as sociedades mudaram devido à influência de diferentes raças, e como cada raça se mostra em diferentes culturas nos diferentes territórios indígenas espalhados pelo Brasil.

O leque de atividades pode variar dependendo do sexo e da idade de cada membro das diferentes comunidades indígenas. No que foi nos relatado nos livros do ensino básico por muitas décadas, é que as mulheres seriam as responsáveis pelo plantio e colheita, na criação dos itens que derivava o artesanato, além do processamento de alimentos e cuidados infantis.

Para os homens era empenhado atividades que exigem força física, a exemplo do arado da terra, caça, pesca e outras. Cada sociedade indígena, com suas diferentes formas e costumes de vidas, organiza o casamento de acordo com suas próprias regras e, em alguns casos, o casamento de um indígena com duas ou mais indígenas era aceito. Essa perspectiva eurocentrada traz poucas evidências das tradições de cultura, linguagem e ocupação de território dos povos que foram aqui encontrados. Durante muitos anos os livros escolares brasileiros traziam conteúdos que reforçavam a ideia do “índio” como um indivíduo atrasado e sem cultura.

## **2.2 Carta escrita por Pero Vaz de Caminha**

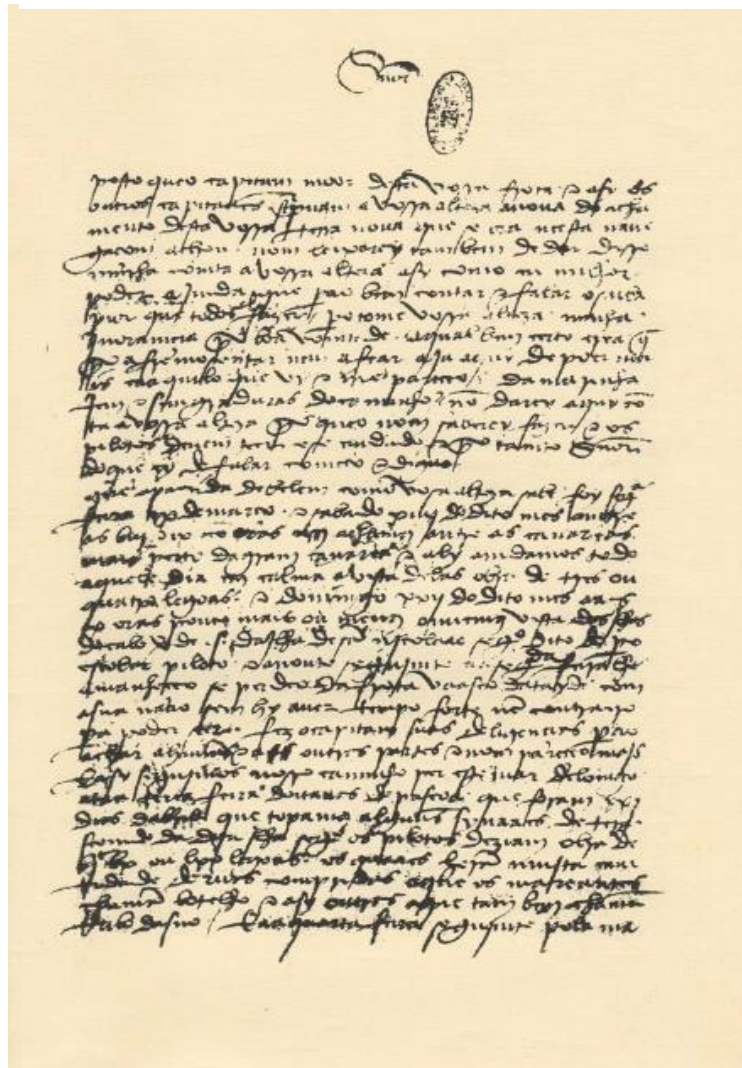
Paira no imaginário do povo brasileiro, a importância de celebrar o dia 22 de abril de 1500 como data cívica, quando emergem lembranças da fase do ensino fundamental e médio das aulas ministradas por professores narrando a chegada das primeiras Caravelas portuguesas, guiadas por Pedro Álvares Cabral, aportando em território brasileiro. Esse momento, traduzido em comemorações escolares que muitas vezes encenam a chamada “descoberta” do país do ponto de vista do colonizador português, narra um fato considerado histórico com a presença indígena descrita como indivíduos indistintos, sem conhecimento e pacíficos.

Os primeiros registros realizados pelos povos portugueses por meio das escrituras do escrivão Pero Vaz de Caminha (ver Figura 1 Carta de Pero Vaz), pontuam que as terras são boas e de beleza natural intocável, comparando os povos indígenas com habitantes relatados no primeiro livro da bíblia, ou seja, Jardim do Éden, tanto por ocuparem terras intocáveis, grandiosas e deslumbrantes quanto por circularem sem vestes de forma espontânea. Em um dos registros da carta de Caminha, ele ressalta:

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E, portanto, se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente está gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles qualquer cunho que lhe quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E o Ele nos para aqui trazer creio que não foi sem causa. (UNAMA, sem ano, p. 11-12).

Diante dos contrastes identitários e culturais entre os povos portugueses e os povos originários nos territórios do país, no primeiro contato, os portugueses avaliaram que as formas

Figura 1 Carta de Pero Vaz



Fonte: 1 portaldoprofessor.mec.gov.br

de civilização que existiam no Brasil eram de povos selvagens, ao ponto de imporem os ensinamentos cristãos aos indígenas. Essa imposição se deu porque os portugueses acreditavam que, tornando os indígenas cristãos, eles se tornariam “sociáveis”. (UNAMA, sem ano).

A carta escrita por Pero Vaz de Caminha para corte de Portugal na época do descobrimento do Brasil, relata com detalhes a chegada dos portugueses no Brasil, como foram os primeiros contatos destes com os indígenas e, a partir desta carta, podemos perceber as intenções portuguesas quanto à nova terra e o que seria dela depois de então.

Esse encontro entre os povos indígenas e os portugueses que iniciou de forma não harmoniosa e marcada por uma violência brutal se deu com relações de imposições e poder.

Além do regime escravocrata, ponderava o abuso moral, físico e sexual que permeava através da servidão direcionava os caminhos para um país desigual. A mulher, subordinada a servir o homem era vista como propriedade, como um objeto estético que servia de escada para

que o homem adquirisse cada vez mais o seu status de chefe de família e consolidasse seus próprios latifundiários comerciais e econômicos, gerando a todo instante a desigualdade social que se intensificou até o século XXI. As mulheres tinham seus direitos subtraídos e suas possibilidades cada vez mais limitadas pela sociedade por meio da força bruta e da violência física e moral e sexual.

Uma espécie de sadismo do branco e de masoquismo da índia ou da negra terá predominado nas relações sexuais como nas sociais do europeu com as mulheres das raças submetidas ao seu domínio. O furor femeeiro do português se terá exercido sobre vítimas nem sempre confraternizantes no gozo; ainda que se saiba de casos de pura confraternização do sadismo do conquistador branco com o masoquismo da mulher indígena ou da negra (FREYRE, 2000, p. 56).

A resistência das mulheres vem desde as primeiras civilizações patriarcas, contra forças políticas que exclui, desestrutura a autoestima e fomenta a desigualdade socioculturais, impondo a narrativa do homem branco, colonizador com seu cristianismo ocidental como centro do mundo e, a partir dele dita as regras sobre o que é certo e o que é errado.

Em 1530 inicia a nomeação da Coroa e a fundação das primeiras colônias no território brasileiro, é quando se tem registros da apropriação dos territórios do Brasil pelos portugueses. Dados do IBGE (2007): “durante os dois primeiros séculos da colonização brasileira, a vinda de 500 a 5 mil portugueses por ano”.

O percurso histórico do Brasil pontua que as comunidades indígenas foram enganadas, exploradas, escravizadas e, em diferentes momentos, massacrados pelos portugueses. Foram forçados a abandonar suas terras, suas culturas, religião e crenças em favor da cultura eurocêntrica.

Com o avanço das colônias, o trabalho abusivo se tornou necessário para diferentes contextos. Vale ressaltar que para que as comunidades indígenas permanecessem recebendo os utensílios que vinham da Europa, o trabalho físico também se tornaria cada vez mais presente.

### **2.3 Ordem cronológica em prol dos direitos dos povos originários**

Nessa perspectiva vamos relembrar a trajetória das comunidades indígenas em prol dos seus direitos. Para melhor compreender os direitos dos povos indígenas, vale pontuar que elas são definidas como o conjunto de dispositivos legais e constitucionais que asseguram a existência física, étnica e cultural das diferentes formas de sociedades que já existiam no território brasileiro.

Dessa maneira, o reconhecimento dos indígenas como cidadãos e, essa forma, sujeitos de direito, implica na fomentação de defesa dessas comunidades que sistematicamente foram assassinadas, exploradas, perseguidas e discriminadas em diferentes territorialidades do Brasil.

Para melhor compreender os direitos garantidos pelos povos indígenas nos dias atuais, é preciso entendimento do processo evolutivo ao decorrer das últimas décadas no Brasil conforme tabela abaixo:

*Tabela 1 Evolução dos direitos dos povos indígenas no Brasil.*

<b>ANO</b>	<b>DESCRIÇÃO DO FATO</b>
<b>1537</b>	Papa III declara que os indígenas são seres humanos.
<b>1611</b>	Carta Régia de Filipe III da Espanha: reconheceu que os indígenas, até então chamados de “gentios”, eram donos das terras que ocupavam na parte espanhola do território brasileiro na época.
<b>1680</b>	Alvará Régio de 1º de abril da Coroa Portuguesa: concedeu aos indígenas a alcunha de primários e naturais senhores, estabeleceu também que a política de divisão de terras a partir das sesmarias não afetaria a posse indígena.
<b>1755</b>	Lei Pombalina: garantia a posse da terra aos indígenas. Contudo, como eles majoritariamente não sabiam ler, escrever e não tinham noções do Direito Português, os colonizadores ignoravam a Lei.
<b>1850</b>	Lei Imperial nº 601: retomou o entendimento de que ao menos as terras dos aldeamentos eram dos indígenas.
<b>1910</b>	Serviço de Proteção ao Índio (SPI): instituição criada por Marechal Rondon, com o objetivo de conter o massacre indígena legitimado pela Coroa Portuguesa a partir da chamada Guerra Justa.
<b>1934</b>	Constituição de 34: foi a primeira Constituição brasileira a dispor sobre o Direito Indígena à terra, que no texto legal eram chamados de “silvícolas”.
<b>1937</b>	Constituição de 37: reeditou o texto da Constituição, mas manteve a ideia central da Constituição de 34.
<b>1946</b>	Constituição de 1946: resgatou o texto legal da Constituição de 1934.
<b>1967</b>	Constituição de 1967: apresentou pela primeira vez, em um texto legal, o direito dos povos indígenas de usufruto exclusivo dos recursos naturais de suas terras/ Fundação Nacional do Índio (Funai): criada pela Lei nº 5371/67, a Funai passou a ser órgão oficial do Estado Brasileiro responsável pelas questões indígenas.
	Emenda Constitucional nº 1: inovou juridicamente ao tornar nulos os efeitos

<b>1969</b>	jurídicos de ocupação, posse e domínio em ações ou pedidos de indenização de terceiros contra Funai e a União, em relação às terras indígenas
<b>1973</b>	Estatuto do Índio: criado pela Lei nº 6001/73, com a finalidade de regulamentar a situação dos indígenas do Brasil, abordando temas como o respeito étnico cultural desses povos.
<b>1988</b>	Constituição de 1988: representou um importante avanço no direito indígena, ao reconhecer o direito originário dessa comunidade à terra. Os artigos 231 e 232 da Carta Magna são os principais referentes à questão indígena.

Fonte: 2 <https://blog.lfg.com.br/legislacao/direitos-dos-povos-indigenas/>

Schwartz (1988) ressalta que com o surgimento da cultura do plantio da cana-de-açúcar, que seria o principal produto comercializado da época, principal produto que acelerou o desenvolvimento econômico em todo território brasileiro, é quando surge os registros de que os portugueses começaram a adotar o uso da mão de obra indígena escrava, surgindo as partes do oprimido e opressor, daí surgia à luta por direitos garantidos conforme a cronologia exposta na tabela acima.

“A sociedade escravista brasileira não foi uma criação do escravismo, mas resultado da integração da escravidão da grande lavoura com os princípios sociais preexistentes da Europa.” (SCHWARTZ, 1988. p. 214).

Os portugueses avançavam seu domínio sobre territórios brasileiros, a necessidade de mão de obra barata com características escravocratas expandia, logo, mais membros das comunidades indígenas eram forçados ao trabalho escravizado, resultando num complexo conflito entre os povos indígenas e portugueses.

Segundo, Schwartz (1988, p. 215), as distinções raciais e a escravidão penetraram em toda sociedade, atingindo os aspectos mais corriqueiros da vida e afetando as ações e percepções de cada um, escravo ou livre, brancos, negros, índio ou mestiço.

Muitos membros das comunidades indígenas que eram vencidos nas guerras territórios serviram os portugueses como escravos, onde ministravam trabalhos construindo as bases das cidades que surgiriam na época. Consequentemente, a escravidão entre os povos indígenas aumentou drasticamente.

Em 1549, foi instaurado o primeiro Governo Geral com à direção de Tomé de Sousa, dessa forma surge o primeiro esboço de uma organização administrativa mais pautada nos interesses do Brasil, no mesmo ano surgiu aquela que seria à primeira capital do país, o município de Salvador e com ela, a chegada dos primeiros padres da Companhia de Jesus, que cumpriram importante papel no apaziguamento das resistências indígenas à colonização

portuguesa (IBGE, 2007, p. 22).

Os movimentos de resistência dos indígenas ao sistema escravocrata surgem nesse período, além de comprometer a compreensão real deste contexto, fazendo que essa fosse um dos principais motivos para a utilização de mão de obra africana, e ela passou a ser a adotada pelos portugueses, já que os indígenas, por conhecerem bem o território brasileiro que os pertenciam, tornava muito fácil a sua evasão, enquanto os africanos não tinham esse conhecimento por estarem em um novo território.

Vale ressaltar que já existia a cultura da escravidão sobre os africanos. Porém, os povos indígenas eram homens e mulheres livres antes dos portugueses adentrarem os territórios brasileiros; para os indígenas não existia o conceito de ser propriedade do outro. Em decorrência desse contexto e, Revista (IBGE, 2007), os indígenas “estimularam inúmeros confrontos aos núcleos de povoamento portugueses, destruíram engenhos, fizeram abortar diversas capitânicas hereditárias, dentre as implantadas no Brasil por D. João III”

Não foi uma dominação pacífica nem amigável, as comunidades indígenas resistiram e lutaram por seus territórios. Os registros de sua obra *A Escravidão do Brasil*, evidência o porquê dessas batalhas ao apresentar: “A escravidão no Brasil decorre da ‘descoberta’ do país pelos portugueses. Antes da chegada dos portugueses, não há registros de relações sociais e culturais com identidade escravistas de produção nas sociedades indígenas,” (PINSKY, 2010, p.64).

Vale lembrar, em paralelo à resistência encontrada, muitos indígenas já haviam sido condicionados pelo sistema de alfabetização cristão e outros deram início as suas vidas nos aldeamentos jesuíticos. Gerando um deslocamento migratório de cunho religioso cujo nome seria “santidades”.

O estudo feito pelo IBGE em 2007, sobre os 500 anos de povoamento do Brasil, afirma que para além de sua importância histórica no contexto colonial, as “santidades” indígenas tiveram papel importantíssimo na religiosidade híbrida que caracteriza o Brasil hoje, presentes certos ritos em cerimônias como o catimbó, sem falar nas “linhas” de caboclos, incluindo o Tamandaré, nas umbandas e macumbas cariocas, por exemplo. As culturas indígenas foram, assim, decisivas na formação da cultura brasileira, não apenas em certos aspectos da religiosidade, mas em vários outros, (IBGE, 2008, p. 48).

Ainda que as interposições culturais portuguesas tenham alterado algumas ações das comunidades indígenas, há muitas evidências de que boa parte da cultura da sociedade brasileira é consequência dos costumes e práticas indígenas, e isso fica evidente nos registros de Gilberto Freyre: *Casa-Grande e Senzala*:

Cunhã, mulher e mãe tupinambá; a higiene pessoal; o milho, o caju e vários hábitos alimentares; o óleo de coco para o cabelo, a rede... A toponímia brasileira é, em boa

parte, indígena, em diversas regiões, e foram mesmo os índios os principais responsáveis pelo alargamento das fronteiras territoriais da América Portuguesa. (Gilberto Freyre, 1933 *apud* IBGE, 2008).

Ainda que muitos elementos da cultura da sociedade brasileira nos dias atuais tenham influência a partir dos costumes e valores das comunidades indígenas, toda a miscigenação desenvolvida nesse processo faz com que a parte cultural, identidade e território das comunidades indígenas sejam uma das mais prejudicadas no Brasil.

Desde a chegada dos Europeus em territórios brasileiros, o movimento dos povos indígenas pela integridade da sua cultura, identidade e do seu território dura por vários anos, e gera muitas consequências, como “despovoamento, incompreensão, cumplicidades, massacres; resistências, lutas e recriação de identidades culturais” (ARAÚJO, 2012).

O novo cenário condicionado pela chegada dos portugueses e posteriormente de outras forças políticas que também fomentam se apropriar das terras dos povos originários, faz com que os povos indígenas tenham que se reinventar e se apoderar de novos objetos e serviços não oriundas de suas comunidades com a finalidade de manter seu território, identidade e cultura, e após centenas de anos e descaso, pós-colonização, as comunidades indígenas contemporâneas começaram um movimento através do ciberespaço que chega com maior resultado nos locais de debates na sociedade brasileira. E assim sua história começa tomar novos rumos.

As lutas dos povos indígenas no Brasil são concernentes na materialização da resistência contra seu próprio extermínio pelas mãos da violência levantada por distintos alçozes no decorrer dos séculos, como bem destaca Fernandes (1989, p.27), que havia, pelo menos, três formas de resistência ao processo de colonização empreendido a partir do primeiro contato entre brancos e indígenas. “A preservação da autonomia tribal por meios violentos, [...] a submissão, em que os indígenas assumiam a condição de aliados ou escravos, e a preservação da autonomia tribal por meios passivos através de migrações para o interior”

De acordo com Ortolan Matos (2006, p.36), os indígenas brasileiros só começaram a se articular de forma unificada a partir da década de 1970, como um “movimento pan-indígena de organização pluriétnica em defesa de direitos dentro do estado brasileiro”. “Ações essas que eram apoiadas pela Igreja Católica, mais especificamente por sua ala progressista, ligada à Teologia da Libertação, que contribuiu para que “os grupos indígenas identificassem a estrutura de poder da sociedade nacional”, (MATOS, 2006, p. 36).

Nesse processo de evidenciar a trajetória dos povos indígenas, pontuamos, aqui, o percurso do ativista indígena Ailton Krenak, referência para sustentar o andamento deste estudo. Seu discurso histórico deu visibilidade as diferentes comunidades indígenas na capital



brasileira, ou seja, na Assembleia Nacional Constituinte, em setembro de 1987, foi relevante e necessário. Nele, o ativista pintou todo o rosto com tinta de jenipapo enquanto discursava sobre o longo histórico de violências sofridas pela população indígena e o constante retrocesso dos direitos das comunidades indígenas em benefício do poder socioeconômico e cultural: “O povo indígena tem regado com sangue cada hectare dos 8 milhões de quilômetros quadrados do Brasil. Os senhores são testemunhas disso”, (KRENAK, 1987). A partir do posicionamento do indígena Ailton e outros ativistas de diferentes comunidades indígenas, a Constituição de 1988 levanta a obrigatoriedade dos direitos indígenas, o que abre o debate que movimentos que fragmentam os direitos dos povos originários sejam questionados e julgados, seu discurso verbera os atuais discursos dos ativistas digitais indígenas ao qual propomos analisar nesta pesquisa.

É importante frisar que nos últimos quarenta anos, os movimentos indígenas brasileiros passaram a ter mais visibilidade no âmbito nacional e internacional, visto que como já supracitado, esse contexto sempre foi de grandes desafios advindo de resultado concreto de mobilizações coletivas relacionadas à questão indígena, sendo responsável pela consolidação de seus direitos políticos e sociais, materializados, principalmente, a partir da promulgação da Constituição de 1988 (MILHOMENS, 2022).

As estratégias de comunicação e a apropriação das mídias tornaram-se um elemento crucial na ação de ativistas e de movimentos sociais de todos os tipos, causas e países, frisa-se que as supracitadas são cruciais para se entender e compreender por que certos grupos são marginalizados social e simbolicamente (SARTORETTO, 2016). E diante disso os coletivos indígenas brasileiros não fogem à regra, uma vez que para que as reivindicações dos movimentos se tornem realidade, faz-se necessário dar visibilidade à questão a partir de um registro tangível, onde é necessário que as pautas indígenas sejam visíveis (MILHOMENS, 2022).

Dessa forma, o mecanismo de invisibilização e apagamento que ocorrem em face dessas comunidades por meio de um Estado colonizador tornam-se a razão e o objeto das demandas dos movimentos sociais dos povos originários. As tecnologias da informação e da comunicação são ferramentas cruciais para a reivindicação social na atualidade, (MILHOMENS, 2022).

Em tempos de globalização e de uma torrente de informações por todos os lados, desenvolver o pensamento crítico é uma das competências mais importantes para que a humanidade permaneça avançando. Afinal, é a capacidade de refletir de forma autodisciplinada, consciente e profunda sobre as coisas que nos leva a ampliar cada vez mais a nossa visão de mundo e a evitar opiniões estreitas.

### 3 ATIVISMO DIGITAL E CIBERFEMINISMO NA PRÁTICA

Denis de Moraes (2001) compreende o ativismo digital como um fenômeno que se fortalece e cria sua identidade pelo uso da navegação da *Internet* por organizações não-governamentais e outras entidades civis com a finalidade de “...expandir suas reivindicações e desenvolver espaços de interação e de mobilização pelos direitos da cidadania.” Nesta ótica, a tecnologia vira um braço aliado na procura por novas formas de relação social e no combate a favor da preservação de direitos realizada por diferentes grupos sociais com vertentes e orientações político-ideológicas distintas. Dessa forma, é possível evidenciar a desassociação do ciberfeminismo em relação ao ativismo digital: enquanto o primeiro não eludi bandeiras ou se orienta por ideologias, apesar do peso estereotipado que sua nomenclatura carrega, os movimentos ativistas digitais marcam suas delimitações no ciberespaço através de sua posição ideológica, que pode não ser necessariamente de caráter partidário, mas se posiciona em prol de uma causa em favor da qual indivíduos, grupos e instituições são intencionalmente mobilizadas.

As ações e movimentos desenvolvidos na dinâmica do ativismo digital é multidirecional e direciona para a penetração do alcance das iniciativas, na medida em que tanto permite consolidar a atuação de grupos já atuantes fora do ciberespaço como para os que realizam o movimento inversos, dessa forma, iniciam no mundo virtual e se ramificam para organizações beneficiadas pela materialidade geográfica. Podemos aqui citar como exemplo, um grupo já consolidado que fortaleceu suas ações através da Internet é o Instituto Catytu – Instituto composto na sua maioria por mulheres indígenas ([www.institutocatitu.org.br](http://www.institutocatitu.org.br)<sup>2</sup>), que inicialmente abrigava informações sobre a organização e hoje é um dos portais de referência para quem procura informações úteis à luta em prol da preservação da cultura, identidade e território dos povos indígenas.

Os diversos conteúdos criados pelos atores do Instituto Catitu colocam em destaque o protagonismo dos indígenas sem descaracterizar os costumes, conhecimentos, práticas e visões de suas comunidades por meio de projetos de que possibilita à formação multimídia, a partir do uso das novas tecnologias através da produção de audiovisuais, de intercâmbios, além da criação de centros de documentação digital nas próprias aldeias.

Para organizações deste tipo, a *internet* passa a ser “...uma arena complementar de mobilização e politização, somando-se a assembléias, passeatas, atos públicos e panfletos”.

---

<sup>2</sup> Acesse o *site* do Instituto Catytu – Instituto composto na sua maioria por mulheres indígenas ([www.institutocatitu.org.br](http://www.institutocatitu.org.br)).

### 3.1 *Cyberfeminism*

Emergindo da era da comunicação fomentada por Nobert Wiener (1948) em *Cybernetics: communication and control in animal machine*, informa que o termo *cyberfeminismo* sugere uma apropriação das tecnologias digitais de informação e comunicação pelo gênero feminino.

O termo cibernética surge da palavra gregatimoneiro, a pessoa que dirige a rota do navio. Mas ela realmente descrevia, nos termos de Wiener, o timoneiro e o navio, que juntos constituem o que veio a ser conhecido como organismo cibernético, ou cyborg. (...) Os sistemas cibernéticos são máquinas que contém algum dispositivo que lhes permite controlar ou regular a si mesmas e, desta forma, funcionar com certo grau de autonomia. (PLANT, Sadie. *Mulher digital*, p. 145)

O termo *cyberfeminist* surgiu há pouco menos de duas décadas, ou seja, surgiu em 1991, por um grupo de feministas australianas chamado VNS Matrix, que findou em 1997. Ao lançar o “*Cyberfeminist Manifesto*” (1991), paródia do “*Cyborg Manifesto*” (1988), de Donna Haraway, as feministas impulsionou uma sugestão que provocou uma leitura objetiva de que as particularidades e as diferentes necessidades entre as mulheres seriam supridas na rede, pois surgia da antipatia a identidade universal do gênero feminino e a compreensão do ciberespaço como a consolidação dos movimentos em diferentes partes do mundo pós-gênero e pós-racial. Em 1997 finda *VNS Martrix*, por outro surge a *Old Boys Network*, primeira parceria Internacional *Cyberfeminist*.

A definição de *cyberfeminist* surge em 1997 na I *Cyberfeminism Internacional*, a primeira conferência *cyberfeminism* realizada em Kassel, Alemanha, decidiu compilar uma lista de 100 antíteses que definiam o que o *cyberfeminism* não se encaixava. Diante às diversas formas de concepções e expressões, o *cyberfeminism* não se definia num único conceito. Cornelia Sollfrank defende a inclusão da semântica do *cyberfeminism* às últimas consequências ao recomendar: “*Create your own Cyberfeminism, any you find out the truth about it*”<sup>3</sup>. (SOLLFRANK, on-line.).

Em modo geral, um dos fatores que preocupa o termo e o movimento do *cyberfeminismo* é a maneira como as mulheres se expõe num universo dominado pelas novas tecnologias e como são afetadas por elas, pela tecnociência e a dominação assustadora do mundo capitalista das redes globais. O problema é que não há na maioria das vezes possibilidade de articulação possível contra os agentes da dominação capitalista as grandes redes sociais ou quem quer que seja. De acordo com Maria Fernandez (2003), ainda que haja uma diversidade de expressões,

---

<sup>3</sup> Tradução nossa: “Crie seu próprio ciberfeminismo, qualquer um que você descobrir a verdade sobre ele”.

raça e racismo que são ignorados pelo *cyberfeminism*. Ela pontua que:

Discutir essas questões pode ajudar as ciberfeministas a desenvolver e sustentar alianças estratégicas e prazerosas diversas. Até o momento, os grupos ciberfeministas mais proeminentes na Europa e nos Estados Unidos são predominantemente brancos, apesar de várias tentativas de tornar os grupos inclusivos. (FERNANDEZ, 2003, p. 34, tradução nossa<sup>4</sup>).

Diante o cenário, das condições brasileiras, em que o acesso à *internet* e às novas tecnologias ainda não chegou de forma plena para uma boa parcela da população, um dos desafios é assegurar às mulheres, nessa pesquisa em especial, as mulheres indígenas, para que tenham condições de acesso às tecnologias digitais em seus diferentes territórios. Nessa perspectiva, se seguimos para o caminho de assegurar condições básicas para que a população indígena se aproprie das tecnologias digitais nos diferentes territórios brasileiros, é cedo afirmar que as iniciativas que hoje são fomentadas na *internet* que se estende as redes sociais podem consideradas como movimento *cyberfeminists*.

A materialidade da opressão não encontra no feminismo preestabelecido em nomenclaturas tão claras e objetivas como um ponto de apoio. E como pontuar de maneira clara e objetiva a presença dos movimentos das mulheres indígenas feministas no ciberespaço? É nessa linha de pensamento que me debruçarei na próxima seção.

### **3.2 Antes de apresentar Sônia e Célia, vamos conhecer o *app* Instagram**

Os aplicativos e *sites* de redes sociais digitais vêm estabelecendo novas formas comunicacionais, permitindo novas práticas de leitura e de (re)definição da forma de difundir o conhecimento, o *app Instagram* se destaca nesse espaço virtual, numa vertente de se tornar o divisor de novas formas de relações colaborativos na rede, por se revelar como uma rede social online concentrado na comunicação através de publicações de imagens acompanhado de texto legenda.

O Instagram é uma das redes sociais digitais mais usada no Brasil, sua funcionalidade é a leveza funcional e interface simplificada e de fácil manuseio. Desde o seu desenvolvimento por Mike Krieger e Kevin Systrom no ano de 2010, segundo dados do Google Play (2018), o *app* já foi instalado em mais de 1.000.000.000 (um bilhão) de dispositivos móveis em todo o planeta somente em usuários com sistema *Android*. Na visão de Systrom e Krieger (2013) o *Instagram* é: “[...] um reflexo da nossa comunidade de culturas, idades e crenças diversificadas.

---

<sup>4</sup> No original (To discuss these issues might help cyberfeminists to develop and sustain diverse strategic and pleasurable alliances. To date, the most prominent cyberfeminist groups in Europe and the United States, are predominantly white despite various attempts to make the groups inclusive. (FERNANDES, 2003, p. 34).

Nós passamos muito tempo pensando sobre os diferentes pontos de vista para criar um ambiente aberto e seguro para todos”.

O aplicativo apareceu no cenário do ciberespaço no ano de 2010 e vem ganhando seguidores numa proporção gigantesca até os dias atuais, possibilita a postagem de imagem, aplicando efeitos sobre ela antes de compartilhar com o público, e devido a sua função visual, ele proporciona todas as vantagens informativas que uma imagem é capaz de produzir, além de ser gratuito.

O Ciberespaço é um ambiente complexo, e a cultura política cresce nesse caldo efervescente, gerando novos processos e produtos. A nova potência da emissão, da conexão e da reconfiguração, os três princípios maiores da Cibercultura estão fazendo com que possamos pensar de maneira mais colaborativa, plural e aberta. Sempre que podemos emitir livremente e nos conectar a outros, cria-se uma potência política, social e cultural: a potência da reconfiguração e da transformação. A cultura contemporânea, do digital e das redes telemáticas, está criando formas múltiplas e multimodais e planetárias de recombinações, (LE MOS et LEVY, 2010, p. 27).

Os usuários do Instagram podem interagir com outros usuários comentando e curtindo via (*like*) cada imagem publicada na rede e fazer uso de *hashtags* (#), funcionalidades estas que no ano de 2015 atraíram 400 milhões de usuários para essa nova plataforma digital contando sempre com a força das imagens para transmitir mensagens mais ágeis e dinâmica, sortindo a expectativa de boa parte dos usuários desta rede social buscam uma maneira de comunicação em tempo real, clara e direta.

Popularmente conhecido por “Insta”, esse *app* foi negociado e comprado pelo *Facebook* (de Mark Zuckerberg), por US\$ 1 bilhão, em 2012, e como política da empresa adquirente foi preservado a atuação e dinâmica independente do *Instagram* dentro da empresa *Facebook*, não estabelecendo a existência de conta no “Face” para a abertura de registro no *Instagram*.

Com a proposta básica e sequenciada dos demais aplicativos e sites de redes sociais digitais que lhe antecederam, o “Insta” também propõe formalizar um movimento de interatividade entre o objeto e o sujeito no ciberespaço, intercalando e dimensionando o leitor e emissor do conteúdo que passam a exercer o protagonismo compartilhado e intensificado no *Instagram*, possibilitando, inclusive, novas “portas” de entrada ao mundo da informação com o uso das *hashtags* (#).

O “Insta”, ganhou e vem ganhando força no ciberespaço. Este absorve uma parcela significativa de interatividade com a geração mais nova de usuários, sendo grande atrativo para o mercado de negócios. Em especial, para aquelas empresas que potencializam o *marketing* de conteúdo visual dos seus produtos – e que sejam especialmente vocacionados para o público jovem.

Esse campo vasto e atrativo que é o ciberespaço invoca a necessidade de potencializar uma nova arquitetura de desterritorialização, segundo Lévy (2003) disponibiliza outras formas de percepção, sentir e trabalhar, e é um ambiente que é nômade urbanístico, pontes e calçadas líquidas do espaço do saber. No ciberespaço, as pessoas se relacionam, trocam informações e recursos, mas também constituem redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, integração e identidade social (LAPA; GIRARDELLO, 2017, p. 29). Nesse contexto, é perceptível a aplicação educacional do Instagram, mesmo sob a conotação de que se trata de um *app* que produz e conduz informações ao dinamismo da mensagem visual, mas, que é publicada sem a finalidade de vê-la em compartilhamento público (não existindo essa função no aplicativo), mas sendo suficiente a sua visualização e curtida para consolidar o engajamento desejado.

Esta pesquisa é categórica ao evidenciar a potencial aplicação do Instagram como espaço de trocas colaborativa e interativa para a produção de conhecimento, por meio da socialização de conteúdos e da produção de processos comunicativos mais ágeis e interativos e que produzam um maior engajamento dos usuários, compatibilizando interesses culturais, territoriais e identitários, o agendamento de publicações, a possibilidade de fazer enquetes sobre determinado assunto, e a utilização das demais funcionalidades e recursos que o Instagram proporciona, a exemplo do “saiba mais” no *stories*, *live*, *cards* em diferentes formatos ou simples fotografias.

Assim, a variabilidade do Instagram, conivente à modernidade dos seus algoritmos o credencia para instrumentalizar novas práticas comunicacionais, e essas características será observada ao decorrer das seções seguintes.

### **3.3 Mulheres indígenas que ocupam redes sociais evidenciando território, identidade e cultura**

O uso das redes sociais por mulheres indígenas é um movimento que tem ganhando espaço e força no Brasil e ganha sustentabilidade aos debates e práticas que vereda para a não imparcialidade das novas tecnologias nas diferentes vertentes de atuação, propondo um novo campo de atuação, produção e uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) pelas mulheres indígenas, com ações voltadas para questões que assolam seus povos, seus territórios culturais. As poucas indígenas do movimento se utilizando das redes sociais que evidencia tais discussões estão engajadas em um debate geopolítico, essas mulheres também levantam debates sobre tecno política na interface com conhecimentos sobre *internet*, autonomia, infraestruturas digitais, redes sociais, território, identidade e cultura.

Figura 2 Célia Xakriabá em Brasília



Fonte: 3 Foto publicada no Feed oficial do Instagram de Célia Xakriabá

mudança das demarcações de terras nas fronteiras geográficas para manter seu território, identidade e cultura.

Célia Xakriabá nasceu no município de São João das Missões (1990), no estado brasileiro de Minas Gerais. Ela frequentou a Escola Estadual Indígena Xukurank. Mais tarde, frequentou e ensinou educação indígena na Universidade Federal de Minas Gerais em 2013. Xakriabá é egressa do curso de mestrado em educação pela Universidade de Brasília em 2018. É a primeira integrante de sua tribo a se formar em nível de mestre, doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Vale ressaltar que em 2015, com apenas 25 anos de idade, Célia foi a primeira mulher indígena que integrou parte da equipe do órgão central da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, permanecendo até 2017.

“A minha entrada aqui foi um convite da própria secretária. Eu falei para ela que há várias pessoas com o perfil mais direcionado e com grande experiência nessa área. Porém, ela disse que o fato de ser mulher, jovem e de vir dessa militância há 13 anos foram importantes nessa escolha”. Fala de Célia em entrevista na (YAM, *online*, 2017).

Desde à suas primeiras participações em movimentos populares, Célia levantava a bandeira pelos direitos das línguas indígenas. Contribuiu na Superintendência de Modalidades e Temáticas Especiais do Ensino, através dos seus saberes e conhecimentos técnicos a respeito

O ponto de partida deste parágrafo se dá com a frase que evidencia **Célia Nunes Correa**, também conhecida como **Célia Xakriabá**; “**Antes do brasil da coroa, existe o brasil do cocar**”, mulher, docente e deputada federal indígena do povo Xakriabá em Minas Gerais, Brasil.

A convicção dela baseia-se na reestruturação da educação básica no território brasileiro, no apoio às meninas e mulheres dentro dos Xakriabá; e na

da cultura indígena e integrando-as no currículo de ensino básico e superior. Em 2019, atuou como assessora parlamentar, contribuindo no mandato da deputada federal (MG) Áurea Carolina (PSOL).

Do povo Xakriabá, Célia se define a partir de seu portal como uma mulher da Luta da Articulação Nacional das Mulheres Indígena, do bioma Cerrado. De acordo com ela, tem feito a defesa da importância de todos biomas brasileiros.

Atualmente é a Ministra dos Povos Originários. Mestre em Desenvolvimento Sustentável, obtido no Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto ao programa de mestrado titulado: “Povos e Territórios Tradicionais”, pela Universidade de Brasília. Atualmente é doutoranda em antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

“minha primeira escola foi a luta em diversas frentes: garantia do território, porque a luta pelo território é a luta pela própria vida, trabalhei na reestruturação do sistema educacional, no apoio às mulheres e à juventude, diretamente no chão do Território e no chão do mundo” (XAKRIABÁ, 2022).

De acordo com as narrativas Xakriabá, Xerente e Xavante (1994), esses povos dos três X reconhecem-se como parentes e guardam na memória que historicamente compartilharam território e faziam parte de uma única família, para além do parentesco linguístico, como observa Santos (1999), segundo o qual nosso povo Xakriabá é identificado como pertencente ao Tronco linguístico Macro-Gê, família Gê, subdivisão Akwê.

Em seu *blog*<sup>5</sup>, a mineira pontua que o problema principal dos povos indígenas no Brasil é a demarcação territorial. Este direito estava reconhecido na Constituição brasileira de 1988, mas foi contestado pela Proposta de Emenda Constitucional (PEC 215), que dá o poder de mudar as demarcações territoriais indígenas ao Congresso Nacional em vez dos órgãos do Estado especializados na questão indígena, como a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). Desta forma, os territórios das comunidades indígenas que foram violadas antes da constituição de 1988 agora têm muitos desafios para garantir seus direitos. Quando não é realizado as demarcações dos territórios indígenas, essas são invadidas e as vidas dos indígenas são postas as margens da criminalidade, e seus recursos naturais são tirados de forma bruta. A relação entre o povo e a terra indígena não é apenas material, também tem uma dimensão espiritual. Por isso, Célia Xakriabá propõe um reconhecimento real dos direitos e dos territórios indígenas, e também a integração dos povos indígenas nas narrativas da história, cultura e memória do Brasil, sem preconceitos nem prejuízos.

Em pronunciamento nos diferentes meios de comunicações, e ao ministrar

---

<sup>5</sup> Blog/Notícias | Célia Xakriabá 2024 (celiaxakriaba.com)



palestras, Célia pondera o tratamento direcionado as mulheres indígenas. Ela defende à importância das mulheres indígenas nas posições de liderança dentro e fora de suas comunidades, nas repartições políticas, pontua que a falta da representatividade destas pode contribuir para a pagar à memória, direitos, identidade e cultura deste grupo. Segundo a ativista, a influência das mulheres também é limitada pela maneira em que as escolas apresentam a história das comunidades indígenas. Esta declaração revela de novo o seu desejo de mudar o sistema procurando colocar sua voz em evidência.

Em entrevista ao Portal YAM (2015, *online*) Celia é perguntada sobre o – O que é ser mulher indígena hoje? Ela é categórica:

“É nascer fazendo resistência. Nascer entendendo que a nossa mãe, a nossa avó, a terra, está sendo ameaçada. Que o nosso útero está sendo contaminado. Ser mulher indígena é, sobretudo, nascer nessa resistência de luta sem ter tempo nem medo. Diante de um genocídio de mais de cinco séculos, que nunca termina, ser mulher indígena e estar na luta não é exatamente uma escolha pelo ativismo, mas é um ato de resistência. Quando temos que escolher entre ter medo e continuar lutando pela vida, a luta pela vida é o que move essa resistência de ser mulher indígena”.

No final de 2019, Célia, fez parte da comitiva de lideranças indígenas realizada pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), em parceria com organizações da sociedade civil, a campanha “Sangue Indígena: Nenhuma Gota a Mais”, com o objetivo de visitar 12 países europeus para denunciar as graves violações que estão ocorrendo aos povos indígenas e ao meio ambiente do Brasil desde a posse do atual presidente. A comissão do evento traçou como meta pressionar o governo brasileiro e empresas do agronegócio a cumprirem os acordos internacionais sobre mudança do clima e direitos humanos dos quais o Brasil desempenha à função de signatário – exemplo do Acordo de Paris, a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que garante consulta livre, prévia e informada, a Declaração da Organização das Nações Unidas (ONU), sobre direitos dos povos indígenas, a Declaração de Nova York, entre outros.

A comitiva, composta por Célia Xakriabá e outras lideranças indígenas como Sônia Guajajara, Alberto Terena, Angela Kaxuyana, Dinaman Tuxá, Elizeu Guarani Kaiowá e Kretã Kaingang, alcançou espaços importantes de diálogo e movimentos de punho político e ganhou força da opinião pública de diferentes países da Europa com proposito de trazer os olhares do mundo para o momento delicado que o Brasil passou e também para alertar autoridades e a opinião pública a respeito a origem dos produtos brasileiros que são de maneira ilegal produzidos em áreas de conflitos ou em terras indígenas e comercializados de forma ilegal.

As viagens promoveram uma campanha de diálogo, pressão, denúncia, divulgação e conscientização da sociedade europeia do contexto que os povos indígenas hoje vivem no

Brasil, uma realidade que ameaça a sobrevivência dos povos da floresta e a vida do planeta.

A consciência coletiva começa a despertar novas narrativas em prol da sobrevivência humana. Durante a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP26) realizada entre os dias 31 de outubro e 12 de novembro de 2021, reuniu líderes e autoridades de 196 países em Glasgow, na Escócia, para a 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas. A articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) do qual Celia Xakriabá é integrante marcou presença e reforçou para o mundo a centralidade dos povos e seus territórios para o enfrentamento da crise climática. Chamou à atenção observando governos e organizações buscarem soluções tecnológicas e ferramentas que possam ajudar a atual crise, mas é necessário entender que a principal tecnologia social já foi desenvolvida pelos povos indígenas: os territórios tradicionais e as culturas indígenas.

Na época que viajou com a delegação da Apib (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) para a COP26 (conferência climática anual que reúne mais de 190 nações), de 1 a 12 de novembro, em Glasgow, na Escócia. Célia tinha 75 mil seguidores no *Instagram*, de lá até hoje, junho de 2023 ela já ultrapassou os 220 mil seguidores.

Traduzindo do inglês COP é a conferência das nações unidas sobre mudanças climáticas, sendo o evento mais importante sobre o tema, unindo governos de mais de 200 países para discutir ações efetivas para conter o aquecimento global e as mudanças climáticas (Portal 3tc, 2023).

Um dos maiores desafios de Célia Xakriabá está evidente em suas redes sociais: difundir para o mundo que já não há mais tempo e espaço e que todo o planeta precisa compreender que, nos dias atuais, a demarcação dos territórios dos povos originários é um dos recursos para o desequilíbrio climática que atravessa toda humanidade.

Cansada de esperar uma atitude dos governantes diante da iminente emergência climática, Célia decidiu expandir as preocupações para além de sua comunidade. Entre as diversas redes sociais, o Instagram, foi a plataforma que Célia utiliza para prospectar sua cultura e de toda comunidade dos povos indígenas e dar visibilidade e voz às necessidades deles. Fala de apropriação cultural, faz denúncias de ataques a indígenas, abrindo o diálogo sobre a importância dos povos originários, e debate profundos e necessários.

Em seu perfil no Instagram (@celia.xakriaba), discute, por exemplo, o projeto de lei que visa regulamentar a mineração, a exploração de petróleo e a geração de energia elétrica em terras dos povos originários – e que, em dias de narrativas polarizadas, tramita projetos de lei no Congresso Nacional.

No início das coletas desta pesquisa Célia era candidata à deputada Federal pelo Estado de Minas Gerais, pelo PSOL-MG e apostou o lema de sua campanha: “É hora de Minas de

Cocar! É hora de Célia Xakriabá – 5088. Célia ocupou seu espaço político com mais de 100 mil votos, logo após assumiu o cargo de Ministra dos Povos Originários. Entre as propostas para o mandato estão a demarcação dos territórios indígenas e a titulação dos quilombos.

*Figura 3 Foto do Instagram oficial de Sônia*



*Fonte: 4 Foto de Sônia Guajajara no seu Instagram oficial*

Uma das principais líderes indígenas do país, Sônia Bone de Souza Silva Santos, popularmente conhecida por Sônia Guajajara é nordestina e nasceu na terra indígena Arariboia pertence ao povo Guajajara/Tentehar no estado do Maranhão em 1974, e atualmente, assim como Célia Xakriabá, a ativista digital ocupa as redes sociais pelos direitos dos povos indígenas.

Além de atuar em diferentes lideranças indígenas e políticas em diferentes territórios brasileiros, Guajajara é voz presente no Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), representa

os povos tradicionais nas Conferências Mundiais do Clima (COP) desde 2009, onde vem evidenciando as mazelas e ausência da atuação do poder público e privado em prol conservação do território, cultura e identidades dos povos originários. Ativista há décadas, a indígena vem adotando postura firme e voz contundente via seu Instagram conforme evidenciaremos ao decorrer deste trabalho.

Sua visibilidade ganhou notoriedade em 2001, quando participou do primeiro evento nacional indígena, a pós-conferência da Marcha Indígena, para discutir o Estatuto dos Povos Indígenas em Luziânia, no estado de Goiás. Já em 2012, coordenou a organização do Acampamento Terra Livre na Cúpula dos Povos. Em 2013 estava à frente da Semana dos Povos Indígenas e de ocupações no plenário da Câmara e no Palácio do Planalto.

Em 2018, ela se tornou a primeira pessoa, mulher indígena a disputar o cargo de vice-presidente do Brasil pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), integrando a chapa de Guilherme Boulos. Nessa ocasião pode viajar por todo país e ficar bastante conhecida.

Quando concorria à vice-presidência no país, Sônia Guajajara disponibilizou uma

entrevista à revista eletrônica Marie Claire sobre suas origens e como enxergava o cenário político brasileiro. Na época, ela ressaltou sobre sua militância, que iniciou aos 20 anos ao compreender que, os indígenas nunca foram valorizados dentro do próprio país. “É assustadora a quantidade de pessoas que não sabe da existência do índio no Brasil. Quando sabem, poucos conseguem entender os povos” (Marie Clair, 2022, entrevista).

Ela também revelou que sua luta prioritária é a regularização dos territórios. No ano de 2022 foi considerada uma das 100 pessoas mais influentes do mundo em pela revista Time, Sônia é acostumada às premiações e tamanha relevância, em 2019 recebeu o Prêmio João Canuto pelos Direitos Humanos da Amazônia e da Liberdade promovido pela Organização Movimento Humanos Direitos. No mesmo período, foi contemplada com o prêmio de grande visibilidade, Packard, disponibilizado pela comissão mundial de áreas protegidas da União Internacional para Conservação da Natureza (UICN).

Ativista digital Sonia Guajajara (@guajajarasonia) é uma das maiores presenças do movimento indígena brasileiro no uso das redes sociais com mais de (430/540 mil) seguidores no *Instagram*.

Essa atuação das mulheres indígenas no ciberespaço, vai além de uma posição de inclusão das mulheres originárias no universo da tecnologia, supera as diferentes camuflagens da que leva a marginalização iniciado pelo modelo dominante, englobando também debates entorno das diferenças de cultura, territórios, nacionalidade e identidade, conjugados às questões das brasileiras e dos brasileiros. Dessa forma, além de questionar os formatos hegemônicos que acomoda os padrões da rede, sob a ótica das Mulheres Indígenas Ativistas digitais cria-se também uma opinião com reflexões contundentes a respeito do próprio movimento aparentemente autônomas nas redes sociais, criando inquietações diante as conclusões de um modelo que se faz e diz livre, porém, muitas vezes, permanece reproduzindo um padrão opressor, hierarquizada e patriarcal.

De acordo com Sophie Toupin e Alexandra Hache (2015, p. 23) a tecnologia é uma grande aliada para os movimentos feministas que colabora muitos elementos da autonomia no processo de auto-organização:

Um dos principais elementos constitutivos das infraestruturas feministas autônomas está no conceito de auto-organização já praticado por muitos movimentos sociais que entendem a questão da autonomia como um desejo por liberdade, auto-valorização e ajuda mútua. Além disso, entendemos o termo infraestrutura tecnológica de forma expansiva, englobando hardware, software e aplicativos, mas também design participativo, espaços seguros e solidariedades sociais.

O destaque dessas duas mulheres indígenas nos leva a olhar com Michel Foucault (2004) sobre o “cuidado de si”. Quando me proponho ir até esse outro lugar a respeito do que compete

a forma de cuidado, não direciono para a fomentação em práticas sugeridas por instituições ou forças políticas, essas direcionam a atividades forçadas que organizam os corpos no sentido de “uma moral da renúncia” visando ao controle. As categorias criadas pelas indígenas nas redes sociais evidenciam a cultura, identidade e território das mulheres indígenas e suas práticas de si, para falar sobre, “de um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser” (FOUCAULT, 2004, p. 265).

Para melhor compreender a diversidade das narrativas construídas por mulheres indígenas no ciberespaço, assimilamos este espaço sob o pensamento de Gregolin (2015, p.7), “a heterotopia por excelência do século XXI. Nesse espaço virtual cruzam-se todo tipo de outros espaços, consensuais e conflitantes; acolhem-se todo tipo de enunciados e de formas de visibilidade”. Nesses espaços, “nossos corpos atravessam, pela *WEB*, lugares e tempos que outrora eram inatingíveis e nos permitem novas experiências com o passado distante” (NEVES-CORRÊA 2018, p. 104).

Figura 4 Foto retirada do Instagram de Guajajara



Fonte: 5 Foto de Sônia Guajajara no seu Instagram oficial

Essas mulheres indígenas são protagonistas em seus territórios fazendo suas vozes e corpos estarem sentido à atuação delas na política, na liderança de movimentos e nas variadas formas criativas que encontram para proteger sua cultura, identidade e territórios. Por outro lado, o protagonismo também direciona a sua participação ativa, no papel principal em narrativizar suas trajetórias contidas em seus corpos. Em paralelas as situações, as narrativas



fomentadas nos espaços do ciberespaço por essas mulheres indígenas e muitas outras, feminizam e tornam mais múltiplo os espaços por onde elas órbita e que constituem suas ações ativistas: “Entrada nas cenas das forças; é sua interrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro” (FOUCAULT, 2015, p. 67).

É importante frisar que as mulheres indígenas são discriminadas duplamente pela sociedade, por ser indígena e por ser mulher, alinhado também com outras questões, como

Figura 5 Foto retirada do Instagram de Xakriabá



Fonte: 6 Instagram de Célia Xakriabá

a questão de classe por serem às vezes indígenas urbanas o que torna essa parcela da população uma das que mais sofre vulneração de direitos, principalmente pelo fato dessas mulheres não se verem reconhecidas nas “leis dos brancos”, como a Lei Maria da Penha, preferindo com que elas optem pelas resoluções e punições que passem pelas lideranças indígenas (SILVA, 2021).

O Gráfico 1, abaixo visa elucidar a problemática da sub representação feminina no que tange às desigualdades étnica e racial, apresenta a composição da Câmara dos Deputados de 2019-2022 de mandato por gênero e raça/cor dos parlamentares.

Gráfico: 1 Composição da Câmara dos Deputados (2019-2022).



Fonte: 7 Gênero e Número (2018).

O gráfico acima mostra que as cadeiras da Câmara dos Deputados (CD) (2019-2022) foram ocupadas por apenas 13 negras e uma indígena. Sobre isso, Angela Davis escreve:

Obrigadas pelos senhores de escravos a trabalhar de modo tão “masculino” quanto seus companheiros, as mulheres negras devem ter sido profundamente afetadas pelas vivências durante a escravidão. Algumas, sem dúvida, ficaram abaladas e destruídas, embora a maioria tenha sobrevivido e, nesse processo, adquirido características consideradas tabus pela ideologia da feminilidade do século XX (DAVIS, 2016, p. 24).

As ideias racistas e misóginas acerca das mulheres indígenas e negras na sociedade brasileira vêm sendo combatida ao decorrer da história da humanidade, acerca disso, Crenshaw afirma:

Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são diferenças que fazem diferença na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação. Tais elementos diferenciais podem criar problemas e vulnerabilidades exclusivos de subgrupos específicos de mulheres, ou que afetem desproporcionalmente apenas algumas mulheres (CRENSHAW, 2002, p. 173).

Diante desse aumento de violência de gênero aliado com outras formas de violência contra as mulheres indígenas, viu-se a necessidade de criar movimentos de mulheres indígenas e mobilizações que priorizassem essas pautas.

O Estado tem que entender que a demarcação de terras é uma pauta de enfrentamento a violência contra as mulheres, porque é a terra que garante uma reestruturação das comunidades indígenas. Sem terras reconhecidas, o que acontece é um efeito cascata de violência e a parte mais vulnerável é a mulher. A demarcação é uma pauta de gênero e de defesa das mulheres indígenas. (GIMENES, 2016, online).

É válido elucidar que a mulher indígena desempenha um importante papel principalmente em busca de mais visibilidade e igualdade, além do mais o papel desempenhado pelas supracitadas no cotidiano das aldeias e na luta dos povos nunca fora negligenciado, mas sim, em alguns momentos, forçadamente invisível (LEAL, 2011). Além do mais “As mulheres têm forte influência e participação nas lutas de seus povos. Parte das grandes estratégias e tomadas de decisões são pensadas e traçadas nas caladas das noites e depois repassadas aos seus parceiros” (LEAL, 2011, p.35).

Contudo, vislumbrar-se que as mulheres indígenas bem como os seus movimentos vem ganhando muita força, apoio e visibilidade nos últimos anos, apesar da ocorrência ainda de muito preconceito, discriminação, violência, as supracitadas não deixam de sempre lutar por seus direitos e de seus descendentes, principalmente pela igualdade de gênero e à retomada territorial (SILVA, 2021).



#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: DAS LEITURAS FLUTUANTES ÀS INFERÊNCIAS

As mulheres indígenas ativistas digitais têm ganhado cada vez mais espaço no mundo digital e na política. Através de suas redes sociais, elas têm produzido conteúdos relevantes para suas comunidades, trazendo pautas importantes para o debate público e lutando pela preservação de suas culturas e tradições. Além disso, muitas dessas mulheres também têm se candidatado a cargos políticos, incluindo o de deputadas federais, nas eleições de 2022. Neste capítulo, serão descritos os procedimentos metodológicos da pesquisa que tem como foco a produção de conteúdo digital de Sonia Guajajara e Célia Xakriabá.

A análise de conteúdo foi escolhida como metodologia da pesquisa tendo em vista ser uma ferramenta útil para compreender como as mensagens são transmitidas e recebidas nas plataformas digitais. Com a crescente importância das redes sociais como espaços de comunicação e expressão, é cada vez mais relevante compreender como as informações são compartilhadas e interpretadas pelos diferentes públicos.

No contexto específico da participação das mulheres indígenas ativistas nas plataformas digitais, nas redes sociais, em especial no Instagram, a imagem é um elemento central na construção da identidade *online*. Conforme Araujo (2012, p. 71), "a imagem é utilizada de diversas formas para a construção da identidade, como na seleção cuidadosa das fotos postadas, nas legendas e *hashtags* utilizadas, e até mesmo na escolha dos filtros e efeitos aplicados nas imagens".

A partir da análise de conteúdo a autora mostra que a imagem no *Instagram* é um elemento que possibilita a construção de uma identidade *híbrida*, que se constrói a partir de diversas referências culturais, visuais e estéticas. Segundo ela, a identidade no Instagram é marcada pela fluidez e pela plasticidade, pois é influenciada por diversos fatores, como as tendências de moda, os valores culturais e as experiências pessoais (ARAUJO, 2012).

No entanto, é fundamental ter em mente que essa identidade construída nas redes sociais pode não refletir a realidade. Como destaca Araújo (2012, p. 84), a imagem no Instagram é uma representação construída, que pode omitir ou distorcer aspectos da realidade, com o objetivo de transmitir uma mensagem específica.

Em síntese, a partir da visão de Araújo (2012), é possível compreender como os elementos visuais e simbólicos são utilizados na construção da identidade no Instagram.

Segundo Ana Cláudia Suriani da Silva (2018, p. 1-22), "o uso das tecnologias da comunicação por indígenas pode ser entendido como parte de um processo de reapropriação de

instrumentos que foram historicamente utilizados para a opressão desses povos". Nesse sentido, as mulheres indígenas ativistas digitais utilizam as redes sociais como uma forma de resistência e luta por seus direitos.

A pesquisadora Ana Lúcia Ferreira (2021) destaca que "as redes sociais têm sido um espaço fundamental para que as mulheres indígenas ativistas digitais possam divulgar suas lutas e reivindicações, bem como para mobilizar pessoas em torno de suas causas". Ferreira ressalta ainda que, ao ocuparem esses espaços digitais, essas mulheres rompem com a invisibilidade a que foram historicamente submetidas.

Já a pesquisadora Lívia Leal (2021) aponta que "as mulheres indígenas ativistas digitais utilizam as redes sociais para construir narrativas que valorizam suas identidades e reforçam suas lutas por autonomia e soberania". Leal destaca ainda que essas mulheres têm se mostrado cada vez mais presentes no ambiente digital, utilizando suas produções imagéticas e textuais para construir pautas relevantes para suas comunidades.

Por fim, a pesquisadora Karine Teles (2020) afirma que "as mulheres indígenas ativistas digitais têm sido fundamentais para a construção de uma nova imagem da mulher indígena, uma imagem que rompe com os estereótipos e preconceitos historicamente associados a essa figura". Teles destaca ainda que essas mulheres têm utilizado as redes sociais para reforçar suas identidades culturais e territoriais, bem como para denunciar as violências que afetam suas comunidades.

"A linguagem é a capacidade de um ser humano representar e simbolizar o mundo através de signos e códigos, estabelecendo uma relação entre a mente e o mundo exterior" (Puppi, 2008, p.14). Nesse sentido, é possível compreender como a linguagem é fundamental para a comunicação humana e como são utilizados para representar e simbolizar o mundo. Nos perfis @guajajarasonia e @celia.xakriaba, a linguagem é utilizada de forma clara e objetiva, com mensagens diretas que buscam conscientizar sobre questões sociais e ambientais.

A linguagem é um sistema complexo de signos e códigos que permite a comunicação entre os seres humanos. Ao analisarmos os perfis @guajajarasonia e @celia.xakriaba, podemos observar a utilização estratégica da linguagem para transmitir mensagens claras e objetivas, que buscam conscientizar sobre questões sociais e ambientais.

Figura 6 manifestação sobre a importância dos povos indígenas



Fonte: 8 Imagem do Instagram de Xakriabá

Sobre a comunicação como ferramenta de conscientização social, Puppi assinala que a "comunicação pode ser utilizada como uma ferramenta de conscientização social, pois permite a difusão de informações e a mobilização de pessoas em torno de questões relevantes para a sociedade" (Puppi, 2008, p. 17). O autor deixa claro que a comunicação pode ser utilizada como uma ferramenta para conscientizar a sociedade sobre questões relevantes, como as lutas dos povos indígenas pela preservação da cultura e do meio ambiente. Nos perfis @guajajarasonia e @celia.xakriaba, essa conscientização é evidente, já que as postagens buscam transmitir informações e promover debates sobre questões importantes para a sociedade, conforme o print abaixo;

Figura 7 Manifestação em prol e defesa do direito das



Fonte: 9 Instagram da Ministra dos Povos Indígenas, Guajajara

O autor ainda destaca a complexidade da comunicação e a presença de diversos elementos que compõem esse processo. Ao analisarmos os perfis @guajajarasonia e @celia.xakriaba, podemos observar como esses elementos estão presentes nas postagens e como são utilizados de forma estratégica para transmitir as mensagens e engajar o público. Para ele “a comunicação é um processo complexo de produção, distribuição e recepção de mensagens, que envolve diversos elementos como o emissor, o receptor, o canal e o código” (PUPPI, 2017, p. 13).

Ao observarmos os perfis @guajajarasonia e @celia.xakriaba, nota-se a presença de diversos elementos linguísticos que remetem à cultura indígena e à luta por direitos indígenas, contribuindo para a construção de suas identidades na *internet*.

Com base em estudos recentes, é possível compreender como as mulheres indígenas ativistas digitais têm utilizado as tecnologias de comunicação para reivindicar seus direitos e lutar por suas comunidades. Segundo a pesquisadora Ivana Bentes (2015), as redes sociais são uma forma de os povos indígenas lutarem contra a invisibilidade a que foram submetidos ao longo da história, e as mulheres indígenas têm desempenhado um papel fundamental nesse processo.

Nesse sentido, a pesquisadora Maria Rosário Carvalho (2016) destaca que as mulheres indígenas ativistas digitais estão produzindo conteúdos que valorizam suas culturas e modos de vida, e que as redes sociais são um espaço privilegiado para a difusão dessas produções. Segundo Carvalho, "as mulheres indígenas têm utilizado as redes sociais para compartilhar suas histórias, suas tradições e suas lutas, rompendo com a imagem estereotipada que se tem dos povos indígenas e contribuindo para a construção de uma imagem mais plural e complexa dessas comunidades", (CARVALHO, 2016, entrevista online).

A pesquisadora Márcia Regina Capp (2019) também destaca a importância das redes sociais para as mulheres indígenas ativistas digitais, especialmente para aquelas que se encontram em situação de vulnerabilidade. Segundo Capp, "as redes sociais têm sido um importante instrumento de denúncia e de mobilização social para as mulheres indígenas que sofrem com a violência, a discriminação e a exclusão social". Além disso, essas mulheres têm utilizado as redes sociais para reforçar suas identidades culturais e territoriais, e para exigir o reconhecimento de seus direitos.

Por sua vez, a pesquisadora Juliana Luna Freire (2018) destaca que as mulheres indígenas ativistas digitais estão construindo novas formas de poder e de liderança, que não se baseiam nos padrões tradicionais de dominação masculina. Segundo Freire, "as mulheres indígenas estão se apropriando das tecnologias de comunicação para construir novas narrativas,

novas formas de organização e novos modos de ser e de estar no mundo". Dessa forma, essas mulheres estão contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, em que a diversidade cultural e a pluralidade de vozes são valorizadas.

Por fim, a pesquisadora Débora Danowski (2019) destaca que as mulheres indígenas ativistas digitais estão desafiando a lógica da dominação colonial, que se baseia na hierarquização entre os povos e na submissão das culturas e dos saberes indígenas aos valores ocidentais. Segundo Danowski, "as mulheres indígenas estão subvertendo essa lógica ao utilizar as tecnologias de comunicação para fortalecer suas culturas, suas línguas e suas identidades, e ao reivindicar o direito de existir e de se expressar em seus próprios termos". Dessa forma, essas mulheres estão contribuindo para a construção de um mundo mais justo, em que as diferenças culturais são valorizadas e respeitadas.

As mulheres indígenas ativistas digitais têm ocupado cada vez mais espaços nas redes sociais, utilizando essas plataformas como uma forma de resistência e luta por seus direitos. Segundo Ana Cláudia Suriani da Silva (2018), essa utilização pode ser entendida como uma reapropriação de instrumentos que historicamente foram utilizados para a opressão desses povos. Nesse sentido, a presença dessas mulheres nas redes sociais representa uma ruptura com a invisibilidade a que foram submetidas por anos.

Entre as mulheres indígenas ativistas digitais, destacam-se da atual Ministra dos povos Indígenas Sonia Guajajara (@guajajarasonia) e a deputada federal Célia Xakriabá (@celia.xakriaba), que utilizam seus perfis nas redes sociais como forma de divulgar suas lutas e reivindicações. A pesquisadora Ana Lúcia Ferreira (2021) destaca que as redes sociais têm sido um espaço fundamental para que essas mulheres possam mobilizar pessoas em torno de suas causas e conquistar apoio para suas reivindicações.

Além disso, as mulheres indígenas ativistas digitais têm utilizado as redes sociais para construir narrativas que valorizam suas identidades e reforçam suas lutas por autonomia e soberania. Como destaca a pesquisadora Lívia Leal (2021), essas mulheres têm se mostrado cada vez mais presentes no ambiente digital, utilizando suas produções imagéticas e textuais para construir pautas relevantes para suas comunidades.

No entanto, as mulheres indígenas ativistas digitais também têm enfrentado desafios nas redes sociais. A pesquisadora Flávia Lages (2021) aponta que essas mulheres são frequentemente alvo de ataques e ameaças por parte de grupos que se opõem a suas lutas e reivindicações. Além disso, elas também são afetadas pelas desigualdades estruturais que permeiam a sociedade brasileira, como o acesso limitado à internet e a falta de reconhecimento de seus direitos.

Figura 8 Dia da pose de Sônia como Ministra do MPI



3.611 curtidas

**guajajarasonia** Passando pra agradecer mais uma vez o @alix.rio por esse vestido maravilhoso, como sempre arrasando, e o detalhe das frases que foram super importantes para esse momento histórico que foi minha posse como ministra do Ministério dos Povos Indígenas!

E não poderia deixar de agradecer também @gagliardogagliardo que fez uma maquiagem linda e duradoura!

Muito Obrigada aos dois que de certa forma fizeram parte do momento junto comigo!

Fonte: 10 Instaram da Ministra Sônia Guajajara

resistência e luta por seus direitos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Os perfis de Sonia Guajajara (@guajajarasonia) e Célia Xakriabá (@celia.xakriaba) são exemplos inspiradores dessa luta, demonstrando a importância da mobilização e da visibilidade dessas mulheres para a construção de um futuro mais justo e inclusivo e valorizar a diversidade cultural brasileira.

#### 4.1 Sobre o percurso do Método

A metodologia adotada para a realização deste estudo se baseia em uma pesquisa por Análise de Conteúdo, por meio da coleta de informações via redes sociais, mais especificamente, através do feed do Instagram. A análise de conteúdo será utilizada para interpretar os dados coletados. Além disso, optamos por desenvolver um estudo qualitativo, o que possibilitará uma compreensão mais profunda dos dados obtidos.

Apesar desses obstáculos, as mulheres indígenas ativistas digitais têm mostrado uma grande capacidade de mobilização e resistência nas redes sociais. Como destaca a pesquisadora Karine Teles (2020), essas mulheres têm sido fundamentais para a construção de uma nova imagem da mulher indígena, uma imagem que rompe com os estereótipos e preconceitos historicamente associados a essa figura. Por meio de suas produções imagéticas e textuais, elas têm reforçado suas identidades culturais e territoriais e denunciado as violências que afetam suas comunidades.

Assim, a presença das mulheres indígenas ativistas digitais nas redes sociais representa uma importante forma de

O recorte temporal da pesquisa será entre 01 de setembro à 01 de outubro de 2022, trinta dias que antecedem as eleições no Brasil. Essa escolha se deve ao fato de que, nesse período, aconteceu uma intensificação e visibilidade das postagens de Sonia Guajajara e Célia Xakriabá ao concorrerem, na ocasião, ao cargo de deputadas federais.

A análise dos perfis das duas ativistas digitais indígenas, Sonia Guajajara e Célia Xakriabá, foi realizada por meio da observação das mensagens textuais e imagéticas presentes em seus feeds do *Instagram*. Essas duas líderes indígenas são referências importantes do movimento indígena brasileiro e possuem grande influência nas redes sociais, com um número expressivo de seguidores.

No que se refere ao conteúdo analisados, foram selecionadas as publicações nas redes sociais das mulheres indígenas ativistas digitais, especialmente os presentes no *feed* do *Instagram* de Célia e Sônia, já citadas nesta proposta de pesquisa.

A inclusão e exclusão dos artigos e demais obras científicas foram utilizadas como referencial teórico foram definidos por meio de critérios previamente estabelecidos. Para isso, foram observados os trabalhos relevantes para o tema em pauta e que foram agregados ao conteúdo desse trabalho. Foram descartados os textos que não apresentarem o material na íntegra, não evidenciarem autores e estrutura do referencial teórico e referências utilizadas para tal pesquisa, além de duplicatas. Vale ressaltar que a data de publicação dos trabalhos não será um fator determinante para a escolha dos mesmos, pois estudos realizados em períodos anteriores podem ser relevantes para o enriquecimento do estudo.

Assim, essa metodologia permitiu a obtenção de dados relevantes e aprofundados sobre a participação das mulheres indígenas ativistas nas plataformas digitais, evidenciando o protagonismo e refletindo sobre as pautas, os conteúdos e as imagens compartilhados nestas plataformas.

Para a análise de conteúdo utilizaremos o referencial teórico proposto por BARDIN, Laurence em seu livro "Análise de Conteúdo". Segundo Bardin (2011, p. 29), "A análise de conteúdo é uma técnica de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens".

Essa técnica de análise de conteúdo permite a identificação de temas e padrões recorrentes nas mensagens analisadas, permitindo uma interpretação e compreensão do seu significado dentro de um contexto mais amplo. Para Bardin (2011, p. 31), a análise de conteúdo pode ser considerada como uma forma de decodificação dos conteúdos, permitindo a extração de informações e sentidos que podem não ser evidentes à primeira vista.

Dessa forma, a análise de conteúdo possibilita uma compreensão mais ampla e

profunda das mensagens analisadas, considerando tanto sua dimensão manifesta quanto as relações simbólicas e significados implícitos presentes nas mesmas.

Para aplicar a metodologia foi realizada uma leitura minuciosa das postagens selecionadas, buscando identificar os temas centrais e os sentidos subjacentes aos discursos das ativistas. Bardin (2016) ressalta a importância de se realizar uma análise cuidadosa e sistemática, levando em consideração o contexto em que as postagens foram produzidas e os elementos simbólicos presentes em cada uma delas.

Ademais, é importante destacar que a análise de conteúdo se baseia na premissa de que todo texto possui um conteúdo manifesto e um conteúdo latente, ou seja, um significado aparente e outro oculto que precisa ser decodificado (BARDIN, 2016). Por isso, nosso objetivo será identificar tanto o que é dito explicitamente nas postagens das ativistas, quanto o que está implícito nas entrelinhas.

Dessa forma, a utilização da análise de conteúdo se mostra como uma estratégia relevante para a compreensão dos discursos das ativistas indígenas nas redes sociais, permitindo uma leitura mais aprofundada dos sentidos e significados presentes em suas postagens.

Para complementar a abordagem metodológica deste trabalho, utilizaremos a contribuição de outros autores, como é o caso de Flick (2016), que defende que a pesquisa qualitativa é "uma maneira de compreender o mundo a partir do ponto de vista dos participantes e construir uma imagem completa da realidade social". Nesse sentido, a pesquisa qualitativa se concentra na compreensão dos significados e das percepções dos indivíduos, sendo adequada para explorar questões complexas e multifacetadas.

Ademais, para a análise de conteúdo das postagens no Instagram, utilizaremos o método proposto por Krippendorff (2004), que define a análise de conteúdo como "uma técnica de pesquisa para tornar replicáveis as inferências, a partir de textos, que são válidas e confiáveis para seus usuários". A análise de conteúdo tem como objetivo identificar padrões e temas com base no conteúdo das mensagens, permitindo uma compreensão mais aprofundada do material coletado.

Também faremos uso da contribuição de Bauer e Gaskell (2002), que destacam a importância da triangulação na pesquisa qualitativa. A triangulação consiste na utilização de diferentes métodos, fontes de dados e perspectivas para confirmar ou complementar as descobertas da pesquisa, garantindo assim a validade e a confiabilidade dos resultados obtidos.

A análise de conteúdo, como técnica de pesquisa, é altamente relevante para a abordagem desta pesquisa, uma vez que se preocupa em identificar e compreender os significados subjacentes aos conteúdos coletados (MORAES; GALIAZZI, 2011). Nesse



sentido, a pesquisa proposta visa identificar os significados presentes nas mensagens textuais e imagéticas dos perfis das lideranças indígenas Sonia Guajajara e Celia Xakriabá no Instagram, e como esses significados se relacionam com as temáticas indígenas, feministas e políticas abordadas por elas.

Para tanto, a análise de conteúdo será realizada por meio da técnica de análise categorial temática, que consiste na identificação de categorias a partir dos dados coletados e sua organização em temas (Bardin, 2016, p.42). As categorias serão definidas a partir da análise dos conteúdos postados pelas lideranças, considerando suas características semânticas e simbólicas, assim como sua relação com as temáticas abordadas.

Portanto, a pesquisa proposta busca contribuir para a compreensão das temáticas indígenas, feministas e políticas abordadas pelas lideranças indígenas Sonia Guajajara e Celia Xakriabá, a partir de uma abordagem a partir da análise de conteúdo, tendo como objetivo a identificação dos significados presentes nas mensagens postadas em seus perfis no *Instagram* e suas relações com o contexto sociocultural em que estão inseridos.

## **4.2 Percurso metodológico**

(Marconi; Lakatos 2003, p. 155) "a pesquisa é um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para se descobrir verdades parciais".

Para que o presente estudo de pesquisa tenha relevância científica é necessário entender e se familiarizar com a estrutura da pesquisa a ser fomentada, para isso se faz necessário tomadas de decisões, escolhas e sair da sua zona de conforto, além de transitar pelos caminhos do saber fazendo uso de instrumentos científicos para alcançar a originalidade acadêmica.

Feito as escolhas, o método adotado para a construção deste estudo será a pesquisa bibliográfica, etapa fundamental em qualquer pesquisa acadêmica, tanto para fundamentar teoricamente os assuntos que envolvam Território, Identidade e Cultura, além de estudos voltados ao ciberespaço, movimentos de mulheres indígenas ativistas digitais quanto para auxiliar a elaboração das categorias de análise de conteúdo que serão elencadas para explorar o material coletado e cumprir os objetivos propostos.

(Marconi; Lakatos, 2006, p.71), indica que a pesquisa bibliográfica “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico [...]”. Nessa perspectiva, a pesquisa bibliográfica ocorrerá tanto nas fases que precedem a coleta e análise do conteúdo do objeto em questão, como durante e até chegar na defesa da dissertação,

uma vez que, no procedimento de análise, alguns conceitos e teorias podem ser fundamentais e essenciais na fundamentação teórica.

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa serão divididos, para fins esquemáticos, em três polos cronológicos de organização da análise de conteúdo segundo Bardin (2009), são eles:

- 1) Pré-análise; 2) Exploração do material e 3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação. O quadro (01), foi elaborado com o intuito de organizar essas etapas, através de uma interseção de objetivos que se assemelham:

Quadro: 1 Etapas da pesquisa segundo metodologias de Bardin (2009)

<b>Polos cronológicos de organização da análise de conteúdo (BARDIN, 2009).</b>	<b>Etapas da pesquisa</b>
Pré-Análise	1) Definição do objeto <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pré-análise</li> <li>• Categorização das narrativas</li> </ul>
Exploração do Material	2) Observação
	3) Exploração do material <ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise descritiva</li> </ul>
Tratamento dos dados obtidos e interpretação	4) Tratamento dos dados obtidos <ul style="list-style-type: none"> <li>• Interpretação</li> <li>• Resultados</li> </ul>

Fonte: 11 Tabela elaborada pelo autor, 2024.

Nas próximas etapas será explicado como aplicará cada uma das quatro etapas dessa pesquisa.

#### 4.2.1 Definição do objeto

O ponto de partida dessa pesquisa diz respeito ao discurso produzido por mulheres indígenas, publicado na rede social, *feed do* Instagram, para evidenciar o protagonismo feminino construído por meio de uma rede digital de militância indígena. Para alcançar os objetivos propostos foi necessário escolher os perfis de mulheres indígenas ativistas digitais

como objeto de estudo. A definição do objeto deu-se a partir dos resultados de uma pré-análise, que também serviu para elaboração das categorias de narrativa que serão analisados no corpus coletado, como será explicitado ao decorrer desta dissertação.

A pré-análise tem por finalidade a organização metodológica da pesquisa. Exprime a um período de intuições, porém é fase crucial na pesquisa, pois nela concretiza a sistematização das ideias para o plano de análise (BARDIN, 2009).

Esta fase possui três objetivos, quais sejam: a escolha dos documentos que serão objeto de análise, a formulação das hipóteses e objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final (BARDIN, 2009).

A autora sinaliza cinco fluxos para que os objetivos desta primeira fase sejam aplicados. São eles:

- 1) leitura flutuante;
- 2) a escolha dos documentos;
- 3) a formulação das hipóteses e objetivos;
- 4) a referenciação dos índices e elaboração dos indicadores;
- 5) a preparação do material.

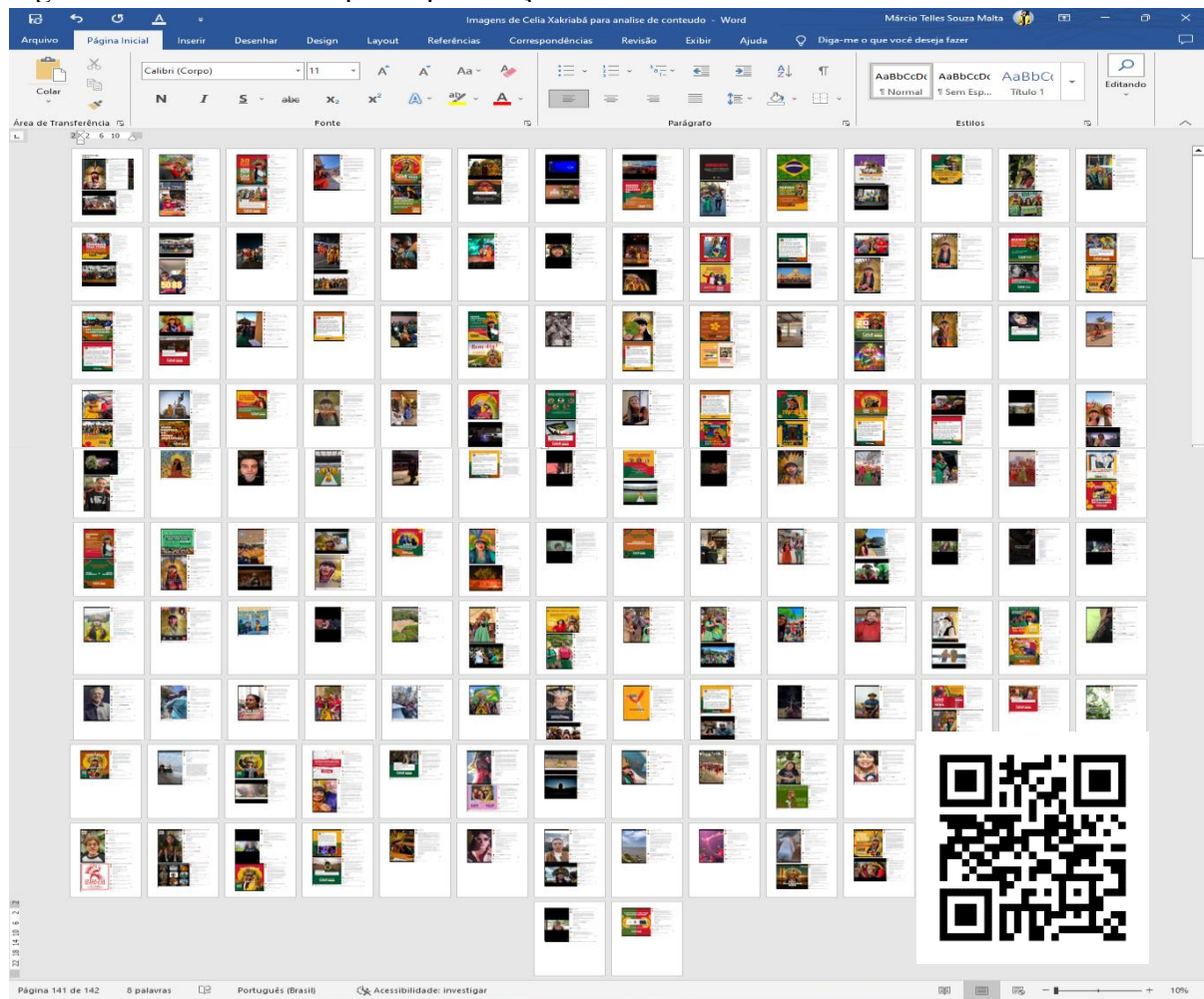
Dessa forma, a realização da primeira atividade da pré-análise que foi a leitura flutuante e como o próprio nome sugere, proporciona aquele primeiro contato com os documentos que se pretende analisar, no intuito de conhecê-lo, deixando-se invadir por impressões, emoções, expectativas e orientações (BARDIN, 2009).

Feito essa introdução, vale evidenciar que o Instagram ainda que recente, é uma rede social estudada frequentemente no âmbito acadêmico. A escolha por perfis de referência com amplo número de seguidores foi fundamental para que os resultados fossem eficazes para atingir o objetivo de análise proposto, uma vez que o número de mulheres indígenas ativistas digitais é considerável, mas, não nem todas fazem amplo uso da ferramenta de modo a utilizar todo o potencial narrativo que pode ser oferecido. Tal constatação deu-se através de uma leitura flutuante não sistemática nos perfis das duas influenciadoras indígenas durante os meses de março, abril, maio e junho de 2022. Por isso, levou-se em consideração o número de postagem semanal e o tipo de conteúdo postado em cada um desses dias no período de recorte que antecedia o pleito eleitoral de 2022. Para chegar aos perfis que atenderam a essas condições, foi realizado a pré-análise, que será descrita a seguir.

#### 4.2.2 Pré-análise

Foram selecionados os dois perfis no Instagram de grande visibilidade no ciberespaço: @celia.xakriaba e @guajajarasonia, a culminância da coleta de dados ocorreu entre os dias 01 de setembro a 01 de outubro de 2022, quando ambas ativistas concorriam ao cargo de deputadas federais, e foi possível identificar postagens relacionadas ao territórios, identidade e cultura dos povos originários ciberespaço. Vale pontuar, que posteriormente foi continuado o acompanhamento das postagens das influenciadoras para melhor compreender e coletar informações consolidadas sobre a participação delas no pleito eleitoral de 2022, quando as ativistas digitais estavam concorrendo aos cargos de deputadas federais, consequentemente

Figura 9 Mosaico contempla as publicações coletadas no Instra de Célia

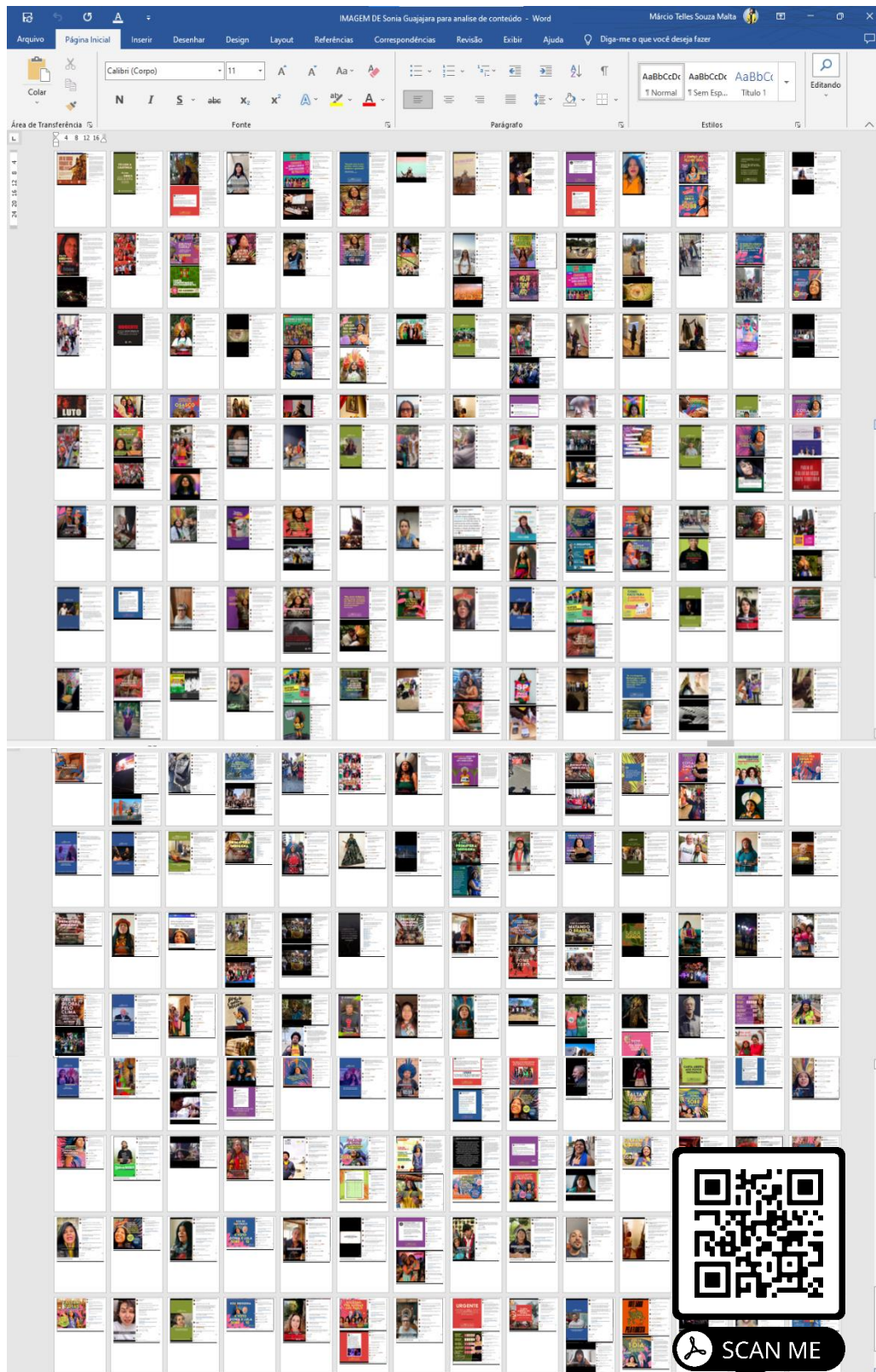


Fonte: 12 Mosaico criado pelo autor, 2024.

estavam em maior evidência.

Como o conteúdo publicado pelos perfis nessas mídias sociais ficam hospedados e disponibilizados no próprio *feed do Instagram*, essas mesmas postagens podem ser excluídas por elas ou seus administradores das respectivas contas, assim a coleta foi feita diariamente e

Figura 10 Mosaico contempla as postagens coletadas no insta de Sônia



Fonte: 13 Mosaico criado pelo autor, 2024.

realizado o *print* da tela de cada postagem. Todos os posts foram baixados numa pasta especifica do *notebook* entre os dias 01 de setembro a 01 de outubro de 2022, no final de cada

dia, entre às 22h e 3h do dia seguinte foram organizadas as informações paralelamente ao conteúdo referencial teórico.

O *print do feed* Instagram de @celia.xakriaba e @guajajarasonia, foram captadas manualmente e arquivado numa página acoplado numa pasta na nuvem, e num arquivo em *word* como mostra as figuras 11 e 12. As imagens podem ser acessadas diretamente via *QR code*, conforme consta nas páginas acima (Célia Xakriabá), e Sônia Guajajara.

Para a pesquisa as imagens não estáticas foram somente contabilizadas em número de postagens no *feed do* Instagram das mulheres indígenas ativistas digitais, não foram analisados fragmentos, imagens não estáticas (Vídeo). Após os 31 dias de coleta foi aplicada a semiótica como instrumento de leitura analítica das imagens para dar embasamento a reflexão sobre como as mulheres indígenas ativistas digitais se posicionam no ciberespaço e apropriando-se do discurso imagético e textual a partir de como “as mensagens são organizadas de modo que o visual seja capaz de transmitir tanta informação quanto lhe é possível” (SANTAELLA, 2002, p. 53). Dessa maneira, essa perspectiva forneceu as bases para a leitura das imagens, para as análises referentes à natureza histórica dos processos discursivos presentes nos enunciados visuais produzidos inicialmente por outros enunciadorees sobre os indígenas, e também para a compreensão em relação à produção enunciativa das próprias subjetividades indígenas na atualidade.

Quando nossos olhos se deparam sobre a imagem dos corpos na postagem das ativistas indígenas: mulheres que assumem posições de liderança com seus cocares de penas coloridos e grafismo corporal impresso no rosto e outras partes do corpo deixam, nossa memória percorrer o conjunto das memórias visuais sobre indígenas em uma série de imagens na elaboração de “imagens, quer dizer, hipóícones que representam seus objetos por semelhança” (SANTAELLA, 2002, p. 101). Após coleta bruta dos 31 dias de postagens no *feed do* Instagram das respectivas mulheres indígenas ativistas digitais, selecionaremos uma postagem de cada semana dentro do mês para evidenciar seus territórios, identidades e culturas a partir de dos dados coletados na análise de conteúdo, e feito uma leitura semiótica a partir da postagem e legenda selecionadas.

#### 4.2.3 *Feed do* Instagram

O primeiro passo foi buscar o perfil das Mulheres Indígenas Ativistas Digitais na Rede social do Instagram. A busca de perfis nesta mídia social é de fácil localização e precisão. Foram localizadas o perfil de 10 mulheres Indígenas ativistas digitais, das 10 mulheres indígenas, somente 02 tiveram o *feed do* Instagram selecionado como objeto de estudo para análise de



conteúdo. Como a principal funcionalidade do *feed* do Instagram é evidenciar um número constante de publicações que serve como repositório editável de postagem de vídeos e fotos em uma linha do tempo, já se imaginava que nem todos os perfis citados abaixo comportariam neste estudo e assim foram selecionados apenas dois perfis.

Neste período, @celia.xakriaba e @guajajarasonia subiram 545 publicações no *feed* do Instagram, sendo 207 de @celia.xakriaba e 338 postagens de @guajajarasonia. O quadro (2/3) apresenta o número de postagens por perfil, o tipo e formato de mídia postada, dia em que houve publicações no *feed* do *Instagram* e quantidade de postagens realizadas nos respectivos dias do mês de setembro e outubro. Por fim, evidenciaremos uma postagem de cada semana de setembro de ambas indígenas ativistas digitais e o teor das publicações evidenciando o discurso que remete as questões do território, identidade e cultura das comunidades indígenas.

Para delimitar ainda mais a quantidade de objetos do *feed* do Instagram das Mulheres indígenas Ativistas Digitais que foram analisados na pesquisa, foi quantificado no mesmo quadro, a triagem com o objetivo de selecionar uma postagem semanal de cada indígena ativista. Dessa forma foram descartadas as demais postagens da semana, como são dois perfis, foi viável selecionar uma postagem por serem números menores, mas, que contemplassem as demais postagens descartadas da semana. O passo seguinte foi a categorização a partir de uma observação não sistemática do conteúdo do material dentro do mês e da semana. Foi observada a sequência de postagens de cada um dos trinta e um dias em que o material foi coletado, identificando cinco tipos de categorias:

- 1) Sequência de postagens com fotos e texto com manipulação gráfica, Cards (C);
- 2) Sequência de postagem em formato de Card com texto e sem a presença de imagem fotográfica e com manipulação gráfica (C+t);
- 3) Sequência de postagem apenas com fotos sem edição gráfica (F);
- 4) Sequência de postagens apenas com vídeos – vídeo com fotos e lives postados no *feed* (V);
- 5) Sequência de postagem com a presença de *Print* com e sem edição gráfica de materiais jornalístico, de outras postagens da próprio Instagram etc. (P).

Este tipo de categorização foi realizado de forma preliminar, no intuito de selecionar variedades distintas de narrativas através do *feed* do Instagram, levando em conta apenas o tipo de formato de conteúdo, uma vez que a análise específica do conteúdo foi feita na amostra de um corpus voltado a análise imagética estável e os textos contidos nas legendas que remeteram as respectivas culturas, território e identidade dos povos originários. O Quadro (2/3) foi elaborado com o objetivo de ilustrar como essas categorias se inseriram nos perfis observados:

Tabela 2 Postagens de Célia Xakriabá no *feed* do Instagram dias 01/09/22 a 01/10/2022.

FORMATO DA POSTAGEM (MÍDIA)	01/set	02/set	03/set	04/set	05/set	06/set	07/set	08/set	09/set	10/set	11/set	12/set	13/set	14/set	15/set	16/set	17/set	18/set	19/set	20/set	21/set	22/set	23/set	24/set	25/set	26/set	27/set	28/set	29/set	30/set	01/out	Total
Card	0	3	2	3	4	1	2	0	1	1	2	2	3	2	3	1	0	1	1	4	1	0	2	2	0	1	2	4	3	3	4	58
Card só de texto	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0	2	0	0	0	1	2	0	0	1	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	12
Foto	2	0	1	1	2	3	3	0	1	0	1	0	2	0	0	0	1	0	1	2	1	2	1	1	1	1	0	0	0	1	1	29
Vídeo	1	2	1	1	2	7	3	5	1	1	2	2	2	1	1	1	3	4	5	3	5	5	5	4	7	2	3	4	8	6	5	102
Print	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0	1	0	06
Total	3	5	4	5	8	11	8	5	5	2	7	5	7	4	5	4	4	5	8	1	8	7	8	7	8	5	6	1	1	1	1	207

Fonte: 14 Quadro com número de postagem de Célia Xakriabá, criada pelo autor,2024.

Tabela 3 Postagens de Sônia Guajajara no *feed* do Instagram dias 01/09/22 a 01/10/2022.

FORMATO DA POSTAGEM (MÍDIA)	01/set	02/set	03/set	04/set	05/set	06/set	07/set	08/set	09/set	10/set	11/set	12/set	13/set	14/set	15/set	16/set	17/set	18/set	19/set	20/set	21/set	22/set	23/set	24/set	25/set	26/set	27/set	28/set	29/set	30/set	01/out	Total
Card	3	2	4	5	3	3	0	2	3	2	0	5	7	1	5	4	3	5	3	4	2	4	2	0	3	3	4	4	4	6	8	104
Card só de texto	4	2	0	1	0	1	2	0	1	2	0	1	0	2	0	0	1	1	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	21
Foto	3	0	0	4	4	3	2	2	3	2	3	3	2	2	0	2	3	3	1	1	4	1	2	3	2	3	0	2	1	0	5	66
Vídeo	3	4	4	5	5	3	3	3	3	4	5	5	1	3	5	3	5	5	4	1	5	3	3	5	3	2	6	2	1	9	1	133
Print	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	3	1	2	1	1	1	14
Total	13	8	8	1	12	10	7	7	1	1	9	16	1	9	1	9	1	1	8	6	1	1	7	8	8	1	1	1	1	1	2	338

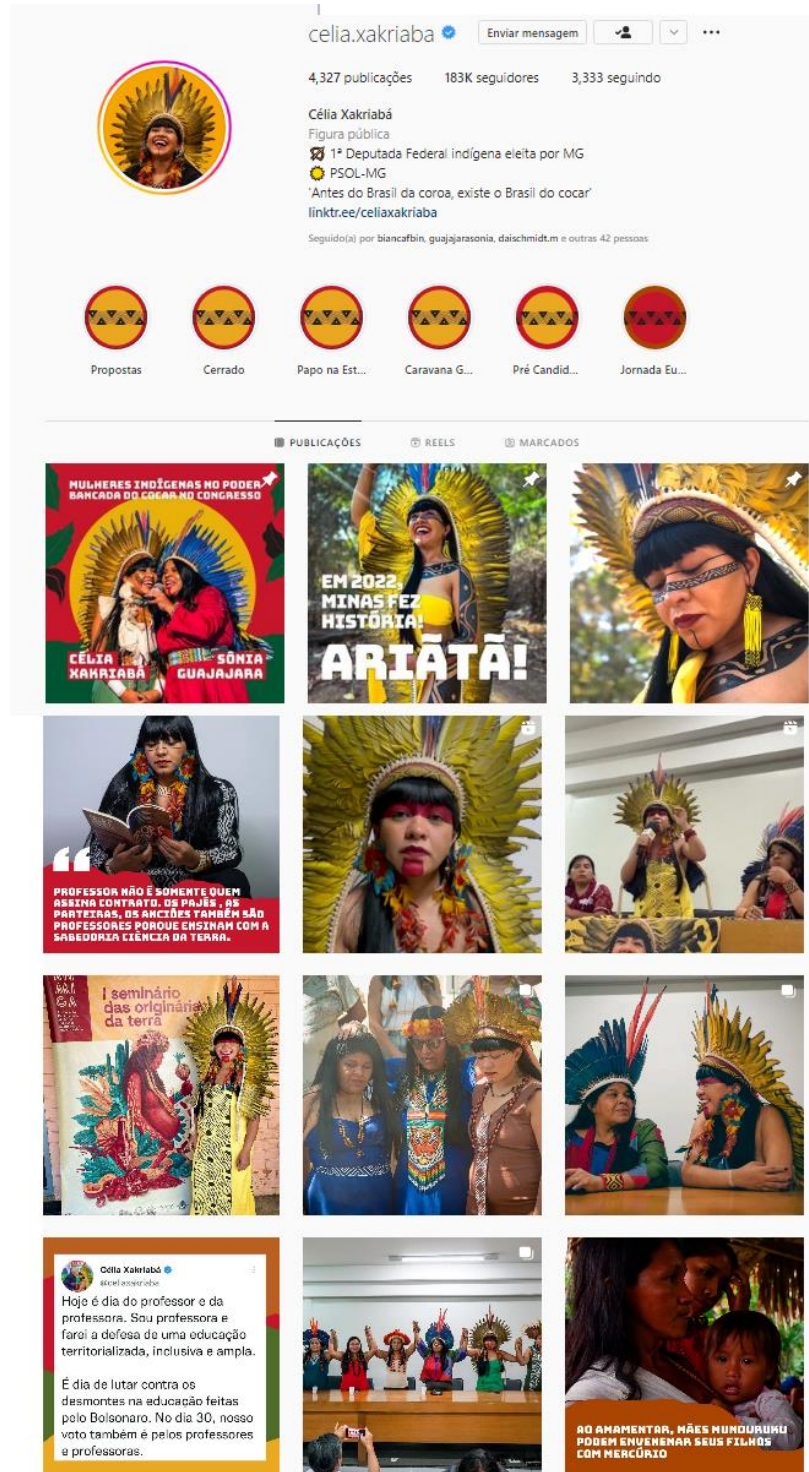
Fonte: 15 Quadro com número de postagem de Sônia Guajajara, criada pelo autor,2024.

Com base nessa tabulação, o dia da semana selecionado para a análise foram às quartas-feiras, considerando o número de postagens nesse dia da semana dos perfis selecionados de @celia.xakriaba e @guajajarasonia bem como o dia da semana que apresentaram maior variedade de sequência de postagens. Levaram-se em conta essas condições por entender que perfis que publicam com maior frequência e que apresentam maior diversidade de conteúdo poderiam proporcionar material mais rico para cumprir os objetivos propostos na pesquisa de evidenciar a identidade, cultura e território dessas mulheres indígenas no ciberespaço



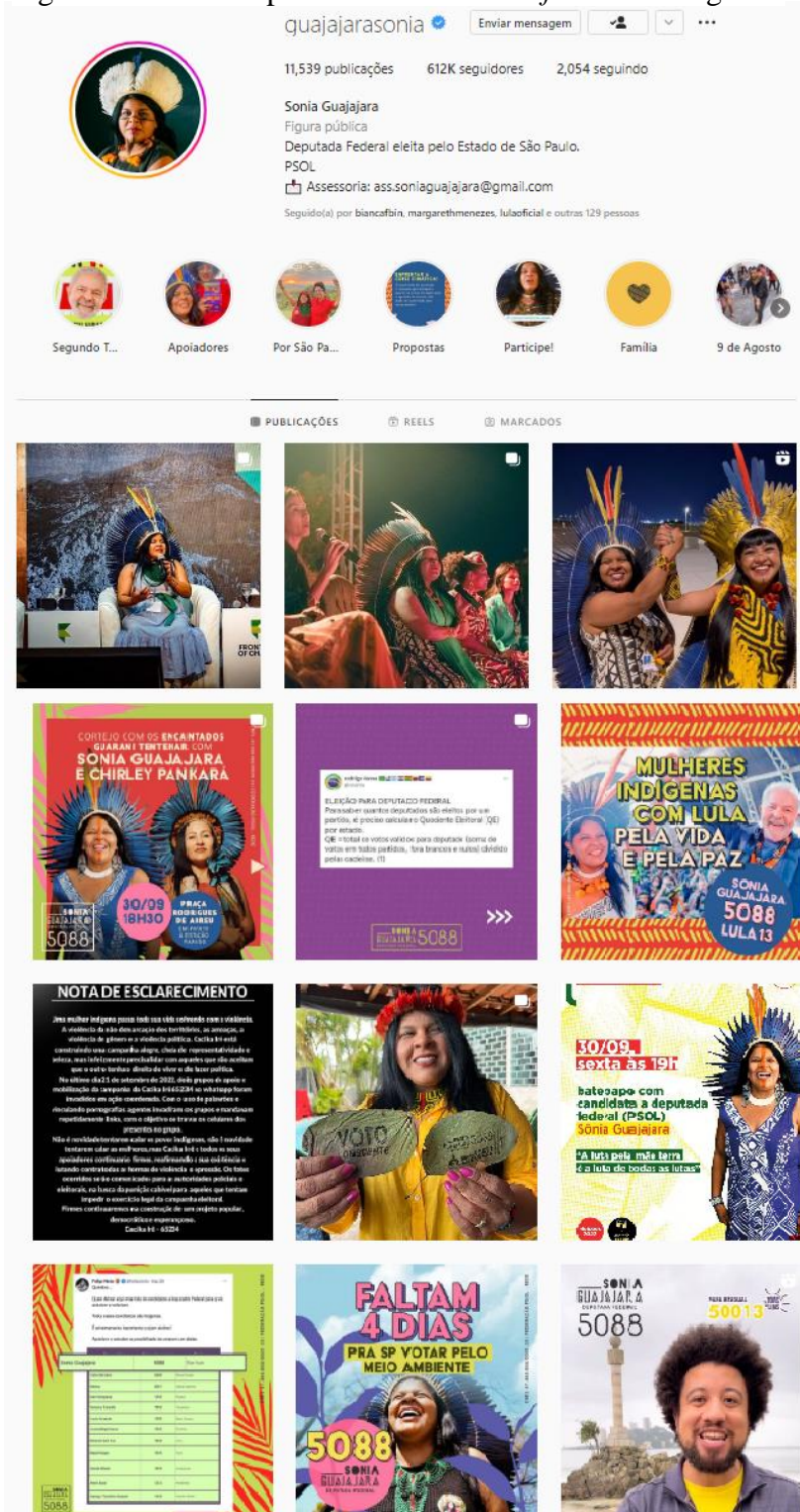
contemplando as vozes de centenas outras comunidades indígenas em território brasileiro. As Figuras abaixo apresentam os Perfis que irão compor os objetos de análise no *Feed* do Instagram.

Figura 11 Print do perfil evidenciando o feed do Instagram de Célia



Fonte: 16 Print do perfil do Instagram de Xakriabá, pelo pesquisador, 2024.

Figura 12 Print do perfil evidenciando o *feed* do Instagram



Fonte: 17 Print do perfil do Instagram de Guajajara, pelo mestrando Márcio Malta.

4.2.4 Compreendendo os tipos de narrativa



Cumprido a fase da pré-análise, e com a mostra coletada posta, foi realizada uma observação sistêmica das postagens. Assim, foi possível identificar e categorizar os tipos de narrativas em formato de histórias e narrativas a partir da apropriação da análise de conteúdo na mídia social (Instagram).

Essa categorização, além de cumprir um dos objetivos dessa dissertação, que é apresentar os modelos e formatos de narrativa adotadas pelos perfis de @celia,xakriaba e @guajajasonia no *feed* do Instagram, também foi útil para a análise de conteúdo que foi realizada nas etapas seguintes de maneira simultânea, estabelecendo a base para identificar quais elementos da narrativa digital foram utilizados, bem como analisar como eles foram apropriados pelas mulheres indígenas ativistas digitais nas redes sociais do *Instagram*; observar e fundamentar de que forma o conteúdo publicado no *feed* do Instagram pontuou e evidencia o território, cultura e identidade das comunidades e povos indígenas.

Todas as publicações diárias nos perfis selecionados foram agrupadas a partir das semelhanças do conteúdo da postagem e categorizada. Para Laurence Bardin “a categorização é um processo de tipo estruturalista e comporta duas etapas; *o inventário*: isolar os elementos; a *classificação*: repartir os elementos, e, portanto, procurar ou impôr uma certa organização às mensagens” (BARDIN, 2009, p.146). Portanto, foram identificados sete tipos e narrativas, como é descrito abaixo:

- a) Narrativa de imagens com edição gráfica com texto-legenda (c)

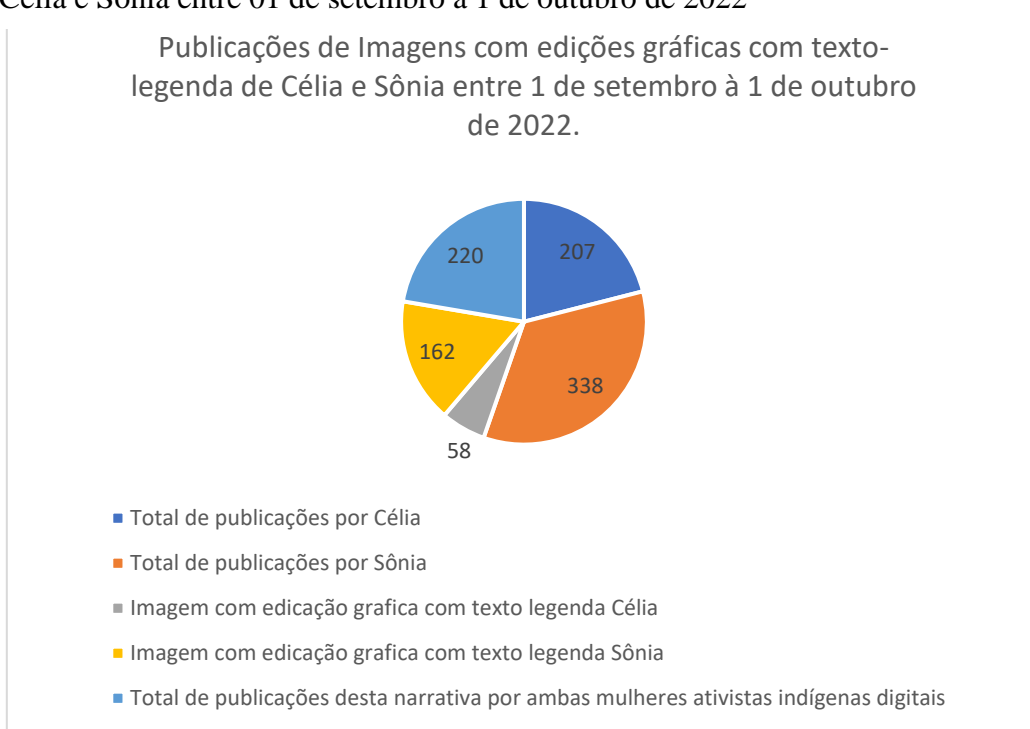
Figura 13 Exemplo de narrativa de imagens com edição gráfica com texto-legenda (C)



Fonte: 18 Print tirado pelo autor, 2024.

Principal narrativa utilizada no *feed* do Instagram, esse tipo de narrativa é caracterizado por uma ou uma sequência de imagens, que podem ser de fotos com ou sem edição gráfica acompanhado de um texto (legenda) que formam uma mensagem com história, informe publicitário ou notícia. Nesta categoria, não há *hiperlinks* e nem a presença do repórter na cena

Gráfico: 2 Publicação e Imagens com edições gráficas com texto-legenda de Célia e Sônia entre 01 de setembro a 1 de outubro de 2022



Fonte: 19 Gráfico criado pelo autor,2024.

ou em áudio. Foi possível identificar a narrativa de imagens com edição gráfica com texto-legenda em 58 publicações das 207 postadas no perfil de @celia.xakriabá e 104 nessa mesma narrativa no perfil de @guajajarasonia das 338 publicações totalizando 162 postagem neste formato conforme (figura 14);

b) Narrativa de imagem formato *card* somente texto + texto-legenda (c+t)

Figura 14 Narrativa de imagem formato *card* somente texto + texto-legenda (C+t)

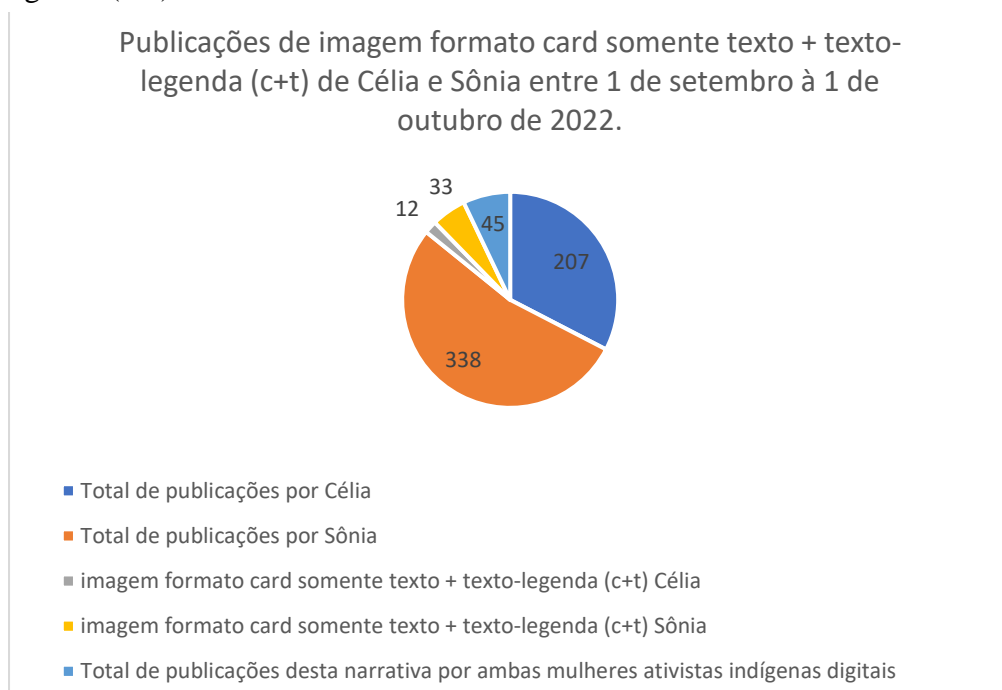


Fonte: 20 Print tirado pelo autor,2024.

Outra possibilidade de postagem no feed do Instagram, este tipo de narrativa é

semelhante ao da Narrativa de imagens com texto-legenda, a diferença é que aqui há presença só de texto, que pode ser caracterizado como uma peça com manipulação gráfica. (Figura 14).

Gráfico: 3 Publicações de imagem formato card somente texto + texto-legenda (c+t) de Célia e Sônia entre 1 de setembro à 1 de outubro de 2022.



Fonte: 21 Gráfico criado pelo autor,2024.

Geralmente esse formato serve para levar o usuário ao conteúdo com informações de punho publicitário. Foi possível identificar 12 postagens nesse formato no perfil de @celia.xakriaba e 21 no de @guajajarasonia, totalizando 33 nesse tipo de narrativa.

c) Narrativa de imagens com foto cotidiana sem edição gráfica (f)

Figura 15 Narrativa de imagens com foto cotidiana sem edição gráfica (f)

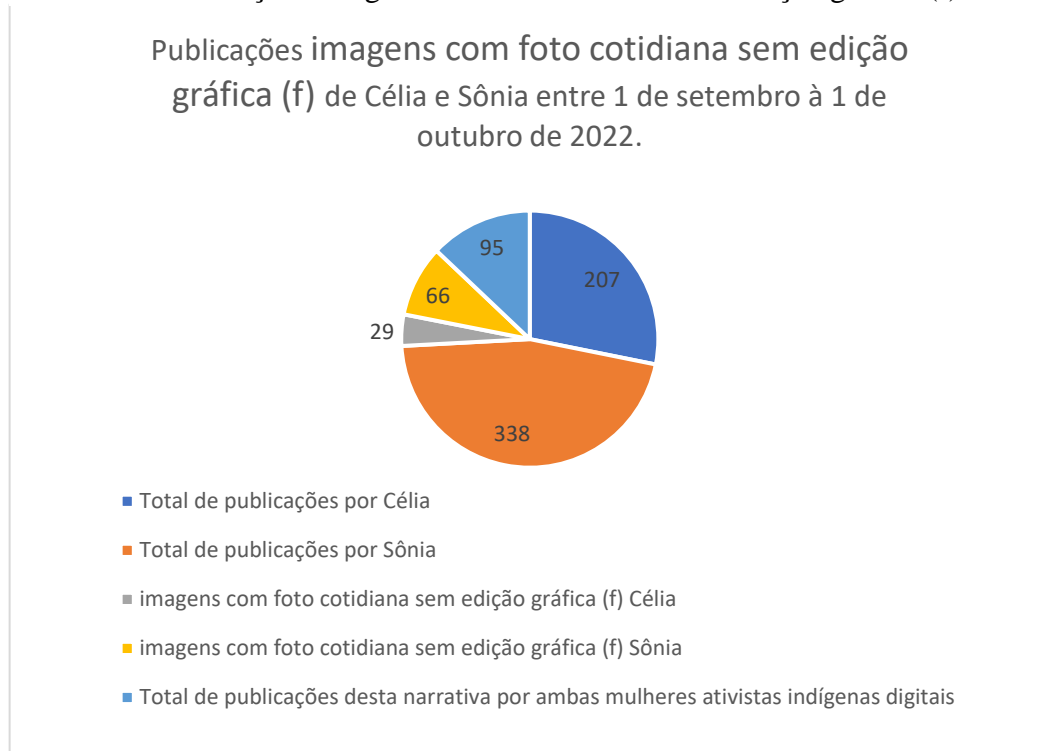


Fonte: 22 Print tirado pelo autor,2024.

Esse tipo de narrativa usado por maior parte dos usuários do Instagram é formado por

uma postagem com fotos, compostas por legendas que apresentam o título ou alguma informação da imagem. Foi possível identificar esse tipo de narrativa 29 vezes no perfil de @celia.xakriaba e 66 postagens no perfil de @guajajarasonia, totalizando 95 postagens de ambas.

Gráfico: 4 Publicações imagens com foto cotidiana sem edição gráfica (f).



Fonte: 23 Gráfico criado pelo autor.

**d) Narrativa com conteúdo de vídeo: vídeo com foto e *live* postada após finalizar a transmissão + legenda (v)**

Figura 16 Narrativa com conteúdo de vídeo: vídeo com foto e live postada após finalizar a transmissão + legenda (v)

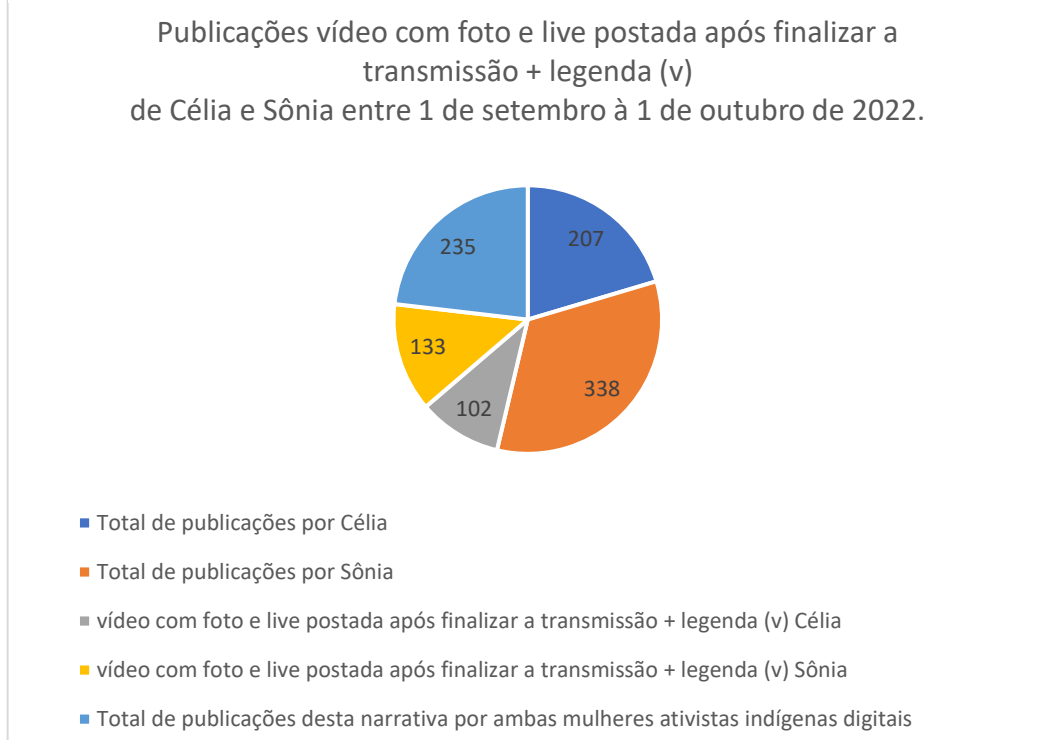


Fonte: 24 Print tirado pelo autor, 2024.



Neste tipo de narrativa, os perfis gravam a mensagem fazendo alguma chamada para os seguidores ou grava vídeo no próprio dispositivo

Gráfico: 5 Publicações vídeo com foto e live postada após finalizar a transmissão + legenda (v).

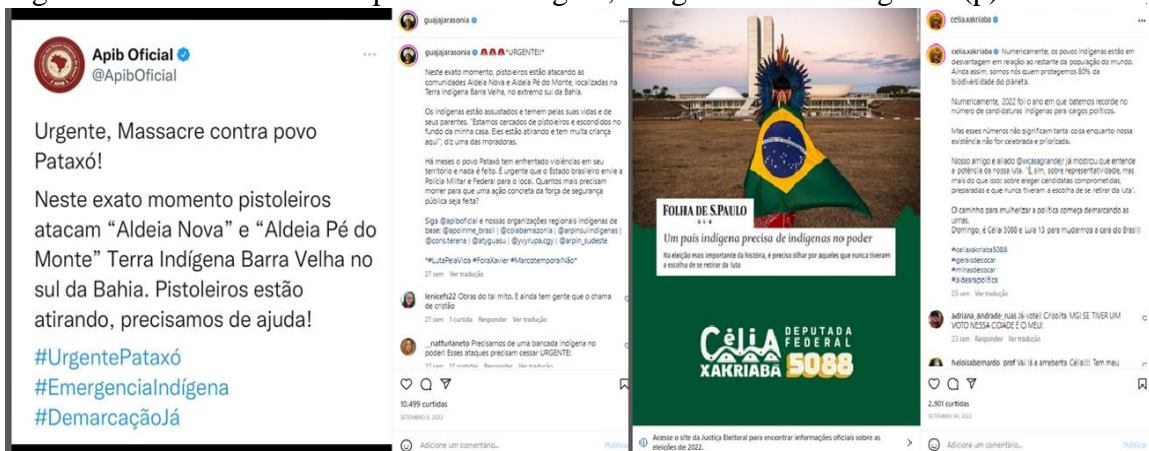


Fonte: 25 Gráfico criado pelo autor, 2024.

com ou sem edição e posta no *feed* do Instagram. Foi possível identificar esse tipo e narrativa 102 vezes na rede social de @celia.xakriaba e 133 na de @guajajarasonia (Figura 17).

e) Narrativa formato print com imagem, imagem e texto + legenda (p)

Figura 17 Narativa formato print com imagem, imagem e texto + legenda (p)

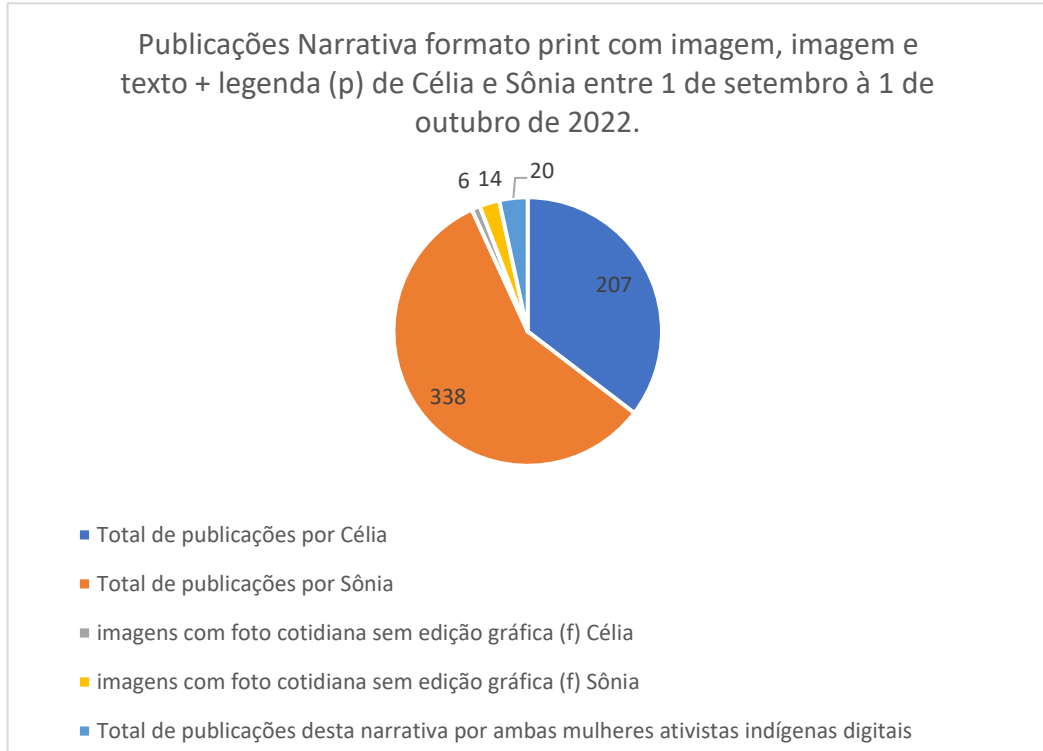


Fonte: 26 Print tirado pelo autor, 2024.

Semelhante ao formato de narrativa - a) Narrativa de imagens com edição gráfica com

texto-legenda (C) e Narrativa de imagem formato *card* somente texto + texto-legenda (C+t), só que neste *post*, presente o *Print* de outro perfil do Instagram, outras redes sociais, notícia de portais, ou seja, *sites*, *blogs*, com o título de uma notícia ou pequena informação da mesma ou

Gráfico: 6 Narrativa formato print com imagem, imagem e texto + legenda (p)



Fonte: 27 Gráfico criado pelo autor, 2024.

De uma postagem. Esse formato de narrativa foi identificado 06 vezes nas redes de @celia.xakriaba e 14 no perfil de @guajajarasonia (Figura 17).

#### 4.2.5 Exploração do material

Para Bardin (2016, p.127), “se as diferentes operações da pré-análise forem convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas”. Identificado na pré-análise cinco formatos de narrativas, as narrativas adotadas pelas indígenas ativistas digitais foram identificadas por meio da descrição da amostra de cada uma dessas categorias. Da mesma forma, a partir de cada tipo de narrativa foi possível identificar como o conteúdo publicado no respectivos *feed* do Instagram de @celiaxakriaba e de @guajajara convergem com seus territórios, culturas e identidades, a partir das observações a descrição do conteúdo imagética e textual, e até mesmo a análise das legendas que acompanhou as postagens.

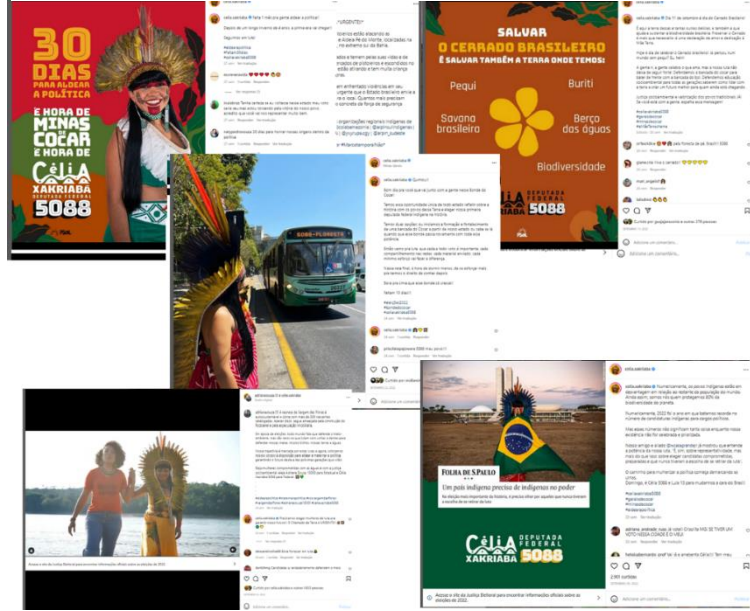
Dessa forma foi possível analisar como cada perfil se apropriou do feed do Instagram que foram objetos desse estudo, comparando os tipos de apropriações levando em conta



elementos que evidenciaram o território, cultura e identidade dos povos indígenas.

#### 4.2.6 Exemplo de análise de conteúdo

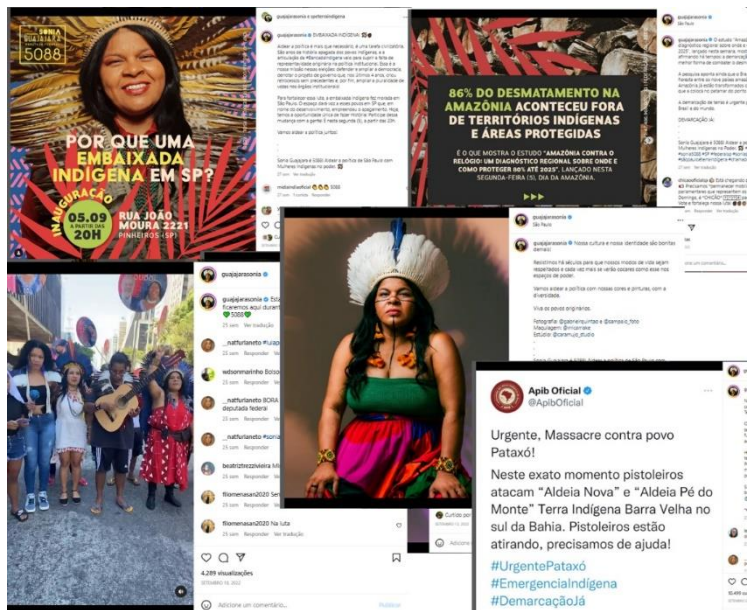
Figura 18 Mosaico com as imagens do *feed* do Instagram de Célia Xakriabá que serão analisadas.



Fonte: 29 Mosaico criado pelo autor,2024.

2022, partindo para um recorte menor, mas que contempla a mostra total da pesquisa. Ou seja, uma postagem de cada semana nesse período total de recorte (31 dias de análise), de ambas

Figura 19 Mosaico com as imagens do *feed* do Instagram de Sônia Xakriabá que serão analisadas.



Fonte: 28 Mosaico criado pelo autor,2024.

fundamentais na análise de conteúdo. Dito isto, o segundo ponto a considerar é a centralidade

Para melhor compreender como os operadores da análise da taxonomia das narrativas foram aplicadas nesta pesquisa, apresentamos um exemplo de análise de conteúdo utilizando a: Narrativa de imagens mais texto-legenda. Para esta análise foram selecionadas as postagens feitas no feed Instagram de @celia.xakriaba e @guajajarasonia, entre os dias 01 de setembro e 01 de outubro de

mulheres indígenas ativistas digitais como mostra a Figura 18 e 19: O primeiro elemento a ser analisado é o de narrativas elaboradas por mulheres indígenas ativistas em circulação nos espaços da web diante a imagem, sobretudo nas fotografias, uma materialidade importante na produção de sentidos nas redes sociais. Esses enunciados visuais são uma das principais características das narrativas elaboradas por essas mulheres indígenas ativistas e são

do corpo nestas imagens, mas não a concepção de corpo apenas biológico e sim o corpo em sua densidade discursiva, um corpo-discurso.

No que compete ao texto, a narrativa em questão é do tipo legenda, pois apresenta com materiais relacionados ao que está sendo apresentado nas imagens e do conteúdo do vídeo. Disponibiliza conteúdos que estão dentro da narrativa, ou seja, contida nos *posts* do Instagram, já que a informação é uma expansão do título textual apresentado na postagem.

#### 4.2.7 Tratamento dos dados obtidos e interpretação

Para dar sentido a metodologia foi trabalhado na última etapa a interpretação, que “envolve a teorização dos dados empíricos dentro da perspectiva teórica adotada no início da pesquisa” (LOPES, 2003, p.131). A interpretação do material coletado se deu através da técnica de análise de conteúdo, a partir das categorias de análise definidas na etapa da descrição. Aqui foi realizado o tratamento dos resultados obtidos em toda a pesquisa, além da interpretação dos mesmos. Bardin (2009, p. 127) “O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar 36 interpretações a propósito dos objetivos previstos -, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas”.

## 5 RESULTADOS

Após a leitura flutuante proposta por Bardin (2011) emergiram as categorias de análise e os discursos imagéticos foram agrupados em:

- a) Narrativa de imagens com edição gráfica com texto-legenda (c);
- b) Narrativa de imagem formato *card* somente texto + texto-legenda (c+t);
- c) Narrativa de imagens com foto cotidiana sem edição gráfica (f);
- d) Narrativa com conteúdo de vídeo: vídeo com foto e *live* postada após finalizar a transmissão + legenda (v);
- e) Narrativa formato print com imagem, imagem e texto + legenda (p) (Quadro 1)

### 5.1 Narrativa de Imagens com Edição Gráfica com Texto-legenda (c)

Quadro: 2 Narrativa de Imagens com Edição Gráfica com Texto-legenda (c)

<b>Narrativa “a”</b>
<b>Narrativa de Imagens com Edição Gráfica com Texto-legenda (c)</b>
Narrativa utilizada no <i>feed</i> do Instagram, esse tipo de narrativa é caracterizado por uma ou mais sequência de imagens, que podem ser de fotos com ou sem edição gráfica acompanhado de um texto (legenda) que formam uma mensagem com história, informe publicitário ou notícia. Nesta categoria, não há hiperlinks e nem a presença do repórter na cena ou em áudio.
<p><b>Palavras chaves presente nos textos legendas das postagens das mulheres indígenas ativistas digitais destacam a questão da identidade, cultura e território dos Povos Indígenas:</b></p> <p>Aldear, ancestral, demarcação, natureza, mãe terra, floresta, cocar, Amazônia, Representatividade.</p>

Fonte: 30 Tabela criada pelo autor, 2024.

Postagens da 1ª semana de setembro de 2022.

Figura 20 Publicação de Célia na primeira semana de setembro (01/09/2022).



Fonte: 31 Instagram de Célia Xakriabá

Imagem publicada no *feed* do Instagram de Célia Xakriabá no dia 01 de setembro de 2022.

Na presente postagem é presente cores primárias que submete a cor do vermelho muito presente no período rupestre, além do verde que representa à natureza.

Figura 21 Publicação de Sônia na primeira semana de setembro (02/09/2022).



Fonte: 32 Instagram de Sônia Guajajara.

Essa segunda, foi postada nas redes de Sônia no dia 02 de setembro de 2022 e contempla a categoria (a), abordada ao decorrer desta análise de conteúdo.



Postagens da 2ª semana de setembro de 2022.

Figura 22 Publicação de Célia Xakriabá em (13/09/2022).



Fonte: 33 Instagram de Célia Xakriabá.

Publicação da deputa estadual Célia no dia 13 de setembro de 2022, em prol dos 15 anos da declaração sobre os direitos dos povos indígenas feita pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Figura 23 Publicação de Sônia Guajajara em (12/09/2022).



Fonte: 34 Instagram de Sônia Guajajara

Publicação de Sônia no dia 12 de setembro com a finalidade de pautar à defesa da natureza e o combate ao preconceito, com proposito de reconstruir o Brasil.

Postagens da 3ª semana de 2022.

Figura 24 Postagem da 3ª semana (20/09/2022).



Fonte: 35 Instagram de Célia Xakriabá.

Postagem realizada no dia 20 de setembro de 2022. Com a seguinte legenda: “Ocupar cadeiras nos espaços de decisões se faz necessário. Mais ainda que essas cadeiras sejam ocupadas por pessoas com muitas vivências e saberes para garanti que todas as vozes pouco representadas sejam ecoadas”.



Figura 25 Postagem de Sônia na 3ª semana (22/09/2022).



Fonte: 36 Instagram de Sônia Guajajara.

No dia 22 de setembro de 2022 Sônia publica a postagem acima em prol da estação anual da primavera, o movimento aconteceu na praça da nascente, localizada em um dos bairros mais movimentados da capital paulista, ou seja, na Vila Madalena.

Postagem entre a 4ª semana de setembro e a 1ª semana de outubro de 2022.

Figura 26 Postagem de Célia na terceira semana de setembro (22/09/2022).



Fonte: 37 Instagram de Célia Xakriabá

Postagem com chamamento para evento: “Sem demarcação não tem jogo”.

Figura 27 Publicação de Sônia entre a última semana de setembro e início de outubro (28/09/2022).



Fonte: 38 Instagram de Sônia Guajajara.

Todas as postagens mencionadas acima são da narrativa de postagem da categoria (a) definida pelo pesquisador.

## 5.2 Narrativa de Imagens formato Card somente texto+texto-legenda(c+t)

Quadro: 3 Narrativas de Imagens formato Card entre 01 de setembro à 01 de outubro 2022

Narrativa “b”
<b>Narrativa de Imagem Formato Card somente Texto + Texto-legenda (c+t)</b>
Outra possibilidade de postagem no <i>feed</i> do Instagram, este tipo de narrativa é semelhante ao da Narrativa de imagens com texto-legenda, a diferença é que aqui há presença só de texto, que pode ser caracterizado como uma peça com manipulação. Geralmente esse formato serve para levar o usuário ao conteúdo com informações de cunho publicitário.
<b>Palavras chaves presente nos textos legendas das postagens das mulheres indígenas ativistas digitais que ressaltam a identidade, cultura e território dos Povos Indígenas:</b>
Aldear, ancestral, demarcação, natureza, mãe terra, floresta, cocar, Amazônia, Representatividade, Pequi, buriti, Cerrado, Terra, cocar, caatinga, liberdade, território, herança.

Fonte: 39 Tabela criada pelo autor, 2024.



1ª semana de setembro de 2022

Figura 28 Publicação de Célia Xakriabá (11/09/2022).



Fonte: 40 Instagram de Célia Xakriabá.

Postagem realizada na 1ª semana de setembro (11/09), por Célia representando a narrativa da categoria (a), da presente análise de conteúdo.

Figura 29 Publicação de Sônia (01/09/2022).



Fonte: 41 Instagram de Sônia Guajajara

Essa segunda foi publicada por Sônia no dia (01/09/2022)

Postagens da 2ª semana de setembro de 2022 categoria: Formato *Card* somente Texto + Texto-legenda (c+t),.

OBS. Na segunda semana de setembro de 2022, Célia Xakriabá não realizou narrativa de Imagem Formato *Card* somente Texto + Texto-legenda (c+t), na segunda semana de setembro de 2022.

Figura 30 Publicação de Sônia (14/09/2022).



Fonte: 42 Instagram de Sônia Guajajara.

Em 14 de setembro de 2022, a atual Ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara alerta a invisibilidade dos povos originários diante a sociedade.

Publicações ao decorrer da 3ª semana de setembro de 2022.

Figura 31 Publicação de Célia (22/09/2022).



Fonte: 43 Instagram de Célia Xakriabá.

Em (22/09), Célia dá ênfase ao tema: “EDUCAÇÃO/TERRITORIALIZADA”.

Figura 32 Postagem de Sônia (18/09/2022).



Fonte: 44 Instagram de Sônia Guajajara.

Na postagem de (18/09), Sônia questiona os candidatos comprometidos com à Agroecologia.

Postagem entre a 4ª semana de setembro e a 1ª de outubro de 2022.

Figura 33 Publicação de Célia Xakriabá (01/10/2022).



Fonte: 45 Instagram de Célia Xakriabá.

Nas postagens expostas acima evidência à categoria (b), formato texto sem imagem, formato *card*.

### 5.3 Narrativa de Imagens do cotidiano sem edição gráfica

Quadro: 4 Narrativa de imagens com foto cotidiana sem edição gráfica (f)

Narrativa “c”
<b>Narrativa de imagens com foto cotidiana sem edição gráfica (f)</b>
Esse tipo de narrativa usado por maior parte dos usuários do Instagram é formado por uma postagem com fotos, compostas por legendas que apresentam o título ou alguma informação da imagem.
<b>Palavras chaves presente nos textos legendas das postagens das mulheres indígenas ativistas digitais que ressaltam a identidade, cultura e território dos Povos Indígenas:</b>
Vegetação, geração, propriedade, fauna, flora, meio ambiente, terra, cocar, luta, Amazônia, terra natal, origem, luta, guardiões, resistência, canto.

Fonte: 46Tabela criada pelo autor, 2024.



1ª semana de setembro de 2022.

Figura 34 Postagem de Célia em (01/09/2022).



Fonte: 47 Instagram de Célia Xakriabá.

Postagem de Célia em território de Minas Gerais no dia 01 de setembro de 2022.

Figura 35 Postagem de Sônia (05/09/2022).



Fonte: 48 Instagram de Sônia Guajajara.

Em 05 de setembro de 2022, Sônia tira foto durante a inauguração da Casa Amazônica ao lado de Caetano Veloso e Célia Xakriabá.

2ª semana de setembro de 2022.

Figura 36 Publicação de Célia (15/09/2022).



Fonte: 49 Instagram de Célia Xakriabá.

Célia faz um autorretrato ((15/09).

Figura 37 Postagem de Sônia (12/09/2022).



Fonte: 50 Instagram de Sônia Guajajara.



Postagem da categoria “c” na 3ª semana do mês de setembro de 2022.

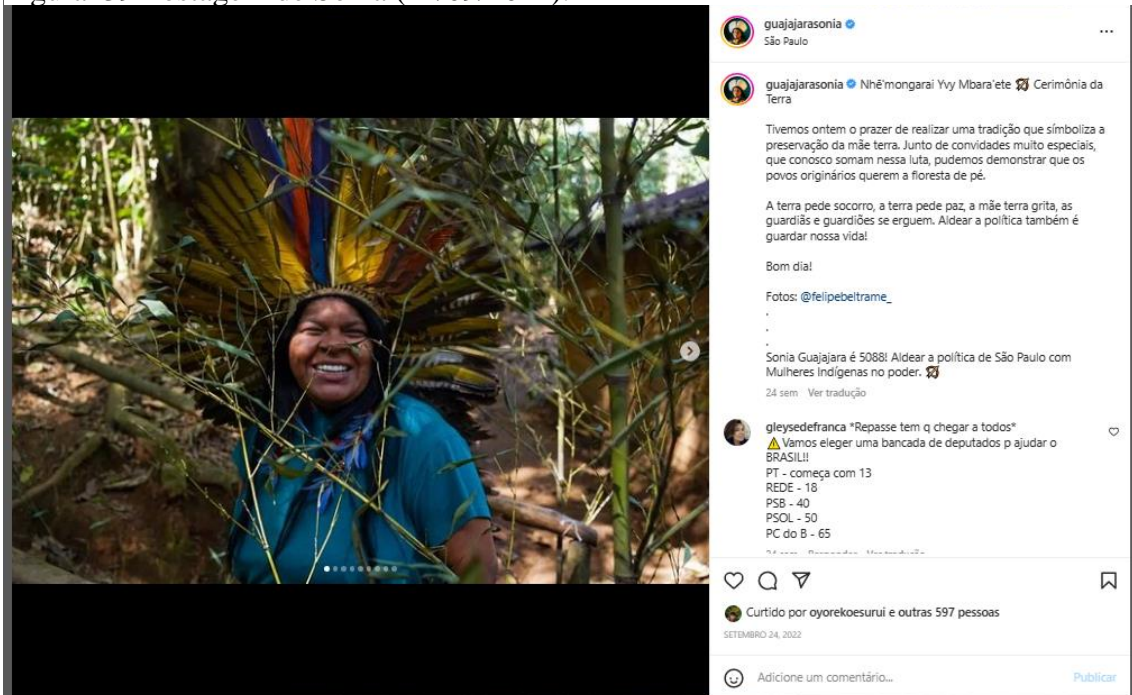
Figura 38 Postagem de Célia com Gilberto Gil, (22/09/2022).



Fonte: 51 Instagram de Célia Xacriabá.

Célia tira foto ao lado de Gilberto Gil no dia (22/09).

Figura 39 Postagem de Sônia (24/09/2022).



Fonte: 52 Instagram de Sônia Guajajara.

Postagem entre a 4ª semana de setembro, e a 1ª semana de outubro de 2022.

Figura 40 Postagem e Célia (26/09/2022).



Fonte: 54 Instagram de Célia Xakriabá.

Célia em luta pelos direitos dos povos originários.

Figura 41 Postagem de Sônia (29/09/2022)



Fonte: 53 Instagram de Sônia Guajajara.

Foto de Sonia Guajajara e à cantora Anitta. Evento em São Paulo. (29/09).



#### 5.4 Narrativa com conteúdo de vídeo, foto e *live*

Quadro: 5 Narrativa com conteúdo de vídeo: vídeo com foto e *live* postada após finalizar a transmissão + legenda (v)

<b>Narrativa “d”</b>
<b>Narrativa com conteúdo de vídeo: vídeo com foto e <i>live</i> postada após finalizar a transmissão + legenda (v)</b>
Neste tipo de narrativa, os perfis gravam a mensagem fazendo alguma chamada para os seguidores ou é gravado vídeo no próprio dispositivo com ou sem edição e postado no feed do Instagram. Para quantificar as postagens foi tirado print dos vídeos.
<b>Palavras chaves presente nos textos legendas das postagens das mulheres indígenas ativistas digitais que ressalta: a identidade, cultura e território dos Povos Indígenas</b>
Vegetação, aldear, geração, propriedade, fauna, flora, meio ambiente, terra, terra mãe, cocar, luta, Amazônia, terra natal, origem, luta, guardiões, resistência, canto, urucum, ariãtã, território.

Fonte: 55 Tabela criada pelo autor, 2024.

Postagens ao decorrer da 1ª semana de setembro de 2022.

Figura 42 Postagem de Célia (04/09/2022).



Fonte: 56 Instagram de Célia Xakriabá.

Figura 43 Postagem de Sônia (04/09/2022).



Fonte: 57 Instagram de Sônia Guajajara.

Transmissões de Célia e Sônia. Ambas fazem movimento em prol da Amazonia.

Postagens da 2ª semana de setembro de 2022

Figura 44 Postagem de Célia (13/09/2022).



Fonte: 58 Instagram de Célia Xakriabá.

Célia realiza transmissão ao vivo via (*Live*), em prol da diversidade, direto da cidade de Uberlândia-MG.

Figura 45 Postagem de Sônia (15/09/2022).



Fonte: 59 Instagram de Sônia Guajajara.

Sônia usa o Instagram no dia (15/9), para alertar o genocídio para com os povos originários.

Postagens da 3ª semana de 2022;

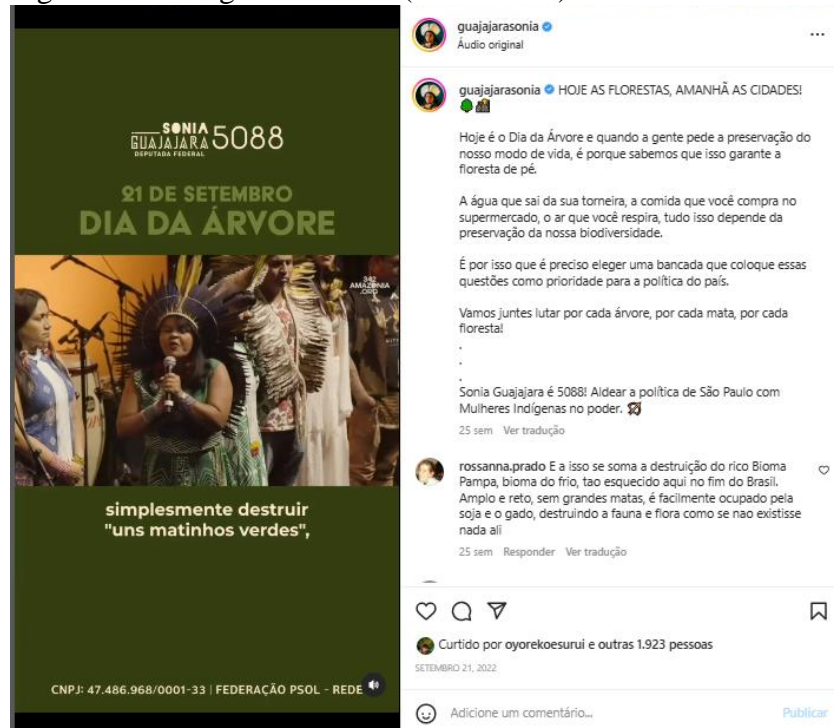
Figura 46 Postagem de Célia (19/09/2022).



Fonte: 60 Instagram de Célia Xakriabá.

No dia 19 de setembro de 2022, Célia realiza uma caminhada no estado de Minas Gerais em defesa das mulheres na política.

Figura 47 Postagem de Sônia (21/09/2022).



Fonte: 61 Instagram de Sônia Guajajara.

Em (21/9), Sônia realiza *live* da cidade de São Paulo para sobre do Dia da Árvore.



Postagens da 4ª e última semana de setembro, e a 1ª semana de outubro de 2022.

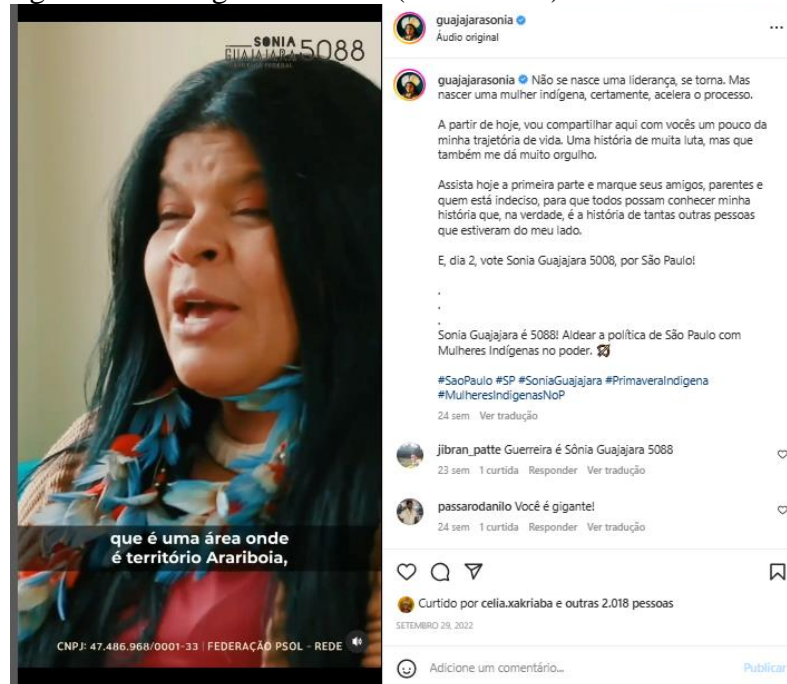
Figura 48 Postagem de Célia (29/09/2022).



Fonte: 62 Instagram de Célia Xakriabá.

Em (29/9), Célia realiza live com a presença de outras etnias indígenas.

Figura 49 Postagem de Sônia (29/09/2022).



Fonte: 63 Instagram de Sônia Guajajara.

No dia (29/9), Sônia disponibiliza uma entrevista via o Instagram pautado na sua trajetória de vida.

## 5.5 Narrativa formato *print* com texto legenda

Quadro: 6 Narrativa formato print com imagem e texto + legenda (p)

Narrativa “e”
<b>Narrativa formato <i>print</i> com imagem, imagem e texto + legenda (p)</b>
<p>Semelhante ao formato de narrativa de a) Narrativa de imagens com edição gráfica com texto-legenda (C) e Narrativa de imagem formato card somente texto + texto-legenda (C+t), só que neste post, presente o Print de outro perfil do Instagram, outras redes sociais, notícia de portais, ou seja, sites, blogs, com o título de uma notícia ou pequena informação da mesma ou de uma postagem.</p>
<p><b>Palavras chaves presentes nos textos legendas das postagens das mulheres indígenas ativistas digitais que ressaltam a identidade, cultura e território dos Povos Indígenas:</b></p> <p>Ambiente, florestas, tempo, território, morrer, força, Pataxó, planeta, poder, cocar, preservar, líder...</p>

Fonte: 64 Tabela criada pelo autor, 2024.

Postagens da categoria (e), na 1ª semana de 2022;

Figura 50 Postagem de Célia (08/09/2022).



Fonte: 65 Instagram de Célia Xakriabá.

Célia republica *Print* da matéria jornalística (Estado de Minas Gerais) sobre ato em defesa da Amazônia, realizado em Belo Horizonte.

Figura 51 Postagem de Sônia (06/09/2022).

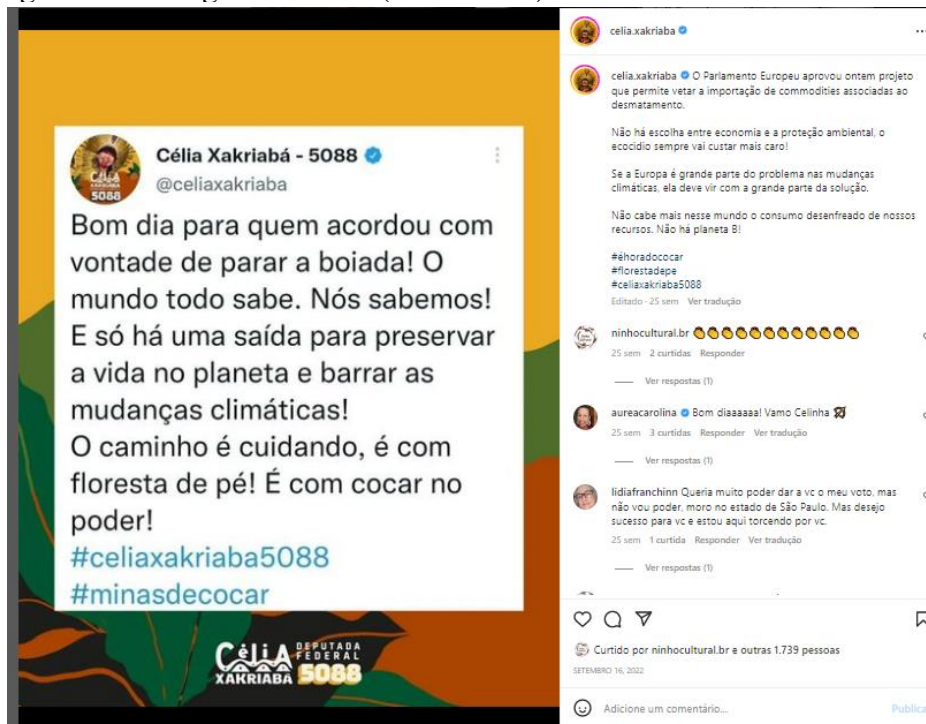


Fonte: 66 Instagram de Sônia Guajajara.

Sônia republica *Print* que alerta o massacre contra o Povo do Pataxó.

2ª semana de publicações de Célia e Sônia no mês de setembro de 2022;

Figura 52 Postagem de Célia (16/09/2022).

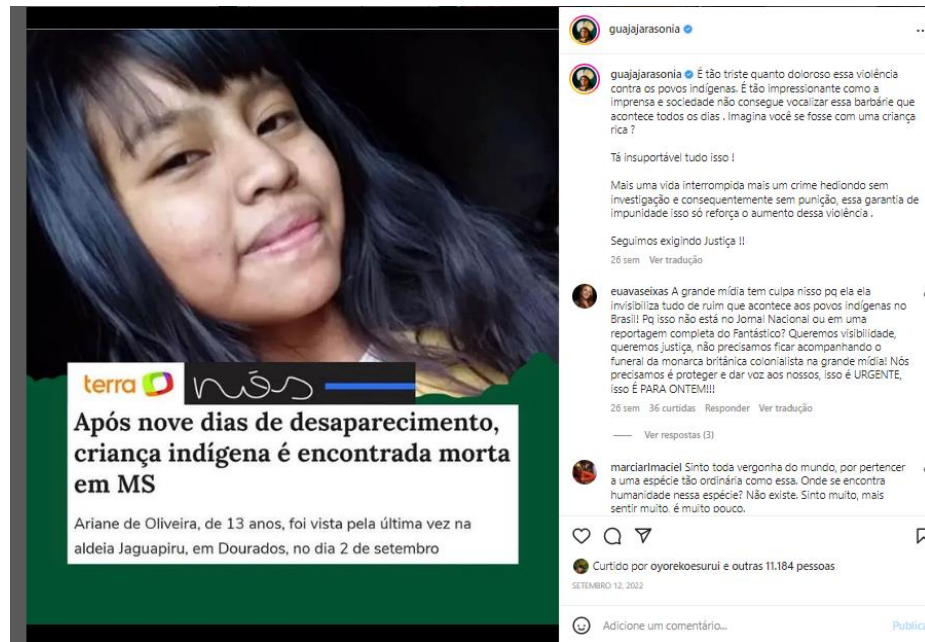


Fonte: 67 Instagram de Célia Xakriabá.



No dia (16/9), Célia faz uma alerta as mudanças climáticas.

Figura 53 Postagem de Sônia (12/09/2022).

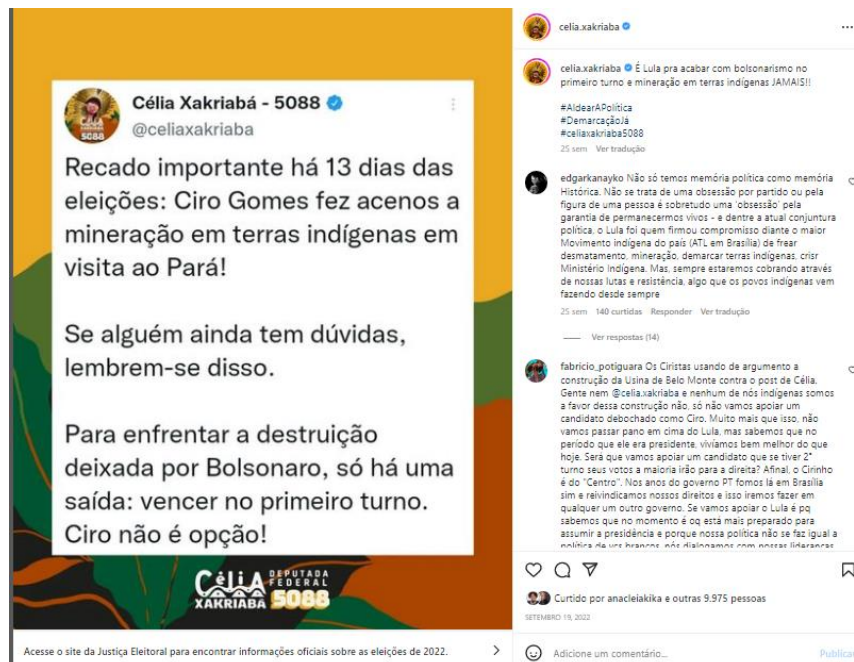


Fonte: 68 Instagram de Sônia Guajajara.

Sônia utiliza o *feed* do Instagram para republica notícia jornalística do Portal Terra.

Postagens da 3ª semana de setembro de 2022;

Figura 54 Postagem de Célia (19/09/2022).



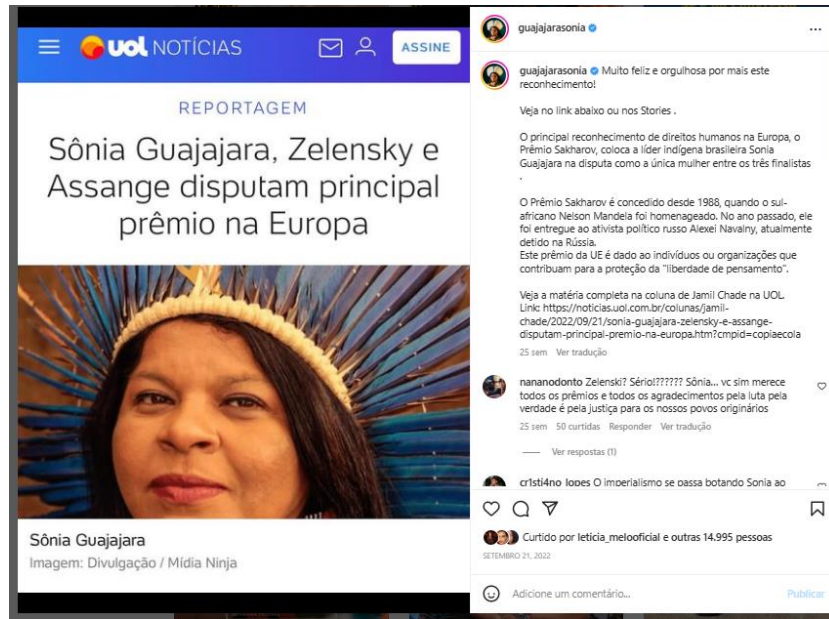
Fonte: 69 Instagram de Célia Xakriabá.

Célia faz alerta sobre apropriação de mineradoras em terras indígenas a partir



de print do próprio Instagram!

Figura 55 Postagem de Sônia (21/09/2022).



Fonte: 70 Instagram de Sônia Guajajara.

Aqui, Sônia republica print do Portal no Uol Notícias para evidenciar disputa a prêmio na Europa.

Postagens da 4ª semana de setembro e 1ª semana e outubro de 2022;

Figura 56 Postagem de Célia (30/09/2022).



Fonte: 71 Instagram de Célia Xakriabá.

Célia utiliza publicação do Portal Folha de São Paulo sobre a participação de mulheres

indígenas nas eleições presidenciais 2022.

Figura 57 Postagem de Sônia (30/09/2022).



Fonte: 72 Instagram de Sônia Guajajara.

Sônia publica *Print* da postagem do Dj Alok. O DJ deseja boa sorte para ambas mulheres indígenas ativistas digitais.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo analisou-se a formação de uma cibercultura por mulheres indígenas ativistas digitais através das suas redes sociais, especificamente, o *feed* do Instagram de Célia Xakriabá e Sônia Guajajara. Nosso objetivo geral foi elaborar um estudo sobre a construção de uma cibercultura de mulheres indígenas a partir do relacionamento e da interação delas no *feed* do Instagram.

Para isso, identificamos narrativas textuais e visuais das duas mulheres indígenas ativistas digitais que remeteram as suas respectivas culturas, identidade e território. As narrativas foram categorizadas em tipos de palavras, adjetivos a partir das publicações no *feed* do Instagram.

Com levantamento do perfil de Sônia e Célia e a análise de conteúdo dos posts do *Instagram* foi possível observar que a interação delas na *internet* vem ocupando mais espaço e ganhando notoriedade no ambiente virtual através das redes sociais e, a partir desse movimento, novas motivações surgem no espaço presencial e virtual, fazendo com que a mulher indígena conquiste mais espaço e consiga demonstrar suas próprias vivenciais, sobre seus territórios, culturas e territórios ou qualquer outro tema.

Evidenciamos cinco diferentes formas de narrativas a partir de post do *feed* do Instagram criado pelas mulheres indígenas ativistas digitais com formato com regras próprias que enaltecem a mensagem por elas emitida no ciberespaço que supre necessidades e anseios reais que estão ligados diretamente às suas histórias, ancestralidade e suas diferentes formas de vidas.

Dessa forma, a análise proposta nesta dissertação nos leva à leitura da cibercultura e atuação das mulheres indígenas ativistas digitais via Instagram de acordo com o que citamos sobre o pensamento de Lemos (2007) quando ele ressalta que a cibercultura é uma nova relação entre a técnica e a vida social. Nesta visão nossa defesa é a participação das mulheres indígenas no ciberespaço como forma de valorização da sua cultura e vida social.

A interação e a ocupação de Célia e Sônia no ciberespaço cresceu e fortaleceu suas pautas via produções de conteúdos com narrativas independentes com questionamentos de diferentes debates esboçando uma visão crítica que proporcionou uma maneira ímpar e singular de participação no ciberespaço, consolidadas por conexões e interações que dão credibilidade e contribuem para o reconhecimento delas enquanto agente propagador com voz ativa em prol de sua cultura, identidade e território através de sua audiência e penetração nos diferentes ambientes virtuais o que fortalece as vozes das mulheres indígenas nos mais diversos meios de comunicação em todo território brasileiro.

No entanto, é importante ressaltar que essa valorização da identidade indígena nas redes sociais ainda enfrenta desafios, como o preconceito e a falta de representatividade. Conforme Pankararu (2020, p. 10), "as redes sociais têm sido um espaço de resistência e afirmação da identidade indígena, mas é preciso lutar contra a invisibilidade e a estereotipação que ainda existem na sociedade".

Os estudos de cibercultura segundo Araujo (2012) destacam a importância da imagem na construção da identidade nas redes sociais, bem como a possibilidade de utilização das tecnologias digitais para a valorização da identidade indígena. Entretanto, é necessário enfrentar os desafios e lutar pela representatividade e pelo respeito à diversidade cultural.

Sonia Guajajara é uma das maiores vozes do movimento indígena brasileiro e uma das principais ativistas digitais do país. Em seu perfil no Instagram, @guajajarasonia, ela publica conteúdos que mostram a realidade das comunidades indígenas brasileiras, bem como as lutas e reivindicações desses povos.

Um dos aspectos mais interessantes do perfil de Sonia Guajajara foi a diversidade de conteúdos publicados. Ela utilizou tanto imagens quanto vídeos e textos para transmitir suas mensagens. As imagens mostraram a vida cotidiana nas aldeias, a riqueza da cultura e das tradições indígenas, além de campanhas e ações políticas. Já os vídeos foram utilizados para tratar de assuntos específicos, como a situação dos povos indígenas durante a pandemia de COVID-19 ou a luta contra a mineração em terras indígenas.

Além disso, Sonia Guajajara foi candidata a deputada federal nas eleições de 2022 pelo PSOL-SP. Em sua campanha, ela utilizou as redes sociais para divulgar suas propostas e mobilizar seus eleitores. Em seu perfil foi possível ver publicações que destacaram suas principais bandeiras, como a defesa dos direitos indígenas e o combate às desigualdades sociais, ela não assumiu o cargo para o qual foi eleita tendo em vista o convite para assumir a gestão do Ministro dos Povos Indígenas.

Célia Xakriabá é uma importante voz na luta pelos direitos indígenas e utilizou no período analisado as redes sociais para divulgar suas mensagens e mobilizar seus seguidores. Em seu perfil no Instagram, @celia.xakriaba, ela publicou principalmente imagens e vídeos que mostraram a vida nas aldeias e a luta por seus direitos.

Uma das características mais marcantes do perfil de Célia Xakriabá foi a utilização de imagens que mostram a beleza e a diversidade cultural das comunidades indígenas. Ela também utiliza as redes sociais para denunciar situações de violência e injustiça contra os povos indígenas, como a invasão de terras e a destruição do meio ambiente.

Uma das questões mais evidentes na análise dos conteúdos digitais produzidos por essas

mulheres indígenas ativistas digitais foi o fato de que elas estão utilizando as redes sociais como uma plataforma de expressão de suas opiniões, demandas e reivindicações, e isso foi algo bastante significativo para a construção de suas imagens durante a campanha eleitoral.

Ao publicar vídeos, imagens e textos, essas mulheres estão colocando em pauta questões que afetam suas comunidades indígenas, como a defesa dos direitos territoriais, o combate ao racismo e ao preconceito, a preservação da cultura e tradições indígenas, entre outros temas. Essas temáticas são muito importantes para a construção da imagem dessas mulheres como lideranças e representantes de suas comunidades, que estão lutando por seus direitos e interesses.

Outro ponto a ser destacado é a forma como essas mulheres utilizaram as redes sociais para construir uma imagem de proximidade e empatia com o público. Elas se mostram em situações cotidianas, compartilham momentos de suas vidas pessoais e familiares, e isso colaborou para humanizá-las aos olhos dos eleitores, o que possivelmente contribuiu positivamente para suas campanhas eleitorais.

Além disso, essas mulheres também utilizaram as redes sociais como uma plataforma de diálogo e engajamento com o público. Elas responderam a comentários, interagiram com seguidores e promoveram debates sobre temas relevantes para suas comunidades. Essa postura colaborativa e participativa ajudou a consolidar a imagem dessas mulheres como lideranças atuantes e preocupadas com as questões sociais.

É necessário que sejam criadas políticas públicas que visem ampliar o acesso das mulheres indígenas aos recursos tecnológicos e à formação em comunicação e *marketing* digital. Isso pode contribuir para que essas mulheres possam ter mais visibilidade e protagonismo na construção de suas imagens políticas, e para que possam lutar de forma mais efetiva pelos direitos de suas comunidades indígenas.

Em resumo, a análise do conteúdo digital produzido por Célia e Sônia durante suas respectivas campanhas eleitorais de 2022 revelou a importância delas como representantes de suas comunidades indígenas e como lideranças atuantes na luta por seus direitos e interesses. Com narrativas que abordaram o território e a natureza como elementos simbólicos da presença indígena, da cultura linguística dos povos que essas mulheres fazem parte. Vale ressaltar, que essas mulheres indígenas que se lançavam como candidatas na época, não pediram votos como em uma campanha tradicional sem uso de internet. As postagens foram centradas na figura de cada uma inserida numa proposta relacionada ao grupo étnico e não à pessoa como indivíduo.

Por fim, acreditamos que essa dissertação não tem o objetivo de concluir ou consolidar determinado cenário fragmentado dentro do ciberespaço, mas sim levantar novos debates para

a movimentação das mulheres indígenas que circulam com propriedade no ciberespaço para se comunicar e promover transformações diárias dentro e fora dos seus territórios e comunidades indígenas, já que conseguem ultrapassar as fronteiras e construir um espaço, uma narrativa própria com apoio dos dispositivos tecnológicos, em meio ao aglomerado de informações que emergem diariamente a partir das conexões criadas.

## REFERÊNCIAS

- ALBERT, B.; KOPENAWA, D. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.
- ALVES, Guilherme Francisco Waterloo Nunes. **Representações midiáticas e as mulheres indígenas**. Revista Contemporânea, n. 2, p. 73-88, 2012.
- ARAÚJO, Willian F. **Quanto custa mudar o mundo?** Análise da dimensão discursiva do ciberativismo na WikiLeaks. Revista Fronteiras: estudos midiáticos. 2012.
- ARAUJO, Denize Correa. **Imagem (ir)realidade: Comunicação e cibermídia**. São Paulo: Paulinas, 2012. Art. 3 do estatuto do Índio – Lei 6001/73. Conteúdo extraído do site **JusBrasil**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11725157/artigo-3-da-lei-n-6001-de-19-de-dezembrode1973#:~:text=II%20%2D%20Comunidade%20Ind%C3%ADgena%20ou%20Grupo,sem%20contudo%20estarem%20neles%20integrados>. Acessado em 10 de agosto de 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. – São Paulo: Edições 70, 2016.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BENTES, Ivana. **Mídia-Multidão: estéticas da comunicação e biopolíticas**. Rio de Janeiro: Manuad X, 2015.
- Blog Célia Xakriabá**. <https://www.celiaxakriaba.com/>. Consultado em 14 de abril de 2022.
- CARDOSO, Claudia Pons. Experiências de mulheres negras e o feminismo negro no Brasil. **Revista da ABPN**, V. 10, n. 25, 2018, p. 317-328. Disponível em: . Acesso 13 março de 2023.
- CARVALHO, Maria Rosário Gonçalves de. **Os Kanamari da Amazônia Oriental: História, Mitologia**. Fundação Jorge Amado. 2016.
- CERVI, Emerson U; MASSUCHIN, Michele G; CARVALHO, Fernanda C de (org.) **Internet e Eleições no Brasil**. 1ª edição. E-book versão PDF, Curitiba, 2016. Disponível em: [2016\\_ebook\\_cpop\\_internet\\_e\\_eleicoes\\_no\\_brasil\\_cervi.pdf \(ufpr.br\)](2016_ebook_cpop_internet_e_eleicoes_no_brasil_cervi.pdf). Acesso em 23 de maio de 2021.
- CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. In: Revista de Estudos Feministas. Los Angeles: Ano 10. 2002. P. 171-188.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Religião, Comércio e Etnicidade: uma interpretação Preliminar do catolicismo Brasileiro em Lagos, no século XIX**. Religião e Sociedade, São Paulo, n. 1, 1977.



CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.  
DATA REPORTAL. Digital 2022: Global overview report. Disponível em: [https://datareportal.com/re-ports/digital-2022-global-overview-report?utm\\_source=DataReportal&utm\\_medium=Country\\_Article\\_Hyperlink&utm\\_campaign=Digital\\_2022&utm\\_term=Brazil&utm\\_content=Global\\_Promo\\_Block](https://datareportal.com/re-ports/digital-2022-global-overview-report?utm_source=DataReportal&utm_medium=Country_Article_Hyperlink&utm_campaign=Digital_2022&utm_term=Brazil&utm_content=Global_Promo_Block). Acesso em: 1 maio 2022.

DAVIS, A. Y. **Mulheres, raça e classe**. 1. Ed. São Paulo: Boi Tempo, 2016.

DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete da Silva. **O digitalnativo: a presença indígena na rede**. [2017]. Disponível em: <https://docplayer.com.br/15390877-O-digitalnativo-a-presenca-indigena-na-rede.html>. Acesso em 10 de maio 2021.

FREITAS, Fernanda Luíza. **Guerreiras na rede: a luta de mulheres indígenas na internet**. In: SOUZA, Rosana (org.). *Comunicação e gênero: diálogos interdisciplinares*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. 1ª. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

FERREIRA, Ana Lúcia. **Mulheres indígenas nas redes sociais: ativismo e empoderamento**. *Revista Cadernos Pagu*, n. 59, 2021.

FREYRE, Gilberto. Prefácio à Iª edição (Gilberto Freyre). IN: FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2000, pp. 29-63.

FERREIRA, Ana Lúcia. **Mulheres indígenas ativistas digitais: por uma comunicação intercultural e decolonial**. *Anuário Inovação e Tecnologia na Educação da Rede e-Tec Brasil*, v. 1, n. 1, p. 31-45, 2021.

FERREIRA, G. B. **Identidade e políticas de reconhecimento social na sociedade de rede** [livro de actas]. Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 4. Anais [...]. Portugal: 2005.

FERNANDES, Florestan. **Antecedentes Indígenas**: Organização Social das Tribos Tupis. In: BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio (Direção). *História Geral da Civilização Brasileira. A Época Colonial. Do descobrimento à expansão territorial*. Tomo I, volume 1. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

FERNANDEZ, Maria, WILDING, Faith, WRIGHT, Michelle M. "Cyberfeminism, racism, embodiment". *Domain Errors! Cyberfeminist Practices*. New York: Autonomedia, 2003.

FOUCAULT, Michel. "A ética do cuidado de si como prática da liberdade". In: *Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2015.

GREGOLIN, M.R. **Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na WEB**.

In: FLORES, G.G.; NECKEL, N.R.F.; GALLO, S.M.L. (org). *Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. Campinas: Pontes, 2015, p. 07.

GUAJAJARA, Sônia. 28 de set. 2020. **Instagram**: @guajajarasonia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHhKhGvFvaT/>. Acesso em: 13 fevereiro de 2023.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade** 1º edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil: 500 anos de povoamento**. Centro de Documentação e Disseminação de Informações: Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6687.pdf>. Acesso em: 05 de novembro de 2022.

IBGE. Indígenas. 2022. Página Inicial. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/dados-do-censo-2022-revelam-que-o-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas>. Acesso em: 05 novembro de 2022.

IFG. Blogue para leitores. <https://blog.lfg.com.br/legislacao/direitos-dos-povos-indigenas/>. Acesso em 22 de setembro de 2023.

INNOVARE PESQUISA. **Infográfico: Os Índios Do Brasil Em Números**. Disponível em: <https://innovarepesquisa.com.br/blog/infografico-os-indios-brasil-em-numeros/>. Acesso em Fevereiro de 2023.

KAYAPÓ, E. A diversidade sociocultural dos povos indígenas no Brasil: O que a escola tem a ver com isso? *Educação em Rede - Sesc*, p. 56–80, 2019.

KRENAK, Ailton. **ÍNDIO CIDADÃO? - Grito 3 Ailton Krenak**. 2014. Disponível em: [ÍNDIO CIDADÃO? - Grito 3 Ailton Krenak - YouTube](#). Acesso em março de 2020.

Krippendorff, K. **Content analysis: an introduction to its methodology**. Londres: Sage, [1980] 2004.

LAPA, A. GIRARDELLO, G. **Gestão em rede na primavera secundarista**. In: PORTO, C., OLIVEIRA, K.E., and CHAGAS, A. 2017, pp. 29-48. ISBN 978-85-232-2020-4. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788523220204.0003>. Acessado em dezembro de 2023.

LATOUCHE, S. **A ocidentalização do mundo: ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

LEAL, Livia. **A construção da identidade das mulheres indígenas ativistas digitais nas redes sociais**. *Revista Eptic Online*, v. 23, n. 1, p. 1-15, 2021.

LEAL, Livia. **A resistência das mulheres indígenas nas redes sociais**. *Jornal da USP*, 2021.

LEAL. Heloisa Eneida. Et al. **Mulheres Indígenas em Pernambuco: Afirmado Tradições, Identidades e Protagonismos**. Dona Pacífica Pipipã, 2011.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 4ª. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo – SP. Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **Ciberdemocracia**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

LITTLE, Paul. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Série Antropologia, nº 322. Brasília: UnB, 2002.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2019.

MARIE CLAIR. Disponível: <https://revistamarieclaire.globo.com/politica/noticia/2022/12/sonia-guajajara-faz-historia-ao-se-tornar-a-primeira-ministra-dos-povos-originarios-no-brasil.ghtml>. Acessado em 06 de mai de 2023.

MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação**. Ciência da Informação. Brasília, v.30, n.1, p. 71-81, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2001.

MELO, Mariana. **A valorização da cultura indígena nas redes sociais**. Revista Ciberlegenda, v. 39, n. 2, p. 25-37, 2017.

MILHOMENS, Lucas. **Comunicação, Questão Indígena e Movimentos Sociais Reflexões Necessárias**. Embu das Artes, SP: Alexa Cultural; Manaus, AM: EDUA, 2022. 248 p.

MILHOMEM, Maria Santana F. dos Santos. **Enfoques de gênero no contexto indígena Xerente: algumas constatações**. Cad. Esp. Fem: Uberlândia/MG, v. 24, n. 1, p. 103-121, 2011. Disponível em < <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/14220>>. Acesso em 04 jan 2021.

MORAES, Denis de (Org.), RAMONET, Ignacio e SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder**. São Paulo: Boitempo, 2015.

MORAES, Dênis de. **“O ativismo digital”**. **Biblioteca Online de Estudos da Comunicação**, 2001. Disponível em < <https://pt.scribd.com/document/63666643/Denis-Moraes-O-Ativismo-Digital> > Acessado em 08 de novembro de 2022.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2011.

NEVES CORRÊA, Maurício. (Tese de doutorado). **Heterotopias no país do milagre: os corpos indígenas e as histórias filmadas**. UNESP – Araraquara. 2018. P. 104.

NIMUENDAJÚ, C. **Textos indigenistas: relatórios, monografias, cartas. Introdução de Carlos de Araújo Moreira Neto**. Prefácio e coordenação de Paulo Suess. São Paulo: Loyola, 1982. (Coleção Missão Aberta, 6).

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lúcia. **Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1998.

OLIVEIRA JÚNIOR, Elvio Juanito Marques de. **@KWÊ-XERENTE: A RESSIGNIFICAÇÃO DAS TRADIÇÕES CULTURAIS E O PROTAGONISMO INDÍGENA NO FACEBOOK.** / Elvio Juanito Marques de Oliveira Júnior. – Palmas, TO, 2018.

OLIVEIRA, João Pacheco de; Freire, Carlos Augusto da Rocha. **A Presença Indígena na Formação do Brasil.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco e LACED/Museu Nacional, 2006.

OLIVEIRA, Joana Queiroz de. Mulheres indígenas nas redes sociais: produzindo imagens e discursos sobre si. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, n. 3, p. 757-775, 2019.

ORTOLAN MATOS, M. H. **Rumos do movimento indígena no Brasil contemporâneo: experiências exemplares no Vale do Javari.** Tese (Doutorado). Unicamp, Campinas, 2006.

PANKARARU, Júlio César. **Indígenas na mídia: visibilidade, invisibilidade e estereotipação.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, Joinville. Anais... São Paulo: Intercom, 2020. p. 1-14.

PEDROSA, Clara Cristina Cruz; MONT'AVÃO, Victória Diamantino Ferreira. Novas fronteiras no feminismo: o feminismo indígena. **Percurso - ANAIS DO VII CONBRADEC**, vol.01, n°.20, Curitiba, 2017. pp.75-81. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/percurso/article/view/2436> . Acesso em: 03 de jan. 2023.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 1995.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** São Paulo: Editora Contexto, 2005.

PEREIRA, Eliete. **Net-ativismo indígena brasileiro: notas sobre a atuação comunicativa indígena nas redes digitais.** In: DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete; ROZA, Erick (orgs.). *Net-ativismo: redes digitais e novas práticas de participação.* Campinas: Papirus: 2017. p. 169 a 182.

PESCE, Lucila; BRUNO, Adriana Rocha. **Educação e inclusão digital: consistências e fragilidades no empoderamento dos grupos sociais.** Dossiê - In/exclusão digital e Educação. *Educação (PUC RS)*. v. 38, n. 03, set.-dez. 2015. p. 349-357. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/faced/arti cle/view/21779>. Acesso em 9 mar de 2021.

PINSKY, Jaime. **A Escravidão no Brasil.** 21. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PLANT, Sadie. **Mulher Digital; O feminismo e as novas Tecnologias.** 1 ed. Rosa dos Tempos, 1999.

POR que a violência contra as mulheres indígenas é tão difícil de ser combatida no Brasil. **Huffpost Brasil.** 2016. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2016/11/25/por-que-a-violencia-contra-mulheres-indigenas-e-tao-dificil-de-s\\_a\\_21700429/](https://www.huffpostbrasil.com/2016/11/25/por-que-a-violencia-contra-mulheres-indigenas-e-tao-dificil-de-s_a_21700429/) . Acesso em: 04 nov. 2022.

PORTAL 3ct – ISOLAMENTO. Disponível em: <https://www.3tc.com.br/blog/cop-27->



SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. Revista USP, São Paulo, v.1, 2010.

SOLLFRANK, Cornelia. "The truth about cyberfeminism". Disponível em <http://archive.constantvzw.org/events/e12/nl/corsolnl.html> Acessado em 12 de novembro de 2022.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "Índios no Brasil"; Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/indios-brasil.htm>. Acesso em 13 de fevereiro de 2023.

SOUZA, Ananda Louzeiro, et al. **Uma Mulher Indígena: notas sobre a participação de Sônia Guajajara nas eleições presidenciais de 2018**. 2018.

TAVARES, Viviany Rodrigues de Souza. BARBOSA, Bruno dos Reis. SANTOS, Flávia Martins. **O Uso Das Redes Sociais Como Meio De Mobilização Social nos protestos nacionais de junho de 2013**. Artigo apresentado no Eixo 7 – Redes sociais na Internet e Sociabilidade online do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura realizado de 20 a 22 de novembro de 2013. Disponível em: [Microsoft Word Viewer - 26008arq03885512165.docx \(abciber.org.br\)](#). Acesso em abril de 2021.

TELES, Karine. **Mulheres indígenas nas redes sociais: construindo novas imagens e discursos**. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, n. 16, 2020.

TELES, Karine. **Mulheres indígenas ativistas digitais e suas narrativas de resistência**. In: Anais do VIII Colóquio de Moda. Rio de Janeiro: E-papers, 2020. p. 297-304.

TELES, R., Kaxuyana, V. P. P., Gavião, M. *Feminismo para as mulheres indígenas* Recife, PE: SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia. 2018. Recuperado de <https://soscorpo.org/?p=6537> . Acesso em Fevereiro de 2023.

THOMPSON E. P. **A formação da Classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (vol. II).

TOUPIN Sophie, HACHE, Alex. **Feminist autonomous infrastructures**. In: **Global Information Society Watch 2015: Sexual rights and the internet**. APC and Hivos, 2015 [[www.giswatch.org/sites/default/files/gw2015-hache.pdf](http://www.giswatch.org/sites/default/files/gw2015-hache.pdf) - acesso em: 02 de setembro de 2022]. » [www.giswatch.org/sites/default/files/gw2015-hache.pdf](http://www.giswatch.org/sites/default/files/gw2015-hache.pdf)

TORRES, Juliana Cutolo. **Cyborgcracia: entre gestão digital dos territórios e redes sociais digitais**. In: **Do Público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social**. Organizador Massimo Di Felice. São Caetano do Sul – SP: Difusão Editora, 1. Ed.2008.

UGARTE, David de. O poder das redes. **Manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas chamadas a praticar o ciberativismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

UNAMA. **Universidade da Amazônia. A Carta de Pero Vaz de Caminha**. Belém: Núcleo de Educação a Distância. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000283.pdf>. Acesso em: 02 novembro

de 2022.

WIENER, Norbert. **Cybernetics. Or control and communication in the animal and the machine.** The Technology Press; John Wiley & Sons, Inc., New York; Hermann et Cie, Paris; 1948. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-symbolic-logic/article/abs/norbert-wiener-cybernetics-or-control-and-communication-in-the-animal-and-the-machine-the-technology-press-john-wiley-sons-inc-new-york-hermann-et-ie-paris-1948-194-pp/B03748034673BCFF03E9B65D3067D5A7>. Acessado em 23 de outubro de 2022.

YAM. **Célia Xakriabá: Curar a Terra é Curar a Nós Mesmos.** <https://yam.com.vc/sabedoria/791662/celia-xakriaba-curando-a-terra-curamos-a-nos-mesmos>. Acesso em 17 de abril de 2022.